

Mário José Andrade dos Santos

A  
**SEXUALIDADE**

NA  
**PSICOSE**

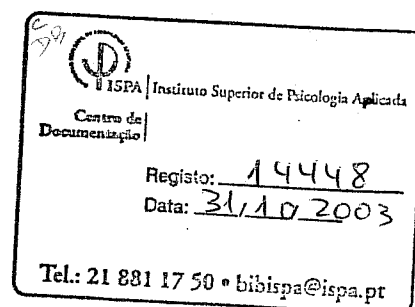
*Dissertação de Mestrado em Psicopatologia  
e Psicologia Clínica*

Orientada pelo Professor Doutor Carlos Amaral Dias

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Lisboa

Ano 2000



A  
**SEXUALIDADE**

NA  
**PSICOSE**

*Vértice Psicanalítico*

## **Agradecimentos**

Agradeço ao *Prof. Dr. Carlos Amaral Dias*, meu mestre e amigo, que me tem transmitido cultura, saber psicanalítico, rigor científico, e amor à verdade, que me tem estimulado à pesquisa, à investigação, e ao pensar, e no qual sempre encontrei disponibilidade, tolerância e compreensão.

Agradeço ao *Dr. António Coimbra de Matos*, que foi meu analista, é meu mestre e amigo, por tudo o que comigo partilhou e que me permitiu continuar a crescer, a expandir-me, pelo saber viver e pelo gosto de aprender, vivendo com os outros e com o próprio, e estudando e experimentando criativamente, e pelo casamento do rigor científico com a arte e a afectividade.

Ao *Prof. Dr. Carlos Amaral Dias* e ao *Dr. António Coimbra de Matos*, pesquisadores de novos vértices, a quem estou muito grato, muito obrigado! e um forte e caloroso abraço de amizade.

Agradeço aos meus doentes que me têm possibilitado conhecer mais e entender melhor o complexo e multifacetado funcionamento da mente humana.

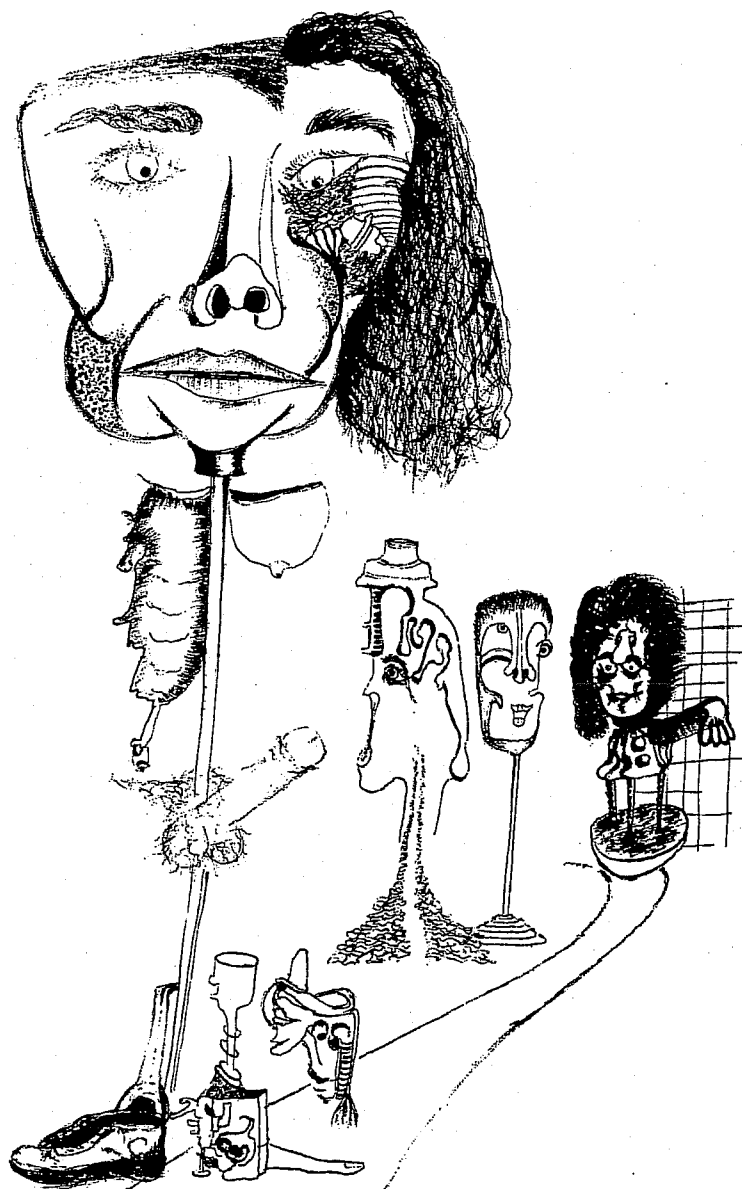
Agradeço à minha mulher e aos meus filhos pela compreensão e tolerância dada a minha menor disponibilidade em alguns momentos da realização do mestrado.

Agradeço à minha mulher a ajuda que me deu na tradução de textos para algumas disciplinas da parte curricular do mestrado.

**Dedico**

esta dissertação à Manuela (minha  
mulher), e ao Diogo e à Margarida  
(meus filhos).

## A Sexualidade na Psicose



ou, os piratas do pénis de pau, corpo de vidro, e mente de mau

## ÍNDICE

I) **Introdução** — Pg. 6

II) **O que se entende por sexualidade?** — Pg. 7

III) **Sigmund Freud** — Pg. 10

1) *Fases do desenvolvimento libidinal* — Pg. 10

2) *Psicose e Sexualidade* — Pg. 26

IV) **Wilfred Ruprecht Bion** — Pg. 38

V) **Carlos Amaral Dias** — Pg. 68

VI) **Caso clínico** — Pg. 88

VII) **Tecedura** — Pg. 116

1) *Emalhamento de fios de teoria com fios de teoria* — Pg. 116

2) *Entrelaçamento de fios do caso clínico com fios de teoria* —  
Pg. 121

VIII) **Conclusão** — Pg. 125

**Bibliografia** — Pg. 126

## **I) Introdução**

Esta dissertação tem como hipótese que, a sexualidade, no ser humano, nasce do acasalamento, criativo, do funcionamento mental (condição humana) com o funcionamento sexual biológico (condição animal), que, por isso mesmo, o nascimento e desenvolvimento da sexualidade, acompanha o próprio nascimento e desenvolvimento biológico e mental, entrelaçados numa dança de espiral crescente, influenciando-se e enriquecendo-se mutuamente, mas onde a mente conduz o biológico.

Sendo esta a hipótese, pretende-se, nesta tese, comprová-la através do modo como o funcionamento mental do psicótico influencia a sua sexualidade.

Como método, para esta investigação, iremos, primeiro apresentar uma parte teórica, depois um caso clínico (sessões de psicoterapia) de um pré-adolescente psicótico, e por fim a ligação destes dados entre si, e a conclusão final.

" Transforma-se o amador na cousa amada,  
por virtude do muito imaginar;  
não tenho, logo, mais que desejar,  
pois em mim tenho a parte desejada. "  
(Camões, Luís Vaz de., "Sonetos")

## II) O que se entende por sexualidade?

A sexualidade é comumente concebida como tendo início na puberdade dos indivíduos, manifestando-se pela atracção mútua que se exerce entre os sujeitos do sexo masculino e os do sexo feminino, com o objectivo de os conduzir às relações sexuais, com ou sem procriação.

Esta ideia preconcebida da sexualidade tem impossibilitado a grande maioria das populações de observar a realidade sem a escamotear, e de poderem constatar como ela é falha na amplitude real da sexualidade.

Segundo Machado, J.P. (Grande Dicionário da Língua Portuguesa) a sexualidade é o «conjunto de todos os caracteres especiais, morfológicos ou fisiológicos, externos ou internos, dos indivíduos que são determinados pela reprodução sexual.// Tendência sexual; maneira de ser própria do que tem sexo.// Exaltação ou recrudescimento dos sentidos.».

Esta definição apenas acentua alguns traços do conceito comum de sexualidade.

Pelo vértice psicanalítico, concretamente pelos pensamentos de Freud, S., não encontramos nos seus escritos definição de sexualidade. Aliás, no Vocabulário da Psicanálise, de Laplanche, J. e de Pontalis, J.-B., após a análise das transformações pelas quais passou a noção de sexualidade, podemos ler: «Em psicanálise, tudo o que se pode postular é que existe uma energia sexual ou libido».

Ora, é este termo libido (termo derivado da teoria das pulsões) que na teoria freudiana toma o lugar da palavra sexualidade. E isto porquê? É que para Freud, S. existia um dualismo pulsional (dois grupos de «pulsões primitivas»), primeiramente designado por pulsões do Eu (ou de autoconservação) e pulsão sexual, e posteriormente por pulsões de vida e pulsões de morte. A pulsão, segundo Rycroft, C. (Dictionnaire de la Psychanalyse), é: «Uma pressão biológica inata que faz tender à acção. Segundo a Teoria Clássica, uma pulsão tem (a) uma fonte biológica, (b) uma reserva de energia daí derivada, (c) um alvo, a saber: exercer o comportamento específico à pulsão o qual conduz à satisfação pulsional e à descarga de energia que aí é investida e (d) um objecto em relação ao qual o alvo pode ser atingido». A pulsão manifestando-se como uma necessidade é, assim, uma força quantitativa interna do organismo, actuando como uma força constante, susceptível de desencadear actividade psíquica. Ela é uma noção limítrofe entre o somático e o psíquico, ela é o representante psíquico das forças orgânicas. Como diz Freud, S. «se a pulsão não se enlaçasse numa ideia nem se manifestasse como um estado afectivo, nada poderíamos saber dela» (1915(b):2067).

A pulsão sexual deriva da excitação proveniente de uma zona erógena, ou seja, de «uma [qualquer] região da epiderme ou da mucosa que, excitada de determinada maneira, procura sensação de prazer, de uma qualidade particular » (Freud, S., 1905:100). Em relação ao seu alvo, ele é sempre o da satisfação, ainda que possa ocorrer uma transformação de «actividade» em «passividade». O objecto da pulsão sexual poderá ser facilmente trocado por um outro, quer numa actividade auto-erótica, quer numa relação com objecto externo. A pulsão sexual poderá ter vários destinos, como é o caso da sublimação, na qual o objecto e o alvo da pulsão são substituídos por outros, de modo que a pulsão, originariamente sexual, encontra a sua satisfação numa função já não sexual.

A libido, que para Machado, J.P. (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa) deriva do latim libido, «inveja, desejo; desejo excessivo, inveja desenfreada, fantasia, capricho; sensualidade, desejo amoroso, deboche,

desregramento», para Freud, S. ela designa «a manifestação dinâmica na vida psíquica da pulsão sexual» (1922[1923]:2667), quer dizer, é a manifestação psíquica da necessidade de satisfação sexual, à semelhança da fome como manifestação da pulsão de nutrição (de autoconservação).

A libido «é uma força quantitativamente variável que nos permite medir os processos e as transformações no domínio da excitação sexual» (Freud, S., 1905(1915):153), por outras palavras o conceito de libido inclui duas características, a quantitativa e a qualitativa, correspondendo respectivamente às duas palavras seguintes: energia sexual, ou seja investimento libidinal.

"Si le petit sauvage était abandonné à lui-même, qu'il conservâ toute son imbécillité, et qu'il réunit au peu raison de l'enfant au berceau la violence des passions de l'homme de trente ans, il tordrait le cou à son père et coucherait avec sa mère"

(Diderot, in Freud, S., 1938[1940](a): 3409)

"Aquele é a alma antiga [/] de Mirra celerada, e se tornou [/] do pai, fora do justo amor, amiga. [/] Esta a pecar com ele assim chegou, [/] a si falsificando alheia forma"

(Dante Alighieri, "A Divina Comédia")

### III) Sigmund Freud

#### 1) *Fases do desenvolvimento libidinal*

- A sexualidade, diferentemente da opinião comum, manifesta-se desde os primeiros tempos de vida do ser humano.

As fases do desenvolvimento libidinal dividem-se em dois grupos: as organizações pré-genitais, e a organização genital. Esta divisão, assim como a denominação das várias fases pré-genitais deriva do primado de uma zona erógena. O primado significa que essa dada zona erógena proporciona mais voluptuosidade do que as outras, em dada época. As organizações pré-genitais são, portanto, as fases libidinais em que os órgãos genitais ainda não impuseram o seu primado, ao contrário do que acontece na organização genital.

A sexualidade infantil apoia-se, de início, e desenvolve-se, a partir da satisfação de funções fisiológicas vitais para o organismo (pulsões de autoconservação as quais fornecem à pulsão sexual uma fonte orgânica, um alvo, e

um objecto, proporcionando-lhe uma relação com o objecto). Progressivamente vai-se separando dela, tornando-se então auto-erótica, progredindo para a escolha de objecto. É exemplo disto o prazer de chuchar, o qual deriva da satisfação obtida aquando da sucção do seio materno, ou do seu substituto, ou seja a actividade de chuchar começa a ser procurada, não já para obtenção de alimento, mas para obtenção de prazer.

O alvo da sexualidade infantil é a obtenção de prazer através da excitação apropriada de uma zona erógena, a qual está subordinada à actividade dessa mesma zona erógena. A sexualidade infantil começa por ser auto-erótica, pois que o prazer é obtido no próprio corpo do bebé, e não no de uma outra pessoa, quer isto dizer que a pulsão sexual parcial encontra o seu objecto no próprio corpo.

As diversas fases pré-genitais não se encontram nitidamente delimitadas umas das outras, aliás o conceito de primado de uma zona erógena subentende a existência simultânea de diversas fontes de prazer (as pulsões parciais procuram individualmente o usufruto de prazer), sendo que uma delas, contudo, em dado momento predomina sobre as outras.

A sexualidade infantil desenvolve-se posteriormente no sentido de passar do auto-erotismo para o amor objectal, unificando as pulsões parciais sob o primado da zona genital, e reunindo os objectos parciais num só único e inteiro objecto.

- Iniciando-se com o nascimento do bebé e continuando até ao desmame (primeiro ano de vida), a primeira fase pré-genital é denominada de «oral» (ou «canibal», já que com o aparecimento dos dentes surgem mordeduras no objecto), na qual a boca é a principal fonte de prazer.

O objecto primário da pulsão sexual nesta fase é o seio materno, ou o seu substituto. O prazer de chuchar começa a ser procurado por si só.

Relacionando-se com a ingestão de alimentos, encontramos nesta fase a incorporação do objecto parcial nutridor e sexual (indiferenciação inicial entre o Eu e o não-Eu), e de vários outros objectos que despertam o interesse do bebé,

como se o prazer de ter fosse idêntico ao prazer de ser. Este mecanismo de incorporação, assim como o da introjecção que surgirá na fase seguinte (sádico-anal), são a base do processo de identificação.

A relação do bebé com os seus objectos parciais, desenvolve-se em duas direcções: Uma a do auto-erotismo, onde surge a primeira fase masturbatória, enquadra-se no narcisismo primário. A outra a da relação anaclítica, quer dizer, a relação de dependência física absoluta face às pessoas que cuidam do bebé, pessoas essas que são para ele objectos funcionais.

A descoberta do objecto externo (diferenciação do Eu do não-Eu) realiza-se gradualmente. Ela inicia-se da constatação da falta do objecto anaclítico nos momentos de ausência deste. A tomada de consciência sobre os objectos externos leva o bebé, de seguida, a diferenciá-los entre objectos conhecidos (de confiança e amados) e os objectos estrangeiros (sentidos como perigosos). A relação do bebé com a mãe torna-se ambivalente com o surgimento das pulsões sádicas, ou seja quando o desejo de morder e de destruir a mãe esbarra no desejo de a conservar (equivalência de forças entre pulsões antagónicas: coexistência de tendências amorosas e de tendências destrutivas para com o mesmo objecto).

A segunda fase pré-genital é denominada «sádico-anal», dado que o sadismo caracteriza a totalidade desta fase. Decorrendo ao longo do 2º e 3º ano de vida, a zona anal é a fonte principal de prazer. O alvo pulsional realiza-se através, quer do prazer na retenção, quer no prazer na expulsão das fezes. O objecto pulsional são as matérias fecais, ainda que a mãe se mantenha importante. A ambas a criança tenta manipulá-las. As matérias fecais (perante as quais a criança inicialmente não vivência repugnância), por um lado excitam directamente a zona anal (apoiada na função fisiológica de defecar), por outro, elas são consideradas pela criança como uma parte do seu próprio corpo, o que associado ao acto de conservar (reter) dentro de si ou de se separar (expulsando para o exterior) das fezes, conduz a duas vias: Uma a de salientar a distinção entre objecto interno e objecto externo, a outra, a de as matérias fecais simbolizarem um «presente», que a

criança dá ou recusa ao outro (adulto, principalmente aos pais), respectivamente demonstrando afecto e obediência, ou oposição e hostilidade.

O sadismo encontra-se quer na oposição retensiva das fezes quer na expulsão inoportuna.

A relação de objecto, por um lado baseia-se no modelo das relações da criança com as suas matérias fecais, e por outro, ela é função dos conflitos suscitados pelas exigências educacionais de limpeza. Neste contexto encontramos relações sádicas (agressão prazerosa contra o objecto. Esta hostilidade é menos destrutiva para com os objectos internos e externos, do que a agressividade da fase oral), relações masoquistas (obtenção passiva de prazer através de experiências dolorosas), e relações ambivalentes.

Nas relações sádicas uma das tendências é destruir o objecto exterior e afastá-lo de si, à semelhança de como as fezes são consideradas inicialmente pela criança, como objectos destruídos e pelos quais ela não tem qualquer consideração, a outra tendência vai no sentido de sendo o objecto posse sua (propriedade privada, como o são as suas fezes) , pode sobre ele exercer controle de poder afectivo (dando-se ou opondo-se-lhe). Estas relações são acompanhadas na criança sádica de sentimentos de onipotência e de sobreestima narcísica. Nas relações masoquistas a criança comporta-se de modo tal que leva o outro a bater-lhe ou a castigá-la (não devendo a dor física, e, ou mental, ser excessiva), situação da qual a criança retira prazer. Nas relações ambivalentes (As atitudes afectivas ambivalentes para com a mesma pessoa podem existir durante bastante tempo sem que resulte daí conflito. Logo que ele venha a desencadear-se a criança poderá resolvê-lo deslocando um dos polos da sua ambivalência sobre um outro objecto) os objectos poderão ser recusados e destruídos, semelhantemente à expulsão das fezes destruídas, ou amados, dos quais a criança se apropria, guardando-os dentro de si (introjecção) a modos do que faz com as fezes tidas como coisas boas, as quais são retidas no seu interior para si próprio Em sentido relacional inverso, a proibição pelo adulto de a criança se entreter prazerosamente com a actividade anal e com as fezes, conduz a

criança a consciencializar ainda mais a separação existente entre si e os outros, entre o seu mundo interno e o externo, e à necessidade de reprimir alguns dos seus prazeres, de tal modo que o anal tornar-se-á o símbolo de tudo o que é proibido.

No sadismo predomina a actividade de dominar e de humilhar, enquanto que no masoquismo predomina a passividade e a submissão. Deriva daqui o surgimento, nesta fase, do par antagonista activo/passivo (sinónimo posterior, respectivamente, do par masculino/feminino, através da significação psicológica que este último par transmite ao primeiro, aquando da fusão de ambos), o qual marca profundamente as relações objectais, próprias desta fase, derivadas do investimento anal. A partir deste par activo/passivo outros pares começam a ser percebidos pela criança, tais como: grande/pequeno, belo/feio.

Nesta fase sádico-anal há consciência, por parte da criança, da existência dos dois sexos, ainda que não baseada na diferença dos genitais, mas na polaridade activo/passivo.

- A terceira fase pré-genital, que surge após os três anos de idade, denomina-se «fálica». «Nesta fase, que já merece ser chamada genital, encontra-se um objecto sexual e uma certa convergência de tendências sexuais sobre este objecto. Mas existe uma diferença essencial entre ela e a organização definitiva na época da maturidade sexual: esta fase só conhece uma espécie de órgão genital, o órgão masculino. Foi por esta razão que o denominei estádio de organização fálica.» (Freud, S., 1905(1923): 125/6). Nesta fase instaura-se uma relativa unificação das pulsões parciais sob o primado do phallus. O pénis, existente no rapaz e falho na rapariga, origina o par fálico/castrado, sucessor do par antagonista, da fase anterior, actividade/passividade. A oposição dos sexos é equivalente à oposição fálico/castrado.

A sensação de prazer proporcionada pelas zonas genitais, e a necessidade de repetir esse prazer, remontam ao lactente (1ª fase da masturbação infantil, ou masturbação primária), mas aí ainda sem conteúdo psíquico. Uma das origens da excitabilidade das zonas genitais deriva das manipulações aquando dos

cuidados de higiene corporal, outra deriva da própria micção. Na fase fálica há um incremento masturbatório da zona genital (2ª fase da masturbação infantil, ou masturbação secundária). «A masturbação [na época do complexo de Édipo, quer no rapaz quer na rapariga] não é mais do que a descarga genital de excitação sexual correspondente ao complexo, e deverá a esta relação a sua significação para todas as épocas posteriores» (Freud, S., 1924(a): 2749). A terceira fase da masturbação irá surgir na puberdade, após um recalçamento desta no período de latência. A amnésia infantil que surge no período de latência, relaciona-se com esta actividade masturbatória da fase fálica, actividade reprimida pelos pais, mas sobretudo devido aos fantasmas masturbatórios edipianos, geradores de angustias e culpabilidade.

Segundo Freud, S. «a simbólica sexual, a representação do sexual por objectos e relações sexuais, remontam às primeiras tentativas da criança para se exprimir pela palavra» (1905: 115). A pulsão de saber que surgirá entre os três e os cinco anos de idade, não derivando exclusivamente da sexualidade, integra contudo a sublimação da necessidade de dominar e serve-se do desejo de ver. «A criança liga-se aos problemas sexuais com uma intensidade imprevista, e pode mesmo dizer-se que são esses problemas que despertam a sua inteligência» (Freud, S., 1905: 117), sendo que esse interesse se manifesta principalmente quando estão em causa a sua integridade corporal, e o amor do outro por ela, principalmente o amor dos pais.

Uma das questões que intriga a criança é a da origem dos bebés. A resposta a que geralmente chegam é a de que a concepção se realiza por via oral, qualquer coisa que os adultos ingeriram, e que se desenvolve no ventre materno (intestino), nascendo depois através do ânus, à semelhança da defecação (as fezes adquirem o significado de um bebé), ou então a resposta será uma outra solução anatómica. Quanto às relações sexuais, a criança conceptualiza-as como uma união aquando da defecação ou da micção. Através da cena originária, em que a criança testemunha ou fantasia ter sido testemunha das relações sexuais dos pais, surge a concepção sádica do coito. A criança tem apenas uma ideia muito vaga acerca do

papel que desempenha o pénis na satisfação amorosa. Nesta cena originária surgem alguns mecanismos como, a identificação com um dos pais ou aos dois (identificação às atitudes activas/passivas), a projecção da agressividade da criança (coito sádico), e o sentimento de abandono (excluído da cena sexual).

As teorias sexuais infantis são determinadas quer pelo conhecimento a que as crianças têm acesso, quer pelo modo como lhe são inteligíveis, ou seja, estão condicionadas pelo estado actual da sua ainda imatura sexualidade. «Nas suas investigações sexuais a criança é sempre solitária; é para ela um primeiro passo com o fim de se orientar no mundo» (Freud, S., 1905: 121). A criança que não foi sujeita a uma acentuada repressão sexual, começará por procurar os pais, ou outros adultos substitutos, com o fim de obter deles conhecimento sexual, contudo sentindo-se ludibriada por estes, prossegue de modo secreto as suas investigações sexuais.

As teorias sexuais infantis edificam-se numa época em que os elementos sexuais emergem nas crianças sem obstáculos nem modificação, posteriormente, todas estas investigações e teorias sexuais infantis irão sucumbir sob o recalçamento e cair no esquecimento.

Na fase fálica o pénis (falo) é apreendido como um órgão de poder, ou de completude, portanto num registo narcísico. O rapaz inicialmente afirma a existência do órgão genital masculino em ambos os sexos, mesmo após a realidade revelar-lhe o contrário (negação da castração pela negação do sexo feminino), enquanto que a rapariga virá a reconhecer mais rapidamente em si a ausência do pénis. A inveja fálica, ou inveja do pénis surge na rapariga desde o momento em que ela reconhece o seu clítoris como pequeno e pouco notório face ao pénis do rapaz. Perante esta comparação do clítoris com o pénis a rapariga tem três saídas: Uma, o afastamento geral da sexualidade, outra, o complexo de masculinidade, e a terceira, a que conduz à atitude feminina normal, a que leva a tomar o pai como objecto sexual (complexo de Édipo). O complexo de castração centra-se no fantasma da castração, o qual traz uma resposta à criança quanto ao enigma da diferença anatómica dos sexos (presença ou ausência do pénis), sendo esta

diferença atribuída ao corte do pênis que a rapariga possuiria. Como se verá mais adiante, o complexo de castração está em estreita relação com o complexo de Édipo, e especialmente com a sua função interditória e normativa.

O rapaz sabendo-se possuidor do falo, sobreinveste-o como símbolo da sua valorização narcísica, donde a tendência a exibi-lo. Esta situação leva o rapaz a temer que algo possa vir a danificar o seu pênis (falo). De início o rapaz defende-se da angústia de castração negando a realidade (ausência de pênis na rapariga), depois, imagina que o pênis virá a crescer à rapariga, e depois ainda, que a ausência do pênis nela se deve a um castigo que lhe foi aplicado pelos pais, devido à existência nela de desejos e prazeres interditos (projectão da sua própria culpabilidade pelas suas actividades masturbatórias). Nem todas as mulheres, ainda durante algum tempo, são vistas como falhas de pênis, quer pelo rapaz quer pela rapariga. Crêem numa mãe fálica, a qual conservaria o seu pênis (poderio adulto). A rapariga após um período de negação da ausência do pênis, esperando que o clítoris cresça e fique do tamanho do pênis do rapaz da sua idade (período onde se inicia o complexo de masculinidade), aceita a sua falha como um acto consumado, como uma ferida narcísica, que a leva ao sentimento de inferioridade. A rapariga não considera a sua falta de pênis como uma característica sexual sua, mas pressupõe que o possuiria de início, só que o teria perdido posteriormente (castração). A rapariga, primeiramente, defende-se desta situação reivindicando o falo (inveja do pênis), no entanto, como a rapariga continua sem obter o pênis, esta volta-se para o pai, ao mesmo tempo que desvaloriza a mãe (também ela falha), e a acusa de a ter privado do pênis (desprendimento da vinculação afectuosa com a mãe), tentando junto do pai obter dele um filho (substituto do pênis). Para o rapaz seria aquando das questões da génese e do nascimento dos bebés, em que só as mulheres estão habilitadas a isso, é que ele deixa de atribuir à mãe um pênis, teorizando então sobre a troca de um pênis por um bebé.

O complexo de castração, na rapariga proporciona o momento de entrada no complexo de Édipo (formação secundária), ao levá-la a afastar-se da

mãe, e a aproximar-se do pai (mudança de objecto), com o fim de obter dele o que lhe falta (o falo), através da equivalência pênis igual a filho. No rapaz, o complexo de castração permite a ultrapassagem do complexo de Édipo, interditando-lhe o objecto materno, e acedendo à identificação paterna. Este efeito contrário do complexo de castração face ao complexo de Édipo no rapaz e na rapariga, é devido ao facto de o complexo de castração actuar sempre no sentido de inibir e restringir a masculinidade e estimular a feminidade.

O complexo de Édipo refere-se a um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis, que a criança vivencia para com os seus pais. Na «forma positiva», surge o desejo de morte do rival (pai do mesmo sexo da criança) e desejo sexual para com o pai do sexo oposto. Na «forma negativa», apresenta-se inversamente, amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Estas duas formas encontram-se em graus diversos na «forma completa» do complexo de Édipo. «É nele [complexo de Édipo] que a sexualidade infantil [...] atinge o seu ponto culminante. Todo o ser humano vê impôr-se a tarefa de domesticar o complexo de Édipo» (Freud, S., 1905(1920): 169), ou seja somente a ultrapassagem e supressão do complexo de Édipo permite ao sujeito instalar-se na sexualidade adulta. O complexo de Édipo conhecendo o seu apogeu na fase fálica, entre os três e os cinco anos de idade, marca a entrada no período de latência com o seu declínio, com o seu recalçamento. Na puberdade virá a revivescer, sendo suprimido através de escolha de objecto de amor definitivo não investido edipianamente. O complexo de Édipo torna-se assim um organizador fundamental na estruturação da personalidade.

O complexo de Édipo não se refere somente a uma simples situação de rivalidade amorosa, ele traduz principalmente na forma completa a ambivalência para com cada um dos pais, pondo a nu a coexistência das componentes hetero e homossexuais no mesmo sujeito (bissexualidade).

O rapaz na trama do complexo de Édipo permanece ligado ao seu primeiro objecto (a mãe), contudo há mudança no sentido do investimento em

relação a esse objecto. Ou seja, o rapaz começa nos primeiros tempos de vida por se encontrar completamente dependente da mãe, e aos poucos o rapaz vai introduzindo (e é-lhe introduzido) o pai na díada inicial, enquanto se vai dando conta de que o pai possui o falo (objecto de desejo da mãe). Desta situação derivam dois movimentos que se entrelaçam: Um que vai no sentido dum investimento objectal da mãe, pelo rapaz, abertamente sexual, tentando conquistá-la, afirmando a sua posição fálica, mas o propósito deste investimento esbarra no pai, seu rival, odiado por isso, o outro, no sentido duma ligação libidinal ao pai, que o conduz à identificação com ele (pai), sob uma posição homossexual passiva (agradar ao pai, ternura para com o pai, deixar-se conduzir por ele), e de agressividade ciumenta para com a mãe, sua rival na conquista do pai. Destes dois movimentos entrelaçados, um activo o outro passivo, emerge no rapaz, quer uma dupla identificação (paterna e materna), quer sentimentos ambivalentes para com cada um dos progenitores.

Quer devido às atitudes maternais da mãe para com o seu filho, e não erotizadas como este desejaria (donde deriva para ele ferida narcísica por sentir-se possuidor de pénis muito pequeno, já que não correspondido), quer devido à angústia de castração, representada pelo pai, o rapaz dá-se conta da inutilidade de tentar seduzir eroticamente a mãe e de afastar o pai do caminho. «A aceitação da possibilidade da castração e o descobrimento de que a mulher aparece castrada, põe, pois, um fim às duas possibilidades de satisfação relacionada com o complexo de Édipo. Ambas traziam consigo a perda do pénis: uma, masculina, como castigo; a outra feminina, como premissa.» (Freud, S., 1924(a): 2749/50). Isto leva-o a renunciar ao objecto incestuoso, a ultrapassar a angústia de castração, e ao investimento libidinal em novos objectos.

A identificação ao pai pelo filho é amadurecedora e estruturante, servindo para ultrapassar a ameaça fantasmática da castração pelo pai, contribuindo para o desfazer do complexo de Édipo, e para a entrada na latência. Contudo, a atitude carinhosa e de sedução (feminina) para com o pai deverá ser ultrapassada,

de modo a evitar que essa fixação conduza a atitudes homossexuais passivas inconscientes.

A rapariga no enredo do complexo de Édipo irá ter um percurso diferente daquele do rapaz, quer porque nela a angústia de castração não porá fim, mas dará início, ao complexo de Édipo, quer porque ela irá mudar de objecto de amor, da mãe para o pai. Este desprendimento da rapariga face à sua mãe é um passo importantíssimo no seu desenvolvimento sexual, mas a passagem da mãe para o pai implica muito mais do que uma mera troca de objecto. A rapariga sabendo-se falha de pénis (falo), vai responsabilizar a mãe por esse facto, ao qual se podem juntar outras acusações, tais como: ter sido nutrida insuficientemente, não ter sido alvo de amor exclusivo, ter-lhe sido proibida a actividade sexual. E, vai voltar-se para o pai com o alvo de obter dele o desejado falo (transferido para o seu equivalente simbólico, o ter um filho do pai. Passando de uma atitude activa de reivindicação do pénis, para uma atitude passiva receptiva), e de obter dele a sua admiração. À medida que a rapariga passa da sexualidade clitoridiana, sexualidade de carácter masculino, para a sexualidade vaginal, sexualidade de carácter feminino, a rapariga muda também de objecto, do feminino (mãe), para o masculino (pai).

Tendo sido a mãe o seu primeiro objecto de amor, isso leva a que na rapariga existam sentimentos ambivalentes para com a mãe, sua actual rival no amor do pai. Ao mesmo tempo existe raiva ciumenta e culpabilidade. (O rapaz pode resolver a sua ambivalência para com a mãe transferindo toda a sua hostilidade para com o pai.).

O desfazer do complexo de Édipo na rapariga é mais gradual e menos completo do que no rapaz. Ele provém do medo da rapariga de perder o amor da mãe (equivalente da angústia de castração no rapaz, mas com menos força dinâmica), e da ferida narcísica ligada à sua imaturidade corporal (não conquistando o pai à mãe, e não obtendo dele o filho). « Os dois desejos, o de possuir um pénis, e o de ter um filho, perduram no inconsciente, intensamente investidos, e ajudam a preparar a rapariga para o seu papel sexual posterior» (Freud, S., 1924(a): 2751).

À semelhança do que acontece no rapaz para com o pai, a identificação da rapariga à mãe irá ser possível pela ultrapassagem do complexo de Édipo, assim como o próprio processo de identificação irá cimentar a ultrapassagem do complexo de Édipo. Tanto para o rapaz como para a rapariga existem dois tipos de identificação: A identificação primária, correlativa da relação de incorporação oral, visa assegurar a identidade do sujeito, e a identificação secundária, aquando do complexo de Édipo, que conduz à identificação sexual.

O complexo de Édipo participa também na constituição da realidade do objecto, que se autentifica como um objecto global, inteiro e sexuado, substituindo-se ao objecto parcial das pulsões pré-genitais.

Quer no rapaz, quer na rapariga, o desfazer do complexo de Édipo («Se o Eu não alcançou mais do que um recalçamento do complexo [de Édipo], este continuará subsistindo, inconscientemente, no Id e manifestará mais tarde a sua acção patogénica» (Freud, S., 1924(a): 2750)) irá libertar grandes quantidades de energia, a qual irá ser investida nas aquisições intelectuais, e posteriormente também, reinvestida em novos objectos.

O complexo de Édipo desempenha também papel fundamental na constituição do Super-Eu e do Ideal do Eu. O Super-Eu é considerado como o herdeiro do complexo de Édipo, constituindo-se por interiorização das exigências e das interdições parentais. « O Super-Eu nunca chega a ser nela [mulher] tão implacável, tão impessoal, tão independente das suas origens afectivas como exigimos que o seja no homem» (Freud, S., 1925(a): 2902), e isto resulta da inter-relação entre os complexos de Édipo e de castração, diferente no rapaz e na rapariga. Esta interiorização das interdições é realizada através da identificação da criança ao Super-Eu dos pais, garantindo assim ao Eu protecção contra o retorno dos investimentos libidinais nos objectos parentais. Quanto ao Ideal do Eu, ele resulta da convergência do narcisismo (idealização do Eu) e das identificações com os pais, com os seus substitutos, e com os ideais colectivos. O Ideal do Eu constitui um modelo que o indivíduo procura alcançar.

O complexo de Édipo não é somente o produto de um dos vértices (a criança) da triangulação face aos outros dois, mas a resultante de uma complexa rede dinâmica de intra e inter-relações respeitante ao pai, mãe, e filho(a), realçando o papel importante que os pais têm, através das suas próprias atitudes face ao filho(a), no desenrolar do complexo de Édipo.

- Com o declínio do complexo de Édipo, com a constituição do Super-Eu, e com as exigências sociais sobre a criança (repressoras da sexualidade), esta entra no período de latência ( a sexualidade está latente, oculta, dissimulada, não manifesta), que se estende desde os cinco-seis anos de idade até ao início da puberdade.

No início do período de latência, e por acção do recalçamento (repelir e manter no inconsciente representações ligadas a uma pulsão. O recalçamento observa-se quando a satisfação de uma pulsão, susceptível de por si mesma proporcionar prazer, ameaçaria, contudo, provocar desprazer relativamente a outras exigências), verifica-se uma «amnésia infantil» referente a todo o período de vida anterior, restando consciente apenas alguns fragmentos desse período. Como anteriormente referimos, este recalçamento está relacionado com a actividade sexual da fase fálica.

Período de latência, de poísio do desenvolvimento sexual, já que neste período não há surgimento de qualquer nova organização da sexualidade, mas sim atenuação das actividades sexuais. Há como que um adormecimento das pulsões sexuais (ainda que este período seja perturbado a intervalos de tempo irregulares por actividades masturbatórias, tendências edipianas, e regressões pré-genitais), uma dessexualização, ao mesmo tempo que surgem as sublimações (a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo alvo não sexual, ou em que visa objectos socialmente valorizados. A actividade artística e a investigação intelectual são exemplos de actividades de sublimação), e as formações reactivas (postura psicológica de sentido oposto a um desejo recalçado constituída em reacção contra ele), as quais vão permitir as aquisições escolares, educativas e

culturais, e os investimentos nos companheiros de brincadeira, e no mundo circundante em geral. Há uma dessexualização das relações de objecto e dos sentimentos, predominando a ternura, a consideração pelo outro, e outras expressões sublimadas dos desejos sexuais, sobre estes últimos (o prazer obtido aquando das manifestações de crueldade na relação de objecto, derivadas da pulsão de dominar, são agora refreadas pelo sentimento de piedade. Pulsão sexual inibida quanto ao alvo e transformada em tendências sentimentais), predominando as identificações sobre os investimentos libidinosos aos pais, e, surgindo o pudor (antes a criança revelava prazer aberto e inequívoco, ou seja sem preconceitos em actividades tais como ver e exhibir o corpo, principalmente as partes genitais), a repugnância, e as aspirações morais e estéticas (formações reactivas).

Na fase inicial do período de latência a criança pretende a proximidade do objecto de amor, incrementando a ambivalência em relação a ele, ora obedecendo-lhe ora mostrando-se rebelde. As manifestações hostis tendem para o desaparecimento, e a criança procura outros relacionamentos com pessoas do seu meio, relações amigáveis. Torna-se permeável à influência das outras crianças e dos adultos. Da comparação destas últimas relações com a dos seus pais, a crença na onnipotência destes enfraquece-se.

- Na puberdade há um incremento decisivo no processo de desenvolvimento da organização sexual, anteriormente realizado, no sentido de caminhar-se para a forma definitiva da sexualidade, a do adulto. Na puberdade surge a organização genital propriamente dita (é reforçado o primado da zona genital), caracterizada pela unificação das pulsões parciais sob o primado das zonas genitais, em que as pulsões parciais interligadas cooperam como prazer preliminar para o mesmo alvo sexual, o da cópula (prazer terminal). No entanto, Freud, S. (1922) refere que nem todas as pulsões parciais são de igual modo utilizáveis para a organização genital, como seria o caso das pulsões anais que seriam recalçadas ou sofreriam complexas transformações. A ternura e a sensualidade, conjugadas e

dirigidas para o objecto sexual, e o alvo sexual (cópula), asseguram o carácter normal da vida sexual.

O púbere desperta do período de latência, tendo a função de se reorganizar psicologicamente face às transformações que se estão a processar no seu corpo, e de lidar com o afluxo pulsional maciço, quer de tendências amorosas, quer agressivas, que se fazem sentir de modo brutal, nesta época da vida. O desenvolvimento sexual parece retomar o ponto exacto onde ele havia sido abandonado, a resolução do complexo de Édipo, havendo agora uma intensificação das pulsões edipianas, ou seja, há uma revivescência inconsciente do complexo de Édipo. A puberdade oferece a cada indivíduo a última oportunidade de resolver espontaneamente o conflito edipiano, caso não o tenha anteriormente já resolvido. Estes processos em curso vêm trazer ao púbere uma crise narcísica e identificatória, com angústias acerca da sua identidade, e identificação sexual.

O rapaz irá continuar a investir narcisicamente o seu pénis, enquanto que a púbere transferirá o seu investimento narcísico dos órgãos genitais para o corpo na sua totalidade.

O amadurecimento psico-afectivo, e a maturidade sexual a nível físico, irá ter como consequência o facto de a libido começar a concentrar-se especificamente em sentimentos, alvos, e ideias genitais, ficando as tendências pré-genitais em plano secundário, e subordinadas às genitais. Contudo devido às repressões sociais quanto às relações sexuais na adolescência, as tendências genitais têm de procurar saída em vivências fantasmáticas, e nas actividades masturbatórias. Estas actividades, e sobretudo, as fantasias masturbatórias (muitas vezes de tipo edipiano) que as acompanham, são, ao mesmo tempo, sentidas como prazerosas, satisfazendo as necessidades genitais, e como muito censuradas, quer pelo próprio, quer pelos outros, derivando daí ansiedades (angústia de castração) e sentimentos de culpabilidade intensos.

Na puberdade, de início, a libido dirige-se novamente para os objectos de amor parentais (objectos de amor da infância), mas o púbere irá ter de abandonar

esta escolha objectal de modo a poder efectuar novas outras escolhas de objecto sexual adequadas a esta fase do seu desenvolvimento. «Os caminhos da escolha de objecto. Ama-se: 1º Conforme ao tipo narcisista (a) O que é idêntico (a si próprio). b) O que foi idêntico. c) O que idêntico quizera ser. d) A pessoa que foi uma parte de si mesmo [filho(a)]. 2º Conforme ao tipo de apoio (ou anaclítico) (a) A mulher nutridora [mãe]. b) Ao homem protector [pai]. E às pessoas substitutas de cada uma destas partes» (Freud, S., 1914: 2027). De novo se coloca o dilema entre a relação maternal, pré-genital e dual, e a relação objectal triangular e genital. O púbere, com o objectivo de ultrapassar esta situação, irá isolar-se, e comportar-se como um estranho para com os seus pais, buscando autonomia face a eles, ou aos seus substitutos simbólicos. No caso do púbere, este terá de desinvestir a sua mãe dos seus investimentos libidinosos, para os transferir sobre um objecto real estrangeiro, para além de se reconciliar com o seu pai (havendo hostilidade), ou emancipar-se da sua tirania (havendo submissão), conduzindo à oposição de gerações. «E é somente após ter cumprido esta tarefa [desligar-se dos pais] que ele poderá cessar de ser uma criança, para se tornar membro da colectividade social» (Freud, S., 1916/7[1917]: 317). O modo como o púbere sairá desta luta contra os antigos investimentos, dependerá também, para além das atitudes reais dos pais, do modo como foi ou não resolvido o conflito edipiano deles.

" Temos de começar a amar para não adoecer, e adoecemos quando uma frustração nos impede de amar"  
(Freud, S., 1914: 2024)

"Ele fora ali, àquela caverna que era o coração dos Túmulos. Entrara nela. Fizera luz onde a luz era proibida, onde ela nunca houvera desde o princípio do mundo. Mas os Sem-Nome não o tinham fulminado. [...] uma vastidão, um mistério que nunca devia ser visto. Ela vira-o [Subtúmulo] e o mistério cedera o seu lugar, não ao horror mas à beleza, um mistério mais profundo que o das próprias trevas. [...] nos olhos do seu espírito, ela via a vacilante radiação da caverna iluminada, a vida no lugar da morte"  
(Le Guin, Ursula, "Os Túmulos de Atuan")

## 2) *Psicose e Sexualidade*

- A sexualidade adulta emerge de um desenvolvimento libidinal normal, em que a fase genital vem dar uma unidade às fases pré-genitais sob o domínio dos órgãos genitais. Nela o indivíduo caminha ao encontro do outro (escolha de objecto) de sexo oposto com o propósito de constituir uma relação amorosa, conduzindo ou não à procriação, à perpetuação da espécie.

No percurso da psicosexualidade em direcção à sexualidade adulta, a libido inicia-se no auto-erotismo, passando depois pelo narcisismo (libido do Eu), desloca-se depois, sob processos identificatórios, sobre um objecto exterior idêntico (escolha de objecto homossexual), até chegar à predominância da escolha de objecto heterossexual (uma e outra escolha objectal: libido objectal). Com a predominância desta última escolha de objecto (heterossexual) as tendências

homossexuais são sublimadas, e constituem-se em pulsões sociais, associando-se a elementos das pulsões do Eu.

Esta evolução, nos casos psicopatológicos, encalha em obstáculos, donde surgem fixações, e posteriores regressões. Estes dois conceitos revelam que em cada indivíduo, no seu processo de desenvolvimento psicosexual, a libido poderá ficar fixada (persistir) em determinadas fases mais ou menos iniciais desse processo (sexualidade infantil: fases pré-genitais), e aí permanecer, pelo menos em alguns dos seus aspectos (modo de satisfação, relação de objecto...), de modo manifesto, ou potencial (recalcado), potenciando-se como predisposições psicopatogénicas. Neste caso, ela serve como ponto de chegada para uma possível regressão (retorno da libido), perante obstáculos inerentes à progressão em direcção à sexualidade adulta, e que o indivíduo não conseguiu ultrapassar.

Várias fixações podem produzir-se no decurso da evolução libidinal, e tornarem-se, uma após outra, o ponto frágil por onde a libido recalcada irrompe, começando pelas fixações adquiridas mais tarde, e vindo à medida que a doença evolui, para as fixações mais primitivas e mais próximas do ponto de partida.

No auto-erotismo (comportamento sexual infantil que se inicia precocemente, após a pulsão sexual se separar da pulsão de auto-conservação, a que lhe indicava o seu alvo e o seu objecto, como já anteriormente tinha sido referido), o indivíduo obtém satisfação sexual recorrendo unicamente ao seu próprio corpo, ou mais especificamente, no qual uma pulsão parcial encontra a sua satisfação no funcionamento de um órgão ou na excitação de uma zona erógena. Não há, portanto aqui, recorrência a um objecto total externo (apenas existe objecto parcial fantasmático), nem referência a uma imagem corporal unificada, a um Eu constituído. O auto-erotismo encontra-se nas diversas actividades pulsionais (oral, anal...) simultaneamente como fase precoce, e numa evolução ulterior, como componente de uma fase, como prazer de órgão.

No estado do narcisismo (primário) « o indivíduo em vias de desenvolvimento reúne numa unidade as suas pulsões sexuais que, até aí, agiam de

modo auto-erótico, afim de conquistar um objecto de amor, e ele toma-se, primeiramente, a ele próprio, ele toma o seu próprio corpo [Eu-corpo, imagem unificada do corpo, o qual, entretanto, havia-se constituído, permitindo assim a passagem do auto-erotismo para o narcisismo], como objecto de amor antes de passar à escolha de objecto de uma outra pessoa» (Freud, S., 1910[1911]: 306).

O Id é o reservatório original da «energia» da libido, e só após o primeiro investimento narcísico, é que o Eu dispõe realmente de um reservatório libidinal. Aquando do predomínio da libido objectal, o Eu, contudo, permanece sempre parcialmente investido (também o ideal do Eu, representando uma formação narcísica, nunca é abandonado), e os investimentos objectais permanecem-lhe ligados, segundo a imagem clássica dos pseudópodes de uma ameba, que permanecem ligados à região do núcleo (protoplasma), donde são emitidos e aonde podem retornar. Entre a libido do Eu e a libido objectal há um balanceamento, em que, quanto maior é o investimento numa delas, maior é o empobrecimento do investimento na outra. O Eu, donde parte a libido objectal, é também o local aonde retorna essa mesma libido, que reflui a partir dos objectos até aí investidos (narcisismo secundário). Ora a psicose é caracterizada, em termos libidinais, precisamente pela retirada do investimento de libido objectal, para a retornar ao Eu, reinvestindo-o, «sendo os ruidosos fenómenos patológicos correspondentes, consequentes dos vãos esforços da libido para encontrar o caminho de retorno aos objectos» (Freud, S., 1922: 2675).

O ponto de fixação da psicose encontra-se algures nos estados do auto-erotismo, do narcisismo, e da homossexualidade. Quando há fixação no estado narcísico, e regressão («corrente retrógrada» da libido) a essa fase, o que acontece é que, por um lado, devido, por exemplo, a frustrações nas relações heterossexuais, ou nas relações sociais, a libido livre que daí resulta, leva a que as sublimações adquiridas sejam anuladas, e sexualizadas as pulsões sociais, surgindo então reforçada a libido homossexual, e por outro lado, produzindo-se uma forte

intensificação geral da libido, que não encontrando saída nas vias habituais, irá irromper no ponto de fixação.

- Na psicose o núcleo conflitual encontra-se no fantasma de desejo homossexual (amar um indivíduo do mesmo sexo), ou seja, se por um lado há o desejo homossexual (falha na tarefa de manter dominada a sua homossexualidade inconsciente), por outro há a necessidade de o contradizer (dele se defender). E contradizer a proposição «eu amo-o(a)» poderá ser realizada de quatro modos. Através do delírio de ciúmes é contradito o sujeito, quer dizer que o amor pelo objecto homossexual é inconscientemente projectado no parceiro sexual heterossexual, passando este último a ser percebido como o enganando amorosamente com objectos heterossexuais. Através do delírio de perseguição é contradito o verbo, quer dizer, o amor pelo objecto homossexual é inconscientemente transformado em ódio, e projectado no referido objecto, e é esse ódio projectado, que passa a ser visto como vindo de fora, do sujeito, que passa a justificar, quer o sentir-se perseguido, quer o ódio (mudança de atitude emocional) pelo objecto perseguidor. Através da erotomania é contradito o objecto, neste caso os mecanismos são os mesmos do delírio de perseguição, mas os termos diferentes, em que o desejo homossexual é transformado em desejo heterossexual e projectado no objecto heterossexual, resultando a percepção de amor vindo deste último objecto, justificando assim o próprio amor do sujeito por esse objecto. Neste caso o resultado da transformação do amor homossexual em heterossexual, pode tornar-se consciente. Um quarto modo de lidar com a proposição «eu amo-o(a)» é negá-la totalmente «eu não amo nada, eu não amo ninguém», esta situação conduz, dado a necessidade de investir libidinalmente, a um reforço do investimento narcísico, levando ao delírio das grandezas (sobreestimação sexual do Eu). A megalomania é inversa do amor objectal.

Pelo que acabamos de expor constata-se que, no que respeita à formação dos sintomas na psicose, o elemento mais evidente é a projecção, sendo esta o processo pelo qual «uma percepção interna é recalcada e, em seu lugar, seu

conteúdo, após ter sofrido alguma deformação, torna-se consciente sob a forma de percepção vinda do exterior» (Freud, S., 1910[1911]: 311). Através do delírio de perseguição a libido é reconduzida ao objecto externo, anulando o recalçamento (retirada do investimento objectal), mas levando consigo a marca deste, na inversão do afecto, ou seja, o sentimento interno de amor é percebido como ódio vindo do exterior, e por isso aquele que presentemente é odiado e temido como perseguidor, foi outrora amado e venerado (figura do núcleo familiar do mesmo sexo, principalmente figura parental, ou é substituto dele através do processo de transferência). Quanto ao outro processo, também envolvido na formação de sintomas, o do recalçamento (insucesso do recalçamento), este, que está intimamente ligado à história do desenvolvimento da libido, e à predisposição que ela implica, decompõe-se em três fases: A primeira, a da fixação, precede e condiciona todo o recalçamento. A fixação reside no facto de uma pulsão, ou uma componente pulsional, não tendo concluído, com o conjunto da libido, a evolução normal prevista, permanece, em virtude desta paragem do desenvolvimento, imobilizada num estado infantil. A corrente libidinal em questão comporta-se então, em relação às funções psíquicas posteriores, como uma corrente pertencente ao sistema do inconsciente, como uma corrente recalcada. A segunda, a do recalçamento propriamente dito, em que por acção de mecanismos inconscientes do Eu, são recalcados quer os derivados psíquicos das pulsões imobilizadas num estado infantil, isto logo que essas pulsões ao intensificarem-se entrem em conflito com o Eu (pulsões egossintónicas), quer as aspirações que inspirem viva aversão. No recalçamento fica o afecto separado da ideia a ele associado. É esta que sucumbe ao processo de recalçamento, sendo o fim deste a coerção do desenvolvimento do afecto. Qualquer que seja o material psíquico que sofra recalçamento, devido a ser intensamente dolorosa a sua tomada de consciência, ele deve-se à relação que se estabelece entre o material a recalçar e o material primitivamente recalcado, dito de outro modo o material inconsciente serve de pólo attractor ao material a recalçar. A terceira, a do insucesso do recalçamento, na qual

há o retorno ( o emergir) do recalçado, e em que, essa irrupção se dá no local em que se verificou a fixação, implicando, então, uma regressão da libido ( dos seus elementos mais avançados) até esse ponto concreto.

Na psicose o processo de recalçamento leva a que a libido se desligue globalmente dos objectos inicialmente amados, ficando abolido o amor para com eles, até que através do processo de cura o recalçamento seja ultrapassado, e o investimento libidinal retorne a esses mesmos objectos. O desprendimento da libido dos objectos amados não é por si só factor patológico da psicose, senão quando associado a um determinado reemprego da libido livre, resultante do desinvestimento objectal, que é o investimento no próprio (retorno ao estado narcísico, estado onde havia ficado fixado), gerando o delírio das grandezas.

As ideias de catástrofe universal, que surgem na psicose, derivam da retirada total do investimento libidinal, quer daquele orientado para o mundo exterior, quer daquele orientado para o próprio sujeito (como que sem relação consigo mesmo), incluindo-se também a retirada dos investimentos do Eu sobre o exterior e o próprio, ou seja, as ideias de catástrofe universal resultam da projecção no exterior da catástrofe interna, do caos, da fragmentação interna, vivenciado como não existência de um mundo interno (retorno ao estado auto-erótico). A reconstrução desse mundo é realizada pelo psicótico através da formação do delírio ( servindo o mundo da fantasia como fornecedor de material para a construção dessa nova realidade), tentativa de cura, de reconstruir um mundo onde possa retomar o relacionamento consigo próprio e com os outros.

Na psicose o sujeito divide o (clivagem do) objecto (até aí fortemente investido de libido), decompõe nos seus elementos constituintes, condensações e identificações anteriormente realizadas. Esta clivagem tem por função despojar as representações da sua importante significação para o indivíduo, conseguindo desse modo impedir nele a manifestação de emoções fortes.

- Há inter-relação entre os processos da libido e os do Eu, sendo que, perturbações da libido interferem nos investimentos («interesses») do Eu, assim

como, modificações anormais do Eu, conduzem a perturbações nos processos libidinais.

O Eu evolue do princípio de prazer para o princípio de realidade, e a pulsão sexual evolue do auto-erotismo para o amor objectal, passando por várias fases intermediárias. À semelhança do que já anteriormente foi referido para a libido, também é nas inibições das fases precoces do desenvolvimento do Eu que se encontra a predisposição para o surgimento da psicose.

Anteriormente ao reconhecimento da realidade através dos processos psíquicos, estes tentavam satisfazer as suas necessidades e desejos através da alucinação da realização dos mesmos, contudo a decepção perante a ausência da satisfação esperada, levou ao abandono desta tentativa de satisfação, e à necessidade de representar as circunstâncias reais do mundo exterior, e tentar a sua modificação real, passando-se assim de um princípio de funcionamento mental, o do princípio de prazer, para um outro, o do princípio de realidade, tendo em conta que «como o cuidado dos bebés constitui o modelo da sua educação posterior, o domínio do princípio de prazer não termina totalmente, até ao momento em que o sujeito se desligue por completo, psiquicamente, dos seus pais» (Freud, S., 1910/1[1911]:1639).

O princípio de prazer leva a que a actividade psíquica tenda à consecução de prazer, e ao retraimento dos acontecimentos susceptíveis de causar desprazer (incremento do estímulo), enquanto que o princípio de realidade leva o Eu a representar o real, ainda que ele seja desagradável. Ou seja, com a passagem de um para o outro princípio, renuncia-se aos prazeres momentâneos, mas de consequências imprevisíveis, para, percorrendo novo caminho, alcançar, posteriormente, prazer seguro. Nos processos do inconsciente «a realidade mental fica neles equiparada à realidade exterior, e o mero desejo, ao sucesso que o realiza, conforme ao domínio do princípio de prazer. Por isso torna-se tão difícil distinguir as fantasias das recordações emergidas na consciência» (Freud, S., 1910/1[1911]: 1642). O Eu protege-se contra qualquer confusão deste género, que levasse ao

desconhecimento das distintas realidades, estabelecendo a função de juízo ou exame de realidade.

O ter em conta o princípio de realidade implica adaptações do aparelho psíquico. Tornam-se mais importantes os órgãos sensoriais, e a consciência, para além de se constituir a atenção, a memória, e o discernimento, grupo de funções que de modo activo sonda a realidade externa, regista-a, analisa-a, e guarda esses dados, para os utilizar em seu proveito nas relações adequadas com o mundo externo. A acção motora, que sob o princípio de prazer servia para descarregar o aparelho psíquico dos aumentos de estímulos (excitação), que lhe causava desprazer, tem agora sob o princípio de realidade a função de tender a modificar adequadamente a realidade com vista à satisfação possível dos seus interesses e desejos. O pensamento intervém no adiamento da acção, contendo o incremento da tensão dos estímulos, contribuindo para isso a transformação das cargas livremente móveis (processo psíquico primário inerente ao sistema inconsciente: processos de deslocamento e de condensação das cargas das ideias) em cargas fixas, ligadas (processo psíquico secundário, característico do sistema pré-consciente – consciente).

Enquanto as pulsões do Eu vão progressivamente desenvolvendo-se sob a passagem do princípio de prazer para o de realidade, a pulsão sexual afasta-se das do Eu. Através do auto-erotismo, e do período de latência (o qual interrompe o processo de escolha de objecto, que recentemente se iniciara), o desenvolvimento psíquico da pulsão sexual fica travado no seu desenvolvimento até à puberdade, e sob o domínio do princípio de prazer. Deriva daqui, por um lado, uma relação estreita entre a pulsão sexual e a fantasia («com a instauração do princípio de realidade ficou dissociada uma certa actividade mental que permaneceu livre de toda a confrontação com a realidade e submetida exclusivamente ao princípio de prazer. Esta actividade é o fantasiar [ uma espécie de atenuação das exigências da vida], que iniciando-se com os jogos infantis, continua posteriormente com os sonhos diurnos abandonando a dependência dos objectos reais» (Freud, S.,

1910/1[1911]: 1640), e por outro, relação estreita entre as pulsões do Eu e a consciência.

Quer o auto-erotismo (intensa exacerbação da pulsão sexual), que permite a satisfação fácil e imediata em objectos sexuais imaginários, ao contrário do que se passaria se fosse com objectos reais, quer o recalçamento, que domina na actividade de fantasiar, predisõem à psicose. Quer isto dizer que, na psicose o sujeito afasta-se (desliga-se) da realidade (através do processo de recalçamento), porque esta torna-se-lhe intoleravelmente dolorosa, estranhando-se dela, e havendo portanto perda da função de real, e retorno à presença onnipotente do funcionamento psíquico do princípio de prazer.

Quando há retorno do recalçado (desejos, pensamentos, sentimentos) à consciência, o psicótico nega-lhe a sua pertença. A negação de, é a afirmação dela mesma, a negação é «uma forma de acautelamento do recalçado» (Freud, S., 1925: 2884), quer isto dizer que é possível ao sujeito ter consciência do conteúdo de uma representação ou de um pensamento recalçado, mas sob condição de ser negado, de ser estranho ao próprio indivíduo, evitando-lhe, desse modo, o surgimento do afecto associado a esse recalçado, evitando-lhe a dor mental.

A função intelectual de juízo tem como tarefa fundamental a de atribuir ou negar uma qualidade (bom, mau,...) a uma determinada coisa, assim como, a de conceder ou negar a uma imagem psíquica a sua existência na realidade exterior (teste de realidade). O Eu na sua trajectória de desenvolvimento, irá utilizar-se desta função como contributo para distinguir e diferenciar as realidades do mundo interno das do mundo externo, e conhecer as várias qualidades que existem em si próprio, nos outros, e no mundo em geral que o rodeia, de modo a seleccionar o que lhe é útil e a usufruir das «boas qualidades» sempre que necessário, e possível, na realidade. Ora o que acontece com o psicótico é que este à semelhança do «Eu primitivo», sob o princípio de prazer, introjecta o bom, e expulsa (nega e projecta) de si o mau, aquilo que lhe causa desprazer, associado à falha no psicótico do exame de realidade. «O negativismo de alguns psicóticos deve, provavelmente,

interpretar-se como sinal de desfusão das pulsões, devido à retracção dos componentes libidinais» (Freud, S., 1925: 2886).

A psicose resulta do conflito relacional, de uma ruptura, entre o Eu e o mundo exterior (fracasso do Eu), originada quer, porque a realidade se lhe apresenta intoleravelmente dolorosa, quer, porque as pulsões adquiriram exacerbação extraordinária, da qual resulta ficar o Eu sob o domínio do Id, e ver-se retirado da realidade. A psicose nega a realidade e tenta substituí-la. Para isso modifica as várias representações psíquicas (vestígios mnemónicos, representações, e juízos) que tinha da realidade externa até aí, e é desinvestida a percepção actual, e a sua significação, do mundo exterior (é a perda de todo o interesse (desligamento afectivo) por esse mundo exterior), e é procurado pelo Eu através do delírio a construção de uma outra realidade, doutro mundo interno e externo de acordo com os desejos do Id. Como já anteriormente havíamos referido, este delírio surge como uma tentativa de cura, de restabelecer a relação do Eu com o mundo exterior.

- «As águas, encontrando um obstáculo no leito do rio são represadas em antigos leitos inicialmente destinados a ser abandonados» (Freud, S., 1901[1905]: 36), como anteriormente referimos, várias fixações poderão ocorrer na evolução libidinal, por onde a libido recalcada irrompe, começando pelas fixações adquiridas mais tarde até às mais primitivas, e sabemos quanto no início se situam as primeiras fixações do psicótico.

Perante a desilusão, a frustração na relação amorosa heterossexual, na puberdade, ou após ela («o indivíduo normal precisa certo tempo para decidir definitivamente o sexo sobre o qual há-de recair a sua escolha de objecto. Em ambos os sexos são muito frequentes, durante os primeiros anos a seguir à puberdade, certas inclinações homossexuais que se exteriorizam em amizades excessivamente intensas, de um certo matiz sensual» (Freud, S., 1920: 2559), o sujeito tenderá a regredir à situação edípiana, ao amor pelo progenitor do sexo oposto ao seu próprio, ao mesmo tempo que tenta afastar o progenitor do mesmo sexo (complexo de Édipo, forma positiva), mas não correspondido nos seus desejos

amorosos, o indivíduo volta-se libidinalmente para o progenitor do mesmo sexo (inclinação homossexual) e mostra agressividade ciumenta para o outro progenitor de sexo oposto ao seu (complexo de Édipo, forma negativa).

O desprendimento destes sucessivos investimentos libidinais, por frustrantes, e psiquicamente dolorosos, são recalcados (negação desse desejo amoroso), e projectados no outro, «esta projecção sobre o outro de recriminações [auto-acusações inconscientes], sem mudança de conteúdo e, por conseguinte, sem adaptação à realidade, manifesta-se na paranóia [psicose], como processo de formação do delírio» (Freud, S., 1901[1905]: 24).

Sabemos que a passagem para a organização genital supõe que o complexo de Édipo tenha sido ultrapassado, o complexo de castração assumido, e a interdição do incesto aceite, ora quando isso não acontece, e num movimento de regressão, o sujeito retorna às fixações nas fases pré-genitais (pulsões parciais), onde o indivíduo se abandona sem defesas à sexualidade, entregando-se à parafilia e à perversão, quer isto significar que passam a predominar fantasias agidas, de carácter exclusivo e invariável, de transgressão da função sexual relativamente às regiões corporais e ao objecto sexual.

Na relação homossexual desejada, exclusiva, manifesta, e agida, «vê-se que esta paixão devorou todos os outros interesses» (Freud, S., 1920: 2545). O homossexual permaneceu precocemente fixado à mãe, e é aí que ele retorna, quando há defraudação dos desejos amorosos correspondentes ao complexo de Édipo, buscando completude narcísica. «A sua libido seguia, pois, desde uma época muito precoce dois distintos percursos, dos quais o mais superficial pode ser considerado, desde logo, homossexual, constituindo talvez a confirmação directa e invariável de uma fixação infantil à mãe» (Freud, S., 1920: 2559), ora sabendo-se que normalmente a nossa libido oscila durante toda a vida entre o objecto masculino e o feminino, num caso destes, em que a oscilação tomba profundamente e definitivamente para um dos lados, isso deve-se à retirada que o sujeito faz da libido

heterossexual, provocada pelas desilusões, que aí o sujeito sofreu, e à sua influência para a libido homossexual.

Não conseguindo ultrapassar o complexo de Édipo, os seus amores no cenário edipiano não correspondidos, e encontrando-se fixados à mãe, o homem e a mulher vão rejeitar o amor heterossexual e orientarem-se para o amor homossexual, e isto porque absorvendo em si o amado desejado, passam a amar-se a si mesmos, e ao retomarem o investimento de libido objectal, buscam-se a si próprios no outro semelhante, investimento advindo do estado narcísico a que regressaram. «A ruptura de uma relação erótica, por identificação do sujeito com o objecto da mesma, o que corresponde a uma espécie de regressão ao narcisismo» (Freud, S., 1920: 2552).

«Três características: 1) Caracteres sexuais somáticos (Hermafroditismo físico); 2) Caracteres sexuais psíquicos – atitude masculina - atitude feminina; 3) Tipo de eleição do objecto, que variam com certa independência uma das outras e aparecem em todo o indivíduo combinadas de modo diverso» (Freud, S., 1920: 2560/1). A homossexualidade, como vimos reflecte-se por uma escolha de objecto homossexual, a qual deriva da associação de relações heterossexuais frustrantes inseridas na triangulação edipiana, reforçando assim a corrente homossexual, com a fixação infantil intensa à mãe. A atitude amorosa para com o objecto homossexual (como também para o heterossexual) reflecte o predomínio no sujeito de atitudes masculinas (activas) ou de atitudes femininas (passivas). Quanto à ideia de Freud, S. de que «a psicanálise levanta-se sobre o mesmo terreno que a biologia ao aceitar como premissa uma bissexualidade original do indivíduo humano» (Freud, S., 1920: 2561), e do modo como ela possa contribuir para o entendimento da homossexualidade, ocorre-nos o seu entendimento psicológico se pensarmos em Platão (O Banquete), em que após divisão em dois de um só, cada um procurasse a completude através da outra metade igual a si mesmo, ou seja escolha narcísica de objecto.

« A psicanálise interessa-se pelo amor enquanto ele constitui um aspecto do desenvolvimento mental e o analista deve considerar a maturidade ou a "grandeza" do amor na sua relação com a maturidade em geral.»

( Bion, W. R., 1965: 87)

«— Mas de que desejos é que estás a falar?

— Daqueles que despertam durante o sono, sempre que dorme a parte da alma que é dotada de razão, cordata e senhora da outra, e quando a parte animal e selvagem, saciada de comida e de bebida, se agita, repudia o sono e procura avançar e satisfazer os seus gostos. Sabes que nessas condições ela ousa fazer tudo, como se estivesse livre e forra de toda a vergonha e reflexão. Não hesita, no seu pensamento, em tentar unir-se à própria mãe, ou a qualquer homem, deus ou animal, em cometer qualquer assassinio, nem em se abster de alimento de espécie alguma. Numa palavra, não há insensatez nem impudor que ela passe adiante.»

( Platão, "A República" )

#### IV) Wilfred Ruprecht Bion

1) Bion, em 1961, no livro *Experiences in Groups*, disse que o homem é um animal gregário, e que a plena significação de algumas das suas características, apenas aí podem ser entendidas.

Acerca do funcionamento de grupos, constituídos por indivíduos, escreveu ele: « Freud vê o grupo como uma repetição das relações de objectos parciais. Deriva daí que, para ele, o comportamento dos grupos aproximar-se-ia do modelo de comportamento das neuroses, enquanto que, para mim, ele aproximar-se-ia daquele das psicoses.» (P124)

No "grupo de trabalho" (grupo tendo por objectivo a realização de uma tarefa precisa) predominaria o funcionamento racional e o aprender com a experiência, com a utilização de técnicas científicas, ou seja, este grupo funcionaria sobre o plano da realidade, apresentando por isso algumas das características atribuídas por Freud ao Eu (in, "Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental, 1911).

Quanto menos estruturado estiver o grupo de trabalho, mais susceptível ele está de ser submergido pelas "hipóteses de base" (o objectivo das relações de grupo), as quais dão existência a três "grupos de base" : "grupo de dependência", "grupo de acasalamento", e "grupo de ataque-fuga".

Os grupos de base apresentam algumas características, referentes à "valência", ao tempo, e à evolução. A valência indica participação numa actividade que se apoia sobre uma hipótese de base, para a qual não é requerida nem formação, nem experiência, nem desenvolvimento mental particular, ela é instantânea, inevitável e instintiva. O tempo (dimensão do funcionamento mental) não tem sentido no grupo de base. Quanto à evolução, há uma completa ausência de qualquer processo de evolução na mentalidade do grupo de base, já que este ao primar pela inexistente capacidade de formar e empregar símbolos leva a que as estimulações que deveriam fomentar o desenvolvimento fiquem sem efeito.

Quanto mais o grupo estiver perturbado, mais nele emergem os fantasmas e mecanismos primitivos, que fazem parte das posições esquizo-paranóides e depressivas (descritas por Melanie Klein). Quanto mais estável estiver o grupo mais ele vai no sentido, referido por Freud, da repetição dos grupos familiares e dos mecanismos da neurose.

A ligação libidinal é característica da hipótese de acasalamento. Nesta, é distintivo o sentimento de esperança, o qual anuncia a sexualidade, e ao mesmo tempo faz parte integrante dela. Os sentimentos de esperança situam-se no pólo oposto ao dos sentimentos de raiva, destruição e desespero. A supremacia de um pólo encobre o outro, e o enfraquecimento desse mesmo pólo leva ao surgimento do

outro. Acerca do grupo de acasalamento escreve Bion: « O desejo de acasalamento contém um elemento que deriva da ansiedade psicótica associada a conflitos edipianos primitivos fundados sobre relações de objectos parciais. Esta ansiedade impele os indivíduos a procurarem aliados.» (P111)

Todas as emoções estão presentes em cada um dos três grupos de base e a sua figuração resulta do seu encontro com o fundo característico de cada um dos três grupos, onde elas nesse momento se manifestem, ou seja, associadas à hipótese de base dominante nesse presente momento, enquanto as outras duas se mantêm em estado latente. Uma hipótese de base tanto poderá manter-se em estado manifesto durante muito tempo, enquanto as outras duas permanecem inactivas, como poderá haver num curto espaço de tempo alternância sucessiva entre elas as três. Esse fundo distintivo de cada um dos grupos é: a depressão no grupo de dependência, a esperança messiânica no grupo de acasalamento, e a cólera e a raiva no grupo ataque-fuga.

Para explicar o destino das hipóteses de base inactivas, Bion postulou a existência de um "sistema protomental" no interior do qual ficariam confinadas as hipóteses de base inoperantes. No seio do sistema protomental as actividades físicas e mentais permanecem indiferenciadas. Um sentimento ao surgir no sistema protomental poderá tomar quer uma forma física quer uma psicológica. A nível psicológico, os fenómenos do sistema protomental aparecem primeiramente como sentimentos discretos e mal ligados uns aos outros. O estado afectivo como expressão de alguns fenómenos protomentais precede a aparição da hipótese de base, a qual seria a expressão das emoções em termos psicológicos.

2) Em 1962 (a), Bion finaliza o livro *Learning from Experience* com um parágrafo que faz a ponte com o livro antecedente, diz ele: «Por fim, embora eu não prossiga aqui, percebe-se que as teorias que uso dos signos S [K, knowledge] e -S [-K] representam a realização em grupos. Em S, o grupo aumenta pelo assimilar idéias novas ou indivíduos. Em -S, na ausência de representação mental de idéias

nova (ou indivíduo) perdura a concretude e o grupo, por sua vez, revela-se insusceptível em relação à idéia nova. Em S, a atmosfera caminha para a saúde mental. Em -S, nem grupo nem idéia sobrevivem, em parte pela não assimilação mental que advém da permanência da concretude e em parte pela não transformação para os processos de representação mental e poder de abstração.» (P135)

É necessário voltarmos atrás para entender teorias e conceitos aqui inseridos e outros com eles relacionados.

Bion fala-nos de "factores" (actividades mentais na personalidade) que combinando-se criam entidades estáveis, a "função psicanalítica da personalidade" (função relacionada fundamentalmente com o conhecimento da realidade psíquica).

A "função-alfa" («recorro deliberadamente à expressão função-alfa por destituída de sentido»(P20), «função-alfa é designação atribuída à abstração que o analista usa para descrever função cuja natureza ignora, no curso da indagação, até o momento que, acredita, alcança evidência do emprego da função-alfa» (P48)) transforma as impressões sensíveis e as emoções em "elementos-alfa". Se a função-alfa falha ou está perturbado o seu funcionamento, as impressões sensíveis e as emoções permanecem inalteradas, os "elementos-beta".

Os elementos-alfa são experienciados pelo indivíduo como fenómenos (qualidades secundárias e primárias, Kant), os elementos-beta como coisas-em-si (objectos incognoscíveis pelo indivíduo, Kant). Os elementos-alfa podem-se armazenar, e correspondem aos requisitos de "pensamentos oníricos", os elementos-beta armazenam-se, mas como "factos indigestíveis", são objectos a evacuar através da identificação projectiva, ou a usar para o pensar que depende do manipular coisas-em-si, por outras palavras, quando o manipular (a actuação que liberta a mente do aumento de estímulo) substitui palavras ou ideias, por ausência de representação mental e poder de abstracção.

A função-alfa permite ao indivíduo aprender com a experiência, já que esta última pode ser armazenada e utilizada nos pensamentos oníricos e no pensar

inconsciente de vigília através dos elementos-alfa que se originam das impressões dessa mesma experiência.

A função-alfa torna possível o pensar consciente da experiência, assim como torná-la inconsciente, quando disso é necessário aliviar o consciente devido a sobrecarga do pensamento.

O "sonho" (tornado possível pelo desempenho da função-alfa), com a censura e a resistência, em conjunto com a função-alfa são fundamentais para a acção da consciência e inconsciente, do que depende o pensamento organizado.

O indivíduo psicótico, no qual falha a função alfa, nem pode sonhar, nem adormecer, nem acordar. Vive estado de indigestão mental, de pânico, demonstrando incapacidade para compreender seu estado mental.

Bion fala-nos da "barreira-de-contacto" para significar formação de membrana em processo contínuo de elementos-alfa, que indica contacto, separação, e diferenciação entre elementos conscientes e inconscientes, bem como passagem selectiva de elementos de um dos dois para o outro lado.

Quando a função-alfa falha devido aos ataques de ódio e inveja que lhe são dirigidos pelos indivíduos psicóticos, e existem apenas elementos-beta, não há o aprender com a experiência porque falha tudo aquilo que é permitido realizar através dos elementos-alfa. Há no indivíduo psicótico uma hipersensibilidade, mas não contacto com a realidade, já que incapaz de discriminar. Ele próprio e os outros são vistos por ele como objectos não vivos, pela não percepção dos sentimentos (o medo, o ódio, e a inveja são por ele muito temidos) e pela não capacidade para abstracção (derivado do não desenvolvimento do "aparelho para pensar").

A "tela de elementos-beta" (ou "tela-beta") formada por elementos-beta (os quais carecem de capacidade de encadeamento mútuo), que se justapõem à barreira-de-contacto deficiente (devido à não consolidação da função-alfa), é inapta a estabelecer consciente e inconsciente, e não oferece resistência à passagem de elementos de um para o outro lado. Deriva daí desenvolvimento incompleto ou não

normal da capacidade de memória e da de repressão, o que conduz a estados confusionais no indivíduo.

Bion parte do modelo relacional seio-bebê para explicar o funcionamento mental e os "vínculos" (K, L, H). Escreve ele: « Do seio [ou equivalente] o bebê recebe leite e demais confortos humanos; também amor, compreensão e consolo» (P30). O impulso, no bebê, para aceitar o sustento é inibido quando existem violentos sentimentos de ódio (destruição, culpa, e depressão subsequentes) e inveja (ou, amor inseparável da inveja do objecto que ama). Contudo o pavor à morte (vazio) leva o bebê ao reinício da sucção, desenvolvendo-se assim a cisão entre satisfação material e psíquica. Quando esta cisão é reforçada produz-se um estado mental de voracidade insaciável de comodidades materiais: «Sente-se rodeado de objetos bizarros [elemento-beta mais traços de Eu e de super-Eu], de modo que, mesmo as comodidades materiais lhe são más e insatisfatórias das necessidades. Ei-lo em falta do aparelho, a função-alfa, que mitiga tal penúria» (P31/2). O bebê que pelo ódio e inveja (esta impede o indivíduo psicótico de ter gratidão ou solicitude por si próprio ou pelos outros) é conduzido a negar atributos como o amor e a compreensão que o seio lhe propicia, impede que se desenvolva e consolide a acção da função-alfa. Este estado mental leva ao não interesse pela verdade, a qual é essencial à saúde psíquica.

«A atividade que conhecemos como "pensar" advém do processo de livrar a psique dos acréscimos de estímulos pelo dispositivo descrito por Melanie Klein como identificação projetiva.» (P54)

O bebê projecta na mãe sentimentos que passam a ser atributos dela. A mãe pelo amor que tem pelo bebê utiliza a sua capacidade de rêverie: «a reverie é estado mental aberto a receber quaisquer "objetos" do objeto amado e, portanto, acolher as identificações projetivas do bebê, se boas ou más. Em suma, a reverie é fator de função-alfa da mãe.» (P60)

A excessiva intolerância à frustração deriva de falha nos processos do pensamento (a carência de capacidade para pensar implica falha de elementos-alfa e

falta de aparelho para usar os existentes), («pessoas há, tão intolerantes ao sofrimento ou à frustração [...] que sentem o sofrimento sem sofrê-lo e assim não o descobrem [...] não sofre o sofrimento, não "sofre" o prazer» (1970: 19)). Estes possibilitariam que o aparelho mental suportasse a tensão crescente e adiasse o processo de descarga, permitindo comportamento não de fuga à frustração mas de a modificar. O bebé dotado de boa capacidade de tolerância à frustração subsiste a mãe incapaz de rêverie, mas para o bebé incapaz de tolerar qualquer frustração não lhe basta mãe com capacidade de rêverie, nada aliás é capaz de o saciar, nem mesmo um seio incessantemente a amamentá-lo, porque incapaz de receber.

Bion diz que: «Não se concebe a experiência emocional isolada de relação. Postulo como básico: 1) X ama Y ; 2) X odeia Y ; e 3) X sabe a respeito de Y. Tais vínculos [relações emocionais entre duas pessoas ou entre duas partes de uma pessoa] se expressam pelas siglas A [L, love], O [H, hate] e S [K, knowledge] » (P69). A falha no uso da experiência emocional (vínculo) leva o indivíduo à catástrofe do desenvolvimento da personalidade, à deterioração psicótica, pela falta de elementos-alfa que o coloquem em contacto com a realidade (Bion em 1965 virá referir de novo que a verdade é determinante para o crescimento, e o privar-se da verdade conduz à deterioração da personalidade. Que nos psicóticos o super-Eu ter-se-ia desenvolvido anteriormente ao Eu (o psicótico está dominado por um super-Eu cruel e receia a depressão. Esta intolerância à depressão põe travão à interacção EP ↔D. Deste modo o psicótico não podendo experimentar o facto seleccionado não pode conferir coerência aos elementos até aí incoerentes, e assim fica sujeito aos elementos persecutórios), o que leva à negação do desenvolvimento, e à própria existência do Eu. Isto acarreta um desenvolvimento deficiente do princípio de realidade, a exaltação da concepção moral, e o desrespeito para com a verdade).

No que concerne ao aprender com a experiência, o vínculo K é o apto a essa função (sem K, associado à curiosidade, o indivíduo não pode aprender, 1965), (o vínculo K opera sobre fundamento sensível, alcançando apenas saber a respeito de algo. Diferencia-se de "O", vínculo essencial às transformações em "O", 1970).

Os vínculos L e H sendo importantes para o vínculo K, por si só nenhum deles conduz a K (mas quando existem sentimentos intensos de amor ou de raiva estes afectam a capacidade de discriminação e de aprendizagem, 1965).

Partindo do estado mental psicótico, sem capacidade de abstracção, Bion é conduzido a  $-K$  : «Por  $-S$  [ $-K$ ] denota-se o vínculo da NÃO compreensão, isto é, a falta do poder de compreender. Como implicações disto, mais se entende que  $-A$  [ $-L$ ] não é o mesmo que  $O$  [ $H$ ], nem  $-O$  [ $-H$ ] o mesmo que  $A$  [ $L$ ] » (P79).

A falha nos indivíduos com distúrbios de pensamento, encontra-se dentro da sua própria personalidade. É a falha da abstracção como factor da função-alfa no vínculo K. «Quem aprende, sentindo-se intolerante da frustração própria ao aprender, desmanda-se em fantasias de onisciência e convicção de tudo saber. Saber algo consiste em "ter" um "tanto de" saber e *não* naquilo que chamo  $S$  [ $K$ ]. [ $/ \dots$ ]  $S$  [ $K$ ] (ou "saber" na acepção de "chegar a saber" algo).» (P96)

Da teoria da identificação projectiva de Melanie Klein, ligada à capacidade do seio modificar temores nele projectados pelo bebé, de modo que agora transformados, e tolerados pelo bebé, podem ser por este reintrojectados (a parte da sua personalidade agora tolerável e portanto estimuladora de crescimento), Bion abstrai a ideia de continente ( $\text{♀}$ ), onde se projecta o objecto, e a ideia de contido ( $\text{♂}$ ), objecto projectado: « O continente e o contido, à emoção, mostram-se suscetíveis à conjugação e impregnação. Conjugados ou impregnando-se ou de ambas as maneiras, mudam de modo que em geral se descreve como crescimento. Desligados ou despojados de emoção diminuem de vitalidade, ou seja, aproximam-se de objetos inanimados.» (P124)

Bion fala-nos de relação "comensal" quando: «  $\text{♂}$  e  $\text{♀}$  são reciprocamente dependentes com benefício mútuo e sem dano para nenhum» (P125). Dito de outro modo, quando a mãe-seio ( $\text{♀}$ ) cresce mentalmente com a experiência, e o bebé-boca ( $\text{♂}$ ) cresce mentalmente de igual modo, ao introjectar a relação  $\text{♂} \text{♀}$ , a qual nele se instala como parte da função-alfa.

K depende da relação comensal para a actividade mental, e crescimento. O modelo de crescimento de  $\overset{\uparrow}{\sigma}$  é a dúvida tolerada, e o de  $\overset{\downarrow}{\sigma}$  é manter-se integrado mas flexível, receptivo à ideia nova. A configuração  $\overset{\uparrow}{\sigma} \overset{\downarrow}{\sigma}$  representa realização emocional do aprender, cada vez mais complexo. « Em contraste com o aprender, função S [K] de  $\overset{\downarrow}{\sigma} \overset{\uparrow}{\sigma}$ , liga-se  $-(\overset{\downarrow}{\sigma} \overset{\uparrow}{\sigma})$ , na sequência de elementos  $\overset{\uparrow}{\sigma}$  não assimilados e, pela não consolidação da função-alfa, mantidos como  $-\overset{\downarrow}{\sigma}$ , a modo que não atingem significação, continuando apenas resíduo sem valor» (P134).  $-\overset{\downarrow}{\sigma} \overset{\uparrow}{\sigma}$  traduz então compulsão à superioridade moral e à atitude de não aprender.

3) Em *Elements of Psychoanalysis* 1963, Bion retoma alguns conceitos inseridos no livro de 1962 (a). É o caso da pré-concepção e da concepção, mas agora enquadrados num contexto mais amplo, o da correlação dos eixos da grade: genético e sistemático. Por outro lado aborda alguns outros novos que ajudam, por vértices diversos, à compreensão dos factores que contribuem, ou não (na falta deles), para a constituição e desenvolvimento do aparelho que permita ao sujeito aceder ao conhecimento dos mundos: interno e externo. Diz Bion: « O processo de mudança de categoria representada na grade por outra descreve-se como dissolução e evolução EP→D e sequência [elemento representando interacção das posições esquizo-paranóides e depressivas descritas por Melanie Klein, e reacção suscitada pelo descobrir facto seleccionado, referido por Poincaré]. A benignidade leva à mudança e decorre da natureza do vínculo dinâmico A [L] ou S [K] que o dispositivo  $\overset{\downarrow}{\sigma} \overset{\uparrow}{\sigma}$  [elemento denominado relação dinâmica entre continente e contido, que representa a característica essencial da concepção da identificação projectiva (Melanie Klein)] efectua; a do vínculo O [H] [K, L e H representam os vínculos entre os objectos psicanalíticos, os quais, assim vinculados, influenciam-se mutuamente] retarda aquela ou a paralisa » (P46). EP→D e sequência, e  $\overset{\downarrow}{\sigma} \overset{\uparrow}{\sigma}$  acham-se implicados na elaboração e emprego dos pensamentos. São dois

dispositivos que quando necessário um desempenha atributos do outro, e não representam por isso duas actividades separadas.

Os elementos em psicanálise são funções de personalidade. Cada elemento tem uma função (grupos de acções físicas e mentais orientadas por um objectivo, o qual tentam alcançar) e ao mesmo tempo é função de outras variáveis sendo ela própria uma, donde depende a sua expressão e valor. A relação que se estabelece entre elementos é essencial para o significado que contêm.

No eixo sistemático da grade (eixo horizontal), são postuladas várias categorias relacionadas com a tarefa a que se destinam, quanto ao uso a fazer dos "pensamentos", ou seja, " I " é categorizado de acordo com os usos a fazer das representações deste (" I ", representa os objectos psicanalíticos compostos de elementos-alfa, e emprega-se para preencher o intervalo entre o impulso e a sua satisfação, por outras palavras, para modificar a frustração durante a espera). No eixo genético (eixo vertical), a primeira categoria (A) é o elemento- $\beta$ , a segunda (B) é o elemento- $\alpha$ , e a última, a oitava (H) o cálculo algébrico (o eixo genético refere-se ao crescimento mental: «O processo de crescimento pode ser definido como uma progressão que parte dos elementos- $\beta$  para, de estágio em estágio, chegar ao cálculo algébrico. Cada estágio constitui um registo de estágio precedente e uma pré-concepção de estágio seguinte» (1965: 53). O sentido inverso de H para A representa a destruição da capacidade de pensar. O eixo genético possibilita assinalar as diferentes etapas de maturação de L (love) ou de H (hate)). Neste eixo as categorias de B a H contêm elementos não saturados que aguardam realização que satisfaça e à qual unindo-se geram a concepção, a qual por sua vez poderá ser utilizada, posteriormente, como pré-concepção. Na categoria A, os elementos- $\beta$ , pelo contrário, como não possuem elementos não saturados, não são por isso utilizáveis como pré-concepção. « Os elementos- $\beta$  são objetos compostos de coisas-em-si, de sentimentos de depressão-perseguição e de culpa e, portanto, de aspectos da personalidade vinculados por uma sensação de catástrofe » (P51). Como já havíamos escrito, Bion em 1962 (a) referiu que os elementos  $\beta$  se prestavam à

identificação projectiva, no sentido de evacuar parte da personalidade, mas inúteis ou pouco eficazes na actividade de pensar. Quer isto significar em termos de grelha que apenas servem aos usos 2 e 6, respectivamente enunciados negando a realização de situação desconhecida e ameaçadora, e a acção. De modo diferente do eixo sistemático onde se categorizam os vários usos de " I " (o eixo sistemático refere-se aos vários usos que poderá ter cada formulação mental de um determinado estágio de crescimento, 1965), no eixo genético é apresentado um só uso para os vários estádios de desenvolvimento de " I ", já que os vários estádios se diferenciam mais pelos diversos graus de sofisticação do que pelas diferenças de função (« uma "pré-concepção" pode representar à vez o uso que é feito de um enunciado e o estágio genético deste enunciado.» (1965: 54)

A pré-concepção inserida no eixo genético refere-se a estado de expectativa, sendo que a primeira expectativa do bebé é a do seio. A concepção, como já foi referido, deriva da substituição da variável contida na pré-concepção, pela constante, resultante da realização que satisfaz a expectativa « Se denotamos a pré-concepção por  $\Psi (\xi)$ , em que ( $\Psi$ ) é o elemento não saturado então, da realização que se une à pré-concepção, advém o que substitui ( $\Psi$ ) pela constante. Emprega-se a concepção entanto como pré-concepção quando exprime expectativa. A união de  $\Psi (\xi)$  com a realização, que satisfaz a expectativa, aumenta a capacidade de  $\Psi (\xi)$  para nova saturação.» (P34/5)

Os distúrbios do pensamento derivam da ausência de desenvolvimento dos pensamentos, e da falha no desenvolvimento do aparelho para pensar os pensamentos. Tendo como pano de fundo a relação bebé-seio, e a capacidade do seio conter e transformar sentimentos inquietantes e destrutivos em sentimentos tranquilizadores (ou suficientemente toleráveis) e construtivos, podendo assim transformados ser devolvidos ao bebé e aceites e introjectados por este, Bion abstrai desta base da identificação projectiva (dispositivo que capacita o bebé a lidar com a emoção primitiva e que contribui para que se desenvolvam os pensamentos) o aparelho para pensar, representando-o pelo signo  $\text{♂} \text{♀}$ . Este aparelho é formado

de " I ", e serve para trabalhar com " I ". O aparelho para pensar depende assim da introjecção do seio bom, responsável pelo desempenho da função-alfa. (Estando a actividade de pensar associada ao domínio do princípio de realidade, e falhando ele nos psicóticos, a actividade de pensar como intermédio entre a tomada de consciência de uma pulsão e a acção necessária à sua satisfação fica perturbada, não podendo assim cumprir a função de adiar a acção e evitar a frustração (1965). As dificuldades nos processos de pensamento no psicótico, assim como as dificuldades de abstracção levam-no, portanto, pela incapacidade de pensar ou de imaginar uma situação, a ter de a pôr em acção (1962 (a))).

Escreve Bion: « Os fenômenos carecem de sentido e conjugamo-los a fim de pensá-los. Configurado o nome e assim obstada a dispersão, acresce-se-lhe o sentido» (P100) e «Da ação de EP→D→EP (2º ciclo)→D (2º ciclo)→EP (ciclo n-1)... depende a configuração do objeto total: da ação feliz de ♀ ♂ decorre a significação [base para K] do objeto total » (P102) . Mas pelo contrário, como refere Melanie Klein, quando a personalidade ataca com extrema violência o objecto, não só este como a própria personalidade se fragmentam.

Inserido na dinâmica do eixo genético Bion postula elemento  $\alpha$  do mito edípico particular, pré-concepção com a qual o bebé estabelecerá contacto efectivo com os pais do mundo exterior. Da realização desse contacto emerge a concepção dos pais. Contudo se o bebé não suporta a relação entre os pais, por exemplo por inveja e voracidade, ataca-os destrutivamente na fantasia, fragmentando-os e fragmentando-se. Resulta daí impossibilidade de aceder à concepção da relação entre os pais, e de compreender e aprender com a experiência do relacionamento com os pais, e a ela se adaptar, comprometendo a sua evolução mental.

Em relação aos vários elementos contidos no mito edípico, nenhum deles, tal como o elemento sexual, ou a curiosidade (vínculo K), se compreende senão em correlação com os outros elementos, «O sexo tem, na situação edípica, característica que só se descreve pelas implicações que sua inclusão no relato lhe conferem. Removido da narrativa, perde a condição [...] Os elementos sofrem

modificações análogas às das letras do alfabeto, combinadas para formar determinada palavra» (P58).

4) Em *Transformations Change from Learning to Growth* 1965, Bion tomando como exemplo o pintor que pinta na tela uma paisagem que observa, escreve: «eu utilizo a palavra "transformação" de três maneiras diferentes que é necessário distinguir bem: a "transformação" refere-se: 1) à operação total que compreende o acto de transformação e o seu produto final — eu designarei esta operação total por T ; 2) ao processo de transformação propriamente dito que eu designarei por  $T\alpha$  ; e 3) ao produto final que eu designarei por  $T\beta$  » (P17). No processo de transformação é introduzido também o conceito de "invariantes", que são os elementos que se mantêm invariáveis após sujeitos ao processo de transformação, são os elementos que permitem fazer a ligação entre o produto original e o produto final após ser transformado. No caso do exemplo do pintor os invariantes são os elementos comuns que permitem ligar (ou reconhecer) a paisagem da tela com a paisagem "real", respectivamente  $T\beta$  a "O".

Poderemos perguntar: a transformação serve a quê? Responderemos: a transformação permite-nos ter conhecimento da "coisa-em-si", claro que como transformação dela, e não "O" a "coisa-em-si" propriamente, já que só os fenómenos mentais podem ser conhecidos. «Postulo, pois, o espaço mental como coisa-em-si, incognoscível, embora se represente por pensamentos.» (1970: 21)

Deriva da teoria das transformações que os elementos da equação "O",  $T\alpha$ ,  $T\beta$ , + (vínculos) L, H, ou K estão sempre presentes em conjunto.

O mesmo "O" pode originar diversas representações, designadas de modo diferente em função do predomínio de L, H, ou K em cada transformação. A conjunção constante é função da consciência, e a significação que o indivíduo lhe dá (ou a falta de significação) é função do amor de si, da raiva de si, ou do conhecimento de si. Toda a transformação pressupõe uma experiência emocional (vínculos).

Existem alguns tipos de transformação: "transformações rígidas" ou "movimentos rígidos", "transformações projectivas", "transformações em alucinação" e "transformações em O".

Nas transformações rígidas incluiremos a "transferência" (Freud, S.), onde não há praticamente nenhuma deformação, ou seja, há uma grande fidelidade no movimento de sentimentos e ideias de um domínio de aplicação ao outro. A invariância própria ao movimento rígido é oposta à invariância própria às transformações projectivas. Nas transformações rígidas as invariantes estabelecem a relação a "O", nas transformações projectivas isso fica interdito dada a natureza de "O". Sendo "O" o estímulo ("O" designando a realidade, as impressões que o indivíduo submete ao processo  $T\alpha$ ), na transformação projectiva ele constitui uma realidade psíquica, podendo desencadear sequência de sentimentos psíquicos como se de um acontecimento da realidade externa se tratasse. Nas transformações em alucinação o indivíduo pretende mostrar-se independente de tudo aquilo que não sejam as suas próprias criações (através do uso dos sentidos como órgãos de evacuação), as quais geram um universo que o envolve. Cria assim um universo perfeito, onde qualquer imperfeição é sentida como resultando de forças hostis invejosas. Devido à sua capacidade de auto-satisfazer-se, coloca-se além de qualquer rivalidade, inveja, afeição, amor, ou ódio. Apesar de tudo ele continua insatisfeito. As transformações em "O" opõem-se às transformações rígidas, projectivas, e em alucinação no facto de que aquelas (em "O") estão ligadas ao crescimento, no tornar-se "O" (embora a realidade "O" não possa ser conhecida, porque K, L, e H são inapropriados a "O", esta pode "ser sida", ou seja, para o sujeito, "ser o que se é"), e estas (as três outras) ao crescimento, no conhecimento ou saber acerca de "O". Estas três transformações são transformações de "O" e podem englobar-se sob o vínculo K (conhecer) e na sua contrapartida  $-K$  (menos conhecimento). Em comum têm as quatro o crescimento, mas somente a passagem de  $K \rightarrow "O"$  terá efeito de mudança e amadurecimento mental. As transformações em "O" são temidas porque elas têm um carácter disruptivo (mudança catastrófica:

«mudança catastrófica no sentido restrito de um acontecimento que produz uma subversão da ordem ou do sistema das coisas; catastrófico ainda por ser acompanhado de um sentimento de desastre nos participantes; catastrófico por fim por ser súbito e violento de maneira quase física.» (P14/5)

Bion retoma, em *Transformations*, a relação do indivíduo ao seio, mais precisamente ao "seio ausente", ao lugar ou à posição em que o seio era esperado ocupar, mas que não ocupa. O seio ausente ou o "não-seio" é diferente do seio, já que o seio ausente é sentido pelo indivíduo como consequente quer da sua própria avidez que o levou a secar ou a esvaziar o seio, quer da clivagem por si produzida que destruiu o seio, restando apenas a posição. Esta avidez e clivagem levam também o indivíduo a reduzir o tempo a um "agora", quer dizer que o tempo fica desnudado de passado e de futuro. Estes ataques destrutivos obstruem o contacto com a realidade, da qual o psicótico tem raiva, quer da externa quer da interna.

Ligadas às funções do seio ou da mãe, é-nos referido que as perturbações da compreensão ligadas à incapacidade da mãe de aceitar as identificações projectivas do bebé, têm a sua recíproca nas complicações que advêm de uma mãe muito compreensiva, conduzindo o bebé à dificuldade de renunciar a um estado idílico, de modo a poder aceder a um outro estágio de desenvolvimento mental, já que isso acarreta dor.

Bion refere haver uma relação inversa entre as intensidades do narcisismo e do "social-ismo". O aumento de intensidade do narcisismo conduziria a um estreitamento das emoções, até um ponto onde não haveria mais que uma só emoção: o amor, ou a raiva, ou o sexo, etc.. O incremento de intensidade do "social-ismo" pelo contrário conduziria a um alargamento do espectro das emoções. Toda a gama que vai do extremo de um pólo ao extremo do outro pode ser submetido, pelo indivíduo, a clivagem, por exemplo a raiva narcísica pode surgir clivada de todos os outros sentimentos, o mesmo podendo acontecer a cada um dos outros sentimentos. A clivagem pode ser função de L, H, ou de K.

5) Em "O Gêmeo Imaginário", 1950 (in *Second Thoughts*, 1967), Bion diz: «Proponho que o gêmeo imaginário remonta à relação mais arcaica do paciente [psicótico], sendo expressão da sua incapacidade de tolerar um objeto que não esteja inteiramente sob seu controle. A função do gêmeo imaginário era, portanto, negar uma realidade distinta da pessoa do próprio paciente» (P29). Esta negação da realidade diz respeito quer à realidade externa quer à interna. O gêmeo imaginário refere-se a uma parte clivada do psicótico que passa a ter vida (imaginário) no outro, onde ela foi personificada, e o objectivo é que esse gêmeo imaginário (não ser humano real, tal como ele próprio assim é) o ajude a escapar do contacto com as realidades (interna e externa), evitando-lhe as ansiedades que daí advêm.

À medida que estas partes da sua personalidade clivadas e projectadas no outro, vão sendo reintrojectadas (especialmente o ódio) e unificadas, a relação com o outro e com ele próprio passa a ser mais realista. Há um aumento de tolerância, bem como de confiança quer na realidade quer nos mecanismos dele de a testar ( com a aquisição da "visão binocular" o psicótico obtém mais conhecimentos das realidades, o que ajuda ao seu desenvolvimento). A situação edípica torna-se então possível de ser abordada por ele, enquanto que antes lhe era impossível pelo desejo de destruir os "pais em coito". Passa agora a poder aceder à concepção da relação entre os pais, como já havíamos escrito, ainda que referente a um livro (1963) posterior a este artigo. Bion ao pôr em relação o desenvolvimento psicológico com o desenvolvimento físico concomitante (por exemplo a agressão oral em relação com o surgimento dos dentes) interroga-se quanto à verdade ou não, resultante da hipótese de relacionar a visão e o desenvolvimento intelectual que conduziriam à precocidade da fase edípica, referida por Melanie Klein.

Penso que a seguinte citação revela o enredo angustiante, e até aterrorizador em que o psicótico se encontrará, numa fase intermediária, entre a criação de uma não realidade e o contacto directo com a realidade: «Frequentemente queixava-se de que tanto era perturbador concluir que suas

observações estavam corretas, porquanto nesse caso a realidade era aterrorizante, como igualmente o era concluir que fossem incorreta, pois aí seu estado mental é que seria aterrorizante» (P27).

6) Em "Notas sobre a Teoria da Esquizofrenia", 1953 (in *Second Thoughts*, 1967), Bion escreve no início: «considero o carácter peculiar das relações objetais do esquizofrênico o traço marcante da esquizofrenia» (P34). Através do modo como o psicótico utiliza a linguagem verbal como forma de pensamento irá Bion tentar esclarecer a natureza dessa relação de objecto, da qual a linguagem verbal é função subordinada.

O psicótico utiliza a linguagem verbal de três maneiras: como forma de acção, como método de comunicação, e como forma de pensamento. Acção em vez de pensamento, pensamento onipotente em lugar de acção.

O psicótico utiliza a linguagem como forma de acção para a divisão do objecto, ou para a identificação projectiva, o que caracteriza um dos aspectos da relação de objecto do psicótico (dividir os objectos ou penetrar e sair deles). Quanto à identificação projectiva, o psicótico utiliza as palavras como coisas ou partes fragmentadas dele próprio, as quais coloca no interior do outro. Quanto à utilização da linguagem como forma de acção para dividir o objecto, esta é realizada de modo tal ( por exemplo combinação de dois elementos incompatíveis na mesma mensagem) que o objecto fica cindido (por exemplo em objecto perseguidor e objecto protector, ao mesmo tempo) em partes antagónicas.

As dificuldades do psicótico com a linguagem verbal como forma de pensamento, advêm da fragmentação que o impede do uso de símbolos, do qual depende a linguagem. É que a capacidade de formar símbolos deriva de o sujeito apreender objectos totais, através do abandono da posição esquizo-paranoide e dos processos de fragmentação inerentes, ascendendo à posição depressiva com capacidade integrativa (da qual depende o pensamento verbal) e de sínteses activas. «O pensamento verbal aguça a conscientização da realidade psíquica e, portanto, da

depressão vinculada à destruição e perda dos objetos bons. Analogamente, a presença de perseguidores internos (outro aspecto da realidade psíquica) é mais reconhecida inconscientemente.» (P37)

No artigo de 1957(a) Bion virá a dizer que a utilização que o psicótico faz da identificação projectiva, quer de depositar no outro partes da sua personalidade sentidas como más (esperando que o outro as transforme adequadamente), quer as partes sentidas como boas (neste caso o objecto no interior do qual elas são colocadas transforma-se em objecto ideal), é uma forma primitiva de comunicação (base da comunicação verbal).

A elaboração dos processos de cissão, da ansiedade persecutória, e da reintegração, conduzem o psicótico à percepção da sua própria enfermidade, ao desenvolvimento do seu Eu e de relações de objecto mais normais.

«Os elementos do pensamento verbal aumentam de intensidade e profundidade ao início da posição depressiva infantil. Em decorrência disso, exacerbam-se as dores da realidade psíquica; e o paciente, ao regredir à posição esquizo-paranóide, se volta destrutivamente contra sua própria capacidade embrionária de pensamento verbal [idêntica atitude tem para com sua potência, e capacidade de trabalho e amor], como um dos elementos que conduziram à dor de que padece.» (P45/6)

7) Bion em "Desenvolvimento do Pensamento Esquizofrênico", 1956 (in *Second Thoughts*, 1967), diz-nos a dado passo o seguinte: «A identificação projectiva [clivagem que o psicótico faz de uma parte da sua personalidade, e projecção da mesma para o interior de objecto (animado ou inanimado), parte essa que por vezes é sentida como perseguidor em relação ao próprio psicótico, cuja personalidade clivada ficou assim empobrecida], tanto da percepção consciente quanto do começo de pensamento verbal associado a esta última, é o fator-chave na diferenciação entre a personalidade psicótica e a não-psicótica. Quero crer que isso se passe no início da vida do paciente.» (P50)

A patologia psicótica deriva da interação entre um determinado meio (o factor ambiental será analisado no texto referente ao artigo de 1959) e uma determinada personalidade. Quanto a esta última realçam-se quatro características essenciais: «A primeira é um predomínio tão grande dos impulsos destrutivos que mesmo os impulsos amorosos são por eles inundados, transformando-se em sadismo. A segunda é um ódio à realidade que, conforme Freud o assinalou, se estende a todos os aspectos da psique que contribuam para a percepção desta. Eu acrescento: ódio à realidade interna e a tudo aquilo que contribua para a percepção da mesma. A terceira, derivada das duas anteriores, é um pavor constante a um aniquilamento iminente. A quarta é uma formação precipitada e prematura de relações de objeto — dentro as quais se destaca a transferência, cuja tenuidade contrasta marcadamente com a adesividade com que ela se mantém. A precocidade, a tenuidade e a adesividade são patognomônicas e derivam, igualmente, do pavor ao aniquilamento pelos instintos de morte» (P48). Esta última característica reflecte-se no conflito interminável e nunca solucionado entre as pulsões de vida e as de morte. Todas estas características combinadas levam à utilização maciça da identificação projectiva, especialmente contra o aparelho da percepção consciente da realidade interna e externa (derivado das exigências do princípio de realidade), o que conduz o psicótico a estados confusionais e de delírio, a um estado tal, no qual ele nem se sente vivo nem morto. O psicótico sente-se rodeado de "objectos bizarros" (os fragmentos da personalidade, derivados da clivagem, e projectados no objecto, na fantasia do psicótico adquirem vida independente e exterior a ele próprio, encapsulados no objecto onde foram introduzidos. O carácter dos fragmentos dependerá quer da natureza destes, quer da do objecto, por exemplo, se o pedaço da personalidade estiver ligado à visão, e o objecto for uma televisão (objecto inanimado, neste caso), esta quando em funcionamento espiará o sentir do psicótico). O processo a que foram sujeitos os fragmentos da personalidade tornou-os hostis contra a personalidade donde são originários, como se viu no exemplo agora descrito).

O psicótico (parte psicótica da personalidade), ao contrário da personalidade não-psicótica, não utiliza o recalçamento mas, como já vimos, a identificação projectiva, donde, o que deveria ser o inconsciente é substituído por um mundo de objectos que são o conteúdo dos sonhos.

O psicótico ao tentar utilizar objectos reais como se fossem ideias (o psicótico iguala mas não simboliza), fica confuso quando estes obedecem às leis das ciências naturais e não às do funcionamento mental.

Associado à utilização da identificação projectiva, o psicótico acha-se incapacitado de introjectar, o que tenta através da "identificação projectiva invertida", e pela mesma via. Este processo é vivido como retaliação do objecto face à invasão violenta que o psicótico fez nele. Também dado a utilização da identificação projectiva, o psicótico, na posição depressiva, não consegue sintetizar os objectos mas apenas amontoá-los e comprimí-los. A percepção da realidade interna e externa, que deriva das capacidades do pensamento verbal para sintetizar e articular as impressões sensoriais, está assim fortemente perturbada.

8) Bion, em "Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e a Personalidade Não-Psicótica", 1957(a) (in *Second Thoughts*, 1967), escreve a abrir o artigo: «A diferenciação entre a personalidade psicótica e a não-psicótica depende da fragmentação, em pedaços mínimos, de toda uma parte da personalidade relacionada, da percepção da realidade interna e externa e da expulsão dos minúsculos fragmentos, de forma que eles ou penetram nos objetos, ou os englobam» (P55). A diferenciação entre a parte psicótica e a não-psicótica da personalidade ocorre no início da vida do psicótico. Os ataques sádicos à matriz do pensamento, e ao Eu, em conjunto com a identificação projectiva dos fragmentos, conduzem a uma crescente disparidade entre a parte psicótica e a não-psicótica da personalidade, até que o fosso entre ambas se torna intransponível. «A existência de uma personalidade não-psicótica paralela à personalidade psicótica, embora

obscurecida por esta última, depende disso — do fato de o ego conservar contato com a realidade.» (P59)

No psicótico há uma oscilação entre a tentativa de ampliar o contacto com as realidades, e a tentativa de restringí-lo. A tentativa de ampliar o contacto com as realidades leva por um lado a uma hiperactividade da identificação projectiva, e daí a estados confusionais, e por outro, as actividades mentais, e outras, através das quais a pulsão dominante procura expressar-se, são submetidas à mutilação, por parte da pulsão que nesse momento está subordinada. Perante a dor das mutilações e dos estados confusionais, o psicótico volta ao relacionamento restrito como meio de escapar a essa dor, até que, de novo sob a pressão das pulsões de vida e de morte, o psicótico volte a tentar ampliar o contacto.

O psicótico na fase esquizo-paranóide não só estilhaça os objectos como o aparelho de percepção da realidade. Decorre daqui que todas as características da personalidade tais como: a consciência, atenção, memória, discernimento, e pensamento, que se encontram nesta fase em formas incipientes, são alvo assim de ataques sádicos e estilhaçadores. Após a projecção desses fragmentos nos objectos externos (no livro *Attention and Interpretation*, 1970, é referido que: quanto maior for a fragmentação e a distância a que esses fragmentos sejam projectados, maior será a perturbação mental do psicótico no contacto com a realidade), o psicótico fica com a fantasia que essas partículas do Eu levariam vida independente e incontrolada, prosseguindo no exercício das suas funções, e devido ao processo de identificação projectiva, a que essas partículas foram sujeitas, ter-se-lhes-ia provocado hostilidade contra a mente de onde foram expulsas, sentindo-se, por isso, o psicótico rodeado de objectos bizarros (como já o havíamos dito anteriormente no texto referente ao artigo de 1956).

O objecto (alvo da identificação projectiva) enraivecido por ter sido engolido pelo pedaço de personalidade, incha e controla esse mesmo pedaço de personalidade que o engoliu. Neste sentido, a partícula de personalidade tornou-se uma coisa. Como são essas partículas que o psicótico usa como protótipos das

ideias, que posteriormente formarão a matriz da qual surgem as palavras, esta impregnação do pedaço de personalidade pelo objecto contido, mas controlador, leva o psicótico a considerar que as palavras são as próprias coisas reais que elas designam, o que vem aumentar as confusões. O psicótico, como já foi referido no artigo de 1956, iguala, mas não simboliza.

Bion supõe a existência de um pensamento pré-verbal (o pensamento verbal é o elemento que sintetiza e articula as impressões, fundamental para a tomada de consciência das realidades) relacionando-o a ideogramas e à visão, dependendo este pensamento da capacidade de fazer introjecções e projecções balanceadas dos objectos, e da percepção destes. Contudo dado os ataques realizados pelo psicótico ao aparelho mental, que conduz à consciência da realidade externa e interna, o emprego da identificação projectiva é fundamentalmente cruel para com qualquer género de pensamento que se volte para as relações entre as impressões de objecto («Graças ao funcionamento da parte não-psicótica da personalidade, o paciente se apercebe de que a introjecção conduz à formação do pensamento inconsciente que, no dizer de Freud, está "voltado para as relações entre as impressões de objeto"» (P62)), já que se esse elo de ligação poder ser rompido (poder-se-à conseguir um máximo de distanciamento da percepção das realidades com um mínimo de esforço atacando destrutivamente o elo de ligação que vincula as impressões sensoriais à consciência) ou mesmo não se formar, a consciência das realidades seria destruída. Por outro lado o "pensamento primitivo" é atacado também através da destruição que o psicótico fez, através dos processos de clivagem, aos elos de ligação no interior dos próprios processos de pensamento. Contudo, esta destruição já está parcialmente realizada, já que a parte psicótica da personalidade não tem acesso ao material de que se forma o pensamento, pois que a substituição da projecção e da introjecção pela identificação projectiva deixou o psicótico apenas com os objectos bizarros. Dado que as ligações foram fragmentadas e projectadas no interior dos objectos, juntando-se a outros objectos

bizarros, o psicótico sente-se rodeado de minúsculos elos de ligação que por estarem impregnados de crueldade ligam os objectos entre si de modo cruel.

9) Em "Sobre Alucinação", 1958 (in *Second Thoughts*, 1967), é referido que, para o psicótico tendo os órgãos sensoriais tanto a função de receberem como de expelir, a alucinação («De vez que o termo "alucinação" encerra penumbra de associações inoportunas, denomino tais objetos elementos-beta» (1970: 19). Coisas--em-si advindas da intolerância à frustração, e do desejo (1970)) estaria ligada a este duplo funcionamento dos sentidos, já que um objecto tanto pode, para o psicótico, ser uma excreção, ou seja uma alucinação, como algo que existe independentemente dele.

A expulsão de dentro do psicótico do objecto considerado por ele hostil esvazia o psicótico (já referido anteriormente, artigo de 1956), mas a continuação da sua presença dentro dele é sentida como ameaçadora. A actividade alucinatória é uma tentativa de o psicótico lidar com partes perigosas da sua personalidade. A alucinação surge como um substituto da negação, assim como a identificação projectiva surge como substituto do recalçamento (também em 1956). O descarregamento da psique através da alucinação, permite ao psicótico sentir-se livre para amar o seu objecto sem nenhum sentimento de conflito derivado da impotência, ódio ou inveja. A parte não-psicótica da personalidade contudo dá-se conta da transitoriedade deste estado, o que conduz a que o psicótico receie qualquer ligação amorosa onde se manifeste o seu desejo de amar, já que a intolerância à frustração persiste nele, dado a existência dos impulsos destrutivos. Daí resvalar rapidamente para a parte psicótica da personalidade, onde encontra solução imediata para o problema da existência de emoções não desejadas.

Bion refere que tanto as alucinações históricas como as psicóticas encontram-se no psicótico. A diferença entre ambas está na capacidade de o psicótico tolerar ou não a depressão e simultaneamente reflecte-se na diferença de

conteúdo da alucinação. A alucinação histérica contém objectos totais, enquanto que a alucinação psicótica contém objectos parciais.

Para o psicótico o sonhar corresponde a uma evacuação mental realizada através do seu aparelho de percepção, de material que foi ingerido durante o período de vigília. Para o psicótico a peculiaridade do sonho revela-se no surgimento de objectos totais, o que conduz a sentimentos intensos de depressão e culpa (como evidência da destruição das pessoas reais e valiosas). A tentativa de o psicótico fugir ao sentimento de depressão, terrível para ele, leva-o na direcção da fragmentação, mas aí fica sujeito à dor da ansiedade persecutória (Em 1959 Bion irá dizer que, quando o psicótico parece não sonhar aí tratar-se-ia de algo semelhante à "alucinação visual invisível", quer dizer: «tais sonhos são constituídos de material tão minuscilamente fragmentado, que ficam desprovidos de qualquer componente visual» (1959 [1967]: 115) . O retorno à posição esquizo-paranóide acarreta fragmentação secundária sobre a já grave fragmentação primária: «Aparentemente, é como se ao retroceder da posição depressiva, o paciente se voltasse com ódio e ansiedade ainda maiores contra os fragmentos que revelaram capacidade de se aglutinarem, cindindo-os com grande meticulosidade; como consequência, temos o risco de uma fragmentação em pedaços tão minúsculos que se torna impossível a reparação do ego, ficando correspondentemente sombrias as perspectivas do paciente.» (P95)

10) Em "Sobre Arrogância", 1957 (in *Second Thoughts*, 1967), Bion indica o aparecimento da arrogância, da curiosidade, e da estupidez, como sinal da existência no psicótico de desastre psicológico (este desastre psicológico deve-se ao uso não normal da identificação projectiva, o que leva à destruição dos elos com as realidades. Está ligado a este desastre o surgimento de um super-Eu primitivo que impede o uso da identificação projectiva). A arrogância advém do orgulho, numa personalidade onde predomine a pulsão de morte.

A dor que o psicótico sente pela existência de "situação edípica de base sexual" junto com a arrogância, leva-o a atacar desintegrativamente o seu próprio Eu e as ligações à realidade.

11) Bion em "Ataques à Ligação", 1959 (in *Second Thoughts*, 1967), diz que o "seio" ou o "pénis primitivos" constituem o protótipo de todos os elos de ligação, e que a parte psicótica da personalidade realiza na fantasia ataques destrutivos a tudo o que possa ter a função de ligar um objecto a outro ("elo de ligação") (entre o mundo interno e o mundo externo, e entre diferentes aspectos da personalidade) (o ataque aos elos de ligação foi também abordado no texto referente ao artigo de 1957 (a)), servindo-se depois o psicótico da identificação projectiva para livrar-se dos fragmentos do Eu produzidos pela sua destrutividade.

Como já havíamos assinalado anteriormente referente ao artigo de 1956, as perturbações do psicótico encontram a sua origem na interacção entre a "disposição inata do bebé" e o "factor ambiental". O elo de ligação entre o bebé e o seio é a identificação projectiva. Caso o seio (mãe) não consiga introjectar os sentimentos do bebé e manter-se "equilibrada", resulta daí, por parte do bebé, uma identificação projectiva excessiva, que leva à deterioração dos processos de desenvolvimento do bebé. Por si mesmo, o bebé dada a sua "agressão e inveja primárias" ataca a ligação ao seio. Esta situação agrava-se caso a mãe rejeite a identificação projectiva do bebé, já que assim a mãe rejeita a possibilidade de transformar adequadamente as partes do bebé que este depositou nela, de modo a poder devolvê-las ao bebé e serem por este aceites, o que permitiria atenuar os ataques do bebé ao elo de ligação, atenuar mas não abolir, porque o bebé psicótico odeia e inveja a capacidade da mãe de manter-se equilibrada apesar de ter contido em si e transformado os sentimentos de bebé. Esta capacidade da mãe introjectar a identificação projectiva do bebé é transformada pela inveja e ódio excessivos, deste último, em avidez, passando a mãe a ser vista como aquela que pretenderia devorar-lhe a mente (a posterior interiorização no psicótico deste objecto possuidor de

avidez devoradora irá exercer nele a função de surper-Eu severo e destruidor do Eu. Anterior a isso predominam os objectos bizarros, parcialmente compostos de elementos de super-Eu persecutório), assim como o bebé transforma a tranquilidade da mãe em indiferença hostil.

Sendo através da identificação projectiva que o psicótico procede às suas investigações, a impossibilidade do seu uso, pela recusa da mãe em ser continente dos sentimentos dele, ou por ele próprio, através do seu ódio e inveja, impedir a mãe de exercer essa função, e que conduz à destruição do elo de ligação entre ambos, arrasta consigo «uma grave desordem do impulso de ser curioso, de que depende toda a aprendizagem» (P123) acerca de si próprio e do mundo externo. Por outro lado o acréscimo de emoções intoleráveis, levam o bebé à identificação projectiva de todo o seu aparelho de percepção e do pensamento embrionário (elo de ligação entre as impressões sensoriais e a consciência). «Nesse estado mental, a emoção é odiada; é considerada extremamente forte para ser contida na psique imatura, sentindo-se que a emoção liga objetos e empresta existência a objetos que são não-eu, sendo conseqüentemente avessa ao narcisismo [narcisismo (Int. J. Psycho-Anal. Vol 40, 1959: 315, «primary narcissism») primário» (P125). Dos ataques à função de ligação da emoção resulta, na parte psicótica da personalidade, predomínio de elos de ligação perversos, crueis e estéreis (o ataque aos elos de ligação foi também abordado no artigo de 1957(a)).

12) Em "Uma Teoria sobre o Pensar", 1962 (in *Second Thoughts*, 1967), (este artigo é contemporâneo do livro *Learning from Experience* e é anterior ao livro *Elements of Psychoanalysis* onde Bion aborda assuntos aqui expostos), Bion encara a actividade de pensar como dependendo do desenvolvimento satisfatório quer dos pensamentos (concepções, pensamentos, pensamentos oníricos, elementos alfa, e elementos beta), que requerem um aparelho para pensá-los, quer deste próprio aparelho, ou seja a "actividade ou faculdade de pensar". Dito de outro modo, «o pensar passa a existir para dar conta dos pensamentos» (P128), e

este pensar surge do desenvolvimento exigido à mente pela pressão dos próprios pensamentos (Em 1970, *A Atenção e Interpretação*, Bion referirá que a diferença entre o "pensar verdadeiro" ("O") e a "não-verdade ou compulsão [T (-"O")] está no facto de que a compulsão necessita de pensador, ao contrário do pensar verdadeiro, já que ninguém pensa o pensamento verdadeiro. Este último aguarda advento de pensador que se personifica através do pensar verdadeiro. O pensador não importa para a verdade, enquanto que a verdade é indispensável para o pensador. Para além das implicações que tem a não-verdade para o pensar, também as tem para o ser, pois a compulsão impede-a de ser tornada "O").

Os pensamentos evoluem desde as pré-concepções até aos conceitos, passando pelas concepções (ou pensamentos). Bion utiliza como modelo explicativo, destes termos, a teoria de que o bebé tem uma disposição inata que corresponde à expectativa de um seio, portanto a pré-concepção seria neste caso a expectativa inata de um seio, ou o conhecimento a priori de um seio, ou o "pensamento vazio" (Kant), a qual quando entra em contacto com a sua "realização" (o seio mesmo) gera mentalmente uma concepção, esta está associada, assim, a uma experiência emocional de satisfação. Os conceitos são concepções firmadas, e têm nome.

O termo pensamento indica para Bion a união de uma pré-concepção com uma frustração. Repegando no modelo do bebé, o pensamento surgiria da conjunção da expectativa de um seio com a realização de um não-seio (uma "não-coisa" não é um "nada", 1965) disponível para a satisfação, resultando dessa união a vivência de um não-seio ou seio ausente dentro do bebé.

Perante esta frustração a capacidade que tem ou não o bebé de a tolerar, vai decidir quanto à sua atitude a tomar: fugir da frustração, ou modificá-la. «Se a capacidade de tolerar frustração for suficiente, o não-seio se transforma num pensamento, e desenvolve-se um aparelho para "pensá-lo"» (P129), quer isto dizer que estamos no domínio do princípio de realidade (Freud, S.), onde o pensamento capacita o sujeito a adiar a acção apropriada a satisfazer a necessidade. Quando há

tolerância à frustração, a união da concepção com as suas realizações, positivas ou negativas, conduz ao aprender com a experiência. Quando há incapacidade de tolerar a frustração, o "não-seio mau interno" conduz a mente no sentido da fuga à frustração, «o que deveria ser um pensamento — um produto da justaposição da pré-concepção e a "realização" negativa — torna-se um objeto mau, indistinguível de uma coisa-em-si, e que se presta apenas à evacuação. Consequentemente, o desenvolvimento de um aparelho para pensar fica perturbado, e, em vez disso, dá-se um desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projectiva» (P130). Como consequência os pensamentos são tratados como indistinguíveis de objectos internos maus, donde a necessidade de aparelho, não para pensar os pensamentos, mas que livre a mente do acúmulo de objectos internos maus. A predominância da identificação projectiva (a identificação projectiva "realista" (também no livro de 1973) entre o bebé e a mãe, ou o meio, funciona como meio de o bebé comunicar, despertando na mãe sentimentos dos quais o bebé deseja livrar-se, necessita que a mãe os transforme e os torne toleráveis, para que o bebé os possa então aceitar em si (reintrojecção), e passem a ser manejáveis pela personalidade do bebé. Se a mãe não aceita e desintoxica da sua qualidade dolorosa a identificação projectiva do bebé, este sente ao reintrojectar essa mesma identificação projectiva não transformada, um terror indefinível, sem nome, já que a mãe pela sua atitude retirou (não deu) significado à sensação do bebé. Esta intolerância da mãe leva o bebé à identificação projectiva excessiva, ou seja, em que, não só, há o seu domínio em termos de frequência como passa a ser utilizada como fantasia onipotente. Ou como dirá Bion em 1973, que desse modo surge um círculo vicioso, até que o bebé torna-se silencioso e fecha dentro de si uma coisa assustadora e ruim que ele teme que irrompa novamente) leva à confusão entre self e objecto externo.

Se a intolerância à frustração não for tal que leve à fuga, mas suficiente para que impeça suportar o domínio do princípio de realidade, aí a mente desenvolve a onipotência como substituto da união da pré-concepção (ou da concepção) com a realização negativa, pressupondo-se que a onisciência substitua

o aprender com a experiência, falhando aí actividade mental que discrimine o verdadeiro do falso (função da parte não-psicótica da personalidade e seus factores), pela afirmação ditatorial da onisciência de que uma coisa é moralmente (a moral como substituta da realidade é função da psicose) certa e outra errada. «As emoções preenchem, no que se refere à psique, função semelhante à que os sentidos exercem em relação a objetos situados no espaço e no tempo. Ou seja, o equivalente, no conhecimento privado, de um ponto de vista baseado no senso comum é a visão emocional compartilhada; vivencia-se uma sensação de estar com a verdade se a visão de um dado objeto, odiado, puder unir-se à visão do mesmo objeto quando amado, e tal conjunção confirmar que o objeto experimentado sob emoções distintas é o mesmo objeto. Estabelece-se uma correlação.» (P137)

13) Em 1970, no livro *Attention and Interpretation. A Scientific Approach to Insight in Psycho-Analysis and Groups*, Bion diz que o psicótico teme, detesta e odeia o crescer e a maturação. A hostilidade ao processo de maturação resulta de aí o princípio de prazer se subordinar ao princípio de realidade, por outras palavras a relação prazer-sofrimento fica subordinada a forças situadas fora da personalidade (como já víamos no texto referente ao artigo de 1950). «O psicótico, admite-se, rompe os vínculos com a realidade como passo para uma vida sexual em fantasia, mas de igual modo libertar-se da excitação sexual e derivados» (P78). No seguimento do que havíamos já referido sobre o artigo de 1956, o psicótico como não utiliza o recalçamento é-lhe consciente o que os não-psicóticos têm no inconsciente. O psicótico é compelido a saturar a pré-concepção, imprevisível e destituída de significação. A saturação prematura tem o efeito paradoxal de serem simbólicos todos os seus actos quando o psicótico é incapaz de formar símbolos. O contacto com a realidade é insuportável para o psicótico porque aquele revela-lhe elementos não saturados, os quais, ao mesmo tempo, estão saturados por vinculações intoleráveis à sua personalidade.

14) Em *A Memoir of the Future — The Dream*, 1975, Bion diz: «"ser" alguma coisa é diferente de "entendê-la". O amor é o máximo em "tornar-se" e não em entender-se» (P196). Tornar-se sexual é inerente à maturação física, mas o "amor real" não é função da pessoa amada, mas da que ama, e isto é inerente à maturação mental (Em 1991(a), no livro *A Memoir of the Future 3: The Dawn of Oblivion*, Bion diz que frequentemente se encara a maturidade sexual como o fim de um percurso quando ele é apenas um outro começo. A maturidade sexual designa maturidade física. O uso vulgarizado do termo maturidade sexual encobre a ausência do "amor apaixonado" que é o desenvolvimento da fusão do desejo físico e do amor mental, ou como diz Bion no livro *A Memoir of the Future 2: The Past Presented*, 1991: «Sexo físico frequentemente se mascara de amor passionai» (P70). No livro de 1975 escreve Bion: «"Amor passionai" é o mais próximo que consigo chegar de uma transformação verbal que "represente" a coisa-em-si, a realidade última, "O", como eu a chamei, aproximando-se dela» (P197)). «Roland Então você acha que Alice poderia me amar? [/] Bion Se ela estiver certa sobre o fato de amar Rosemary, então ela é capaz de amar você. Isso não significa que ela iria querer estar com você, seja para um episódio efêmero, para toda a vida, ou para objetivos anatômicos ou fisiológicos. Só que, aqui, estou preocupado em discutir fenômenos mentais, ainda que com um equipamento inadequado» (P197), ou como escreve Bion através de Bion que responde à Alice, quando ela afirma que ama Rosemary e que por isso esperava ser rotulada por Bion de homossexual: «Bion Se você estiver certa [de que ama Rosemary], deve ter se tornado capaz de amar. [/ ...] acho que você está errada em dizer que ama Rosemary se for homossexual» (P196/7).

«Dentro do tenro cálix desta frágil flor residem um veneno e uma virtude medicinal: porque, quando aspirada, o seu odor regala os sentidos; mas, quando bebida, mata-os, ao mesmo tempo que mata o coração. Duas potências inimigas lutam sem cessar tanto no homem como nas plantas: graça e perversidade. Ora, quando prevalece a pior, depressa o verme da morte vem devorar essa planta.»

( Shakespeare, W., "Romeu e Julieta")

«Esta cristalização no adulto de um cenário da sexualidade infantil, afirmava então a sexualidade contra o sexual, o imaginário contra o facto, que deste modo passava a facto do imaginário.»

( Amaral Dias, C., 1995: 103)

## V) Carlos Amaral Dias

1) Com Carlos Amaral Dias temos o prazer, não só, de ler os seus livros, como aconteceu com Freud e Bion, mas também, de com ele podermos dialogar.

Iremos começar pelo texto "A Psicanálise e a Coisa Sexual. De Baco a Platão", inserido no livro (A) Re-Pensar, para daí, então, partirmos para outros textos do autor.

Amaral Dias traça o percurso ideativo de Freud. Ao referir-se à importância do bifasismo sexual, diz que, à luz desta teoria, o objecto do desejo passa a ser, para além de objecto do instinto, também objecto do imaginário. O objecto de desejo adulto existe, então, como reencontro da representação interna de um objecto anterior.

O conceito de sexualidade humana ficou enredado na teia científica de que Freud se utilizou, seguindo este uma perspectiva instintivista falhou-lhe a

concepção de uma realidade mental tão importante como a realidade externa. Como resultado disso, Freud não pôde intuir a pulsão epistemofílica "organizadora de hipóteses sobre o real externo a partir da diferenciação/integração do real interno" (P98). Ou, como escreveu o próprio Freud, quando mais liberto do objectivo de tornar a psicanálise uma ciência à luz da ciência da época, acerca do caso Hans (ao lidar com a cena primitiva), que este procurava uma saída satisfatória para o seu Édipo, ou seja, "para os seus pressupostos identificatórios, não sem que antes o seu mundo interno gerador de hipóteses e organizador de significações tivesse organizado os moldes do introjecto feminino, pressuposto crucial para a fantasia dos pais combinados, fazedores de crianças e portanto criadores internos" (P100). Esta dificuldade para a visão do mundo interno levou Freud a conceber a teoria da sedução, primeiro como real (mundo externo), e só posteriormente, a colocá-la como fantasia derivada do desejo da criança (mundo interno), quer dizer, Freud "coloca [, então,] a realidade interior como geradora de argumentos e criadora de factos, que desta forma passam indiscutível e nobremente a factos mentais" (P103). Esta linha de pensamento leva Amaral Dias a referir que o conceito de sexualidade humana adquire nova significação porque transformado ao incluir a fantasia, o mundo interno, "o masculino e o feminino não aparecem mais como consequências biológicas, mas como percepções/apropriações, por identificação projectiva, do casal parental que também é por isso um casal parental interno.[/] A sexualidade infantil repousa na relação com o corpo da criança, com o corpo do pai e o corpo da mãe, mas também na junção dos corpos. Porém, estes corpos e suas mensagens pulsionais são de algum modo corpos e mensagens pulsionais que repousam na sua leitura e conhecimento em concepções internas, que paulatinamente autorizam sincronias de realidade à criança. Então a coisa sexual modela o psiquismo, mas sobretudo é modelada por este. As consequências da sexualidade infantil na sexualidade adulta são pois facilmente detectáveis e concebíveis. A não-integração e a não-sincronia entre realidade interior e exterior cria os ingredientes necessários e suficientes à patologia da sexualidade adulta. Veja-se apenas como exemplo a ideia

de concepção errada de Money-Kyrle. Neste caso e ainda como exemplo, a não-integração do conceito de sadismo oral pode por equação simbólica e lógica simétrica passar da boca à boca do corpo (vagina), criando ao sujeito a fantasia inconsciente de vagina dentada. De novo aqui o endo se impõe como matriz e descodificador do mundo externo" (P100/1).

Acabamos de correr o risco de ter feito uma longa citação, mas isso deve-se tão só, ao facto de ela concentrar em si diversos aspectos, importantes, da sexualidade (:infantil, adulta, normal, patológica, mundo interno e externo). Como havia escrito Amaral Dias (1988), é do encontro entre o potencial biológico do adulto e o que na infância se fez do amor (amor ao objecto), que se constroem o desejo e a respectiva tendência de procura do outro.

Através da prática psicanalítica compreendeu-se que o complexo de Édipo contém em si um potencial integrativo da vida mental, o qual, realizado pela sexualidade, transforma-se num portador de crescimento emocional. Deste modo o complexo de Édipo vem acrescentar o valor maternal e paternal, à diferenciação representacional dos objectos parentais, "sem que a inveja destrutiva impeça a criança de criar símbolos e pensar a esse respeito" (P102).

Com Freud, o objecto estava subordinado à pulsão. Autores posteriores, vêm colocar esse mesmo objecto numa relação de objecto, cujo expoente máximo é a identificação projectiva. "O objecto de amor encontrado que outra coisa não é que o objecto de amor reencontrado, lugar para a projecção imagónica, objecto «para o objecto interno»" (P104).

2) Vamos agora embrenhar-nos em Para uma Psicanálise da Relação (1988). Escreve o autor: "conceito de Identificação Projectiva [...] em que o que se diz em análise do lado do Analista é também e fundamentalmente a ressonância em si das fantasias e das projecções identificatórias do seu Analisando [...] «uma conversa entre duas pessoas», mas em que o que um diz deve existir no outro, idealmente, como o choro ou o sorriso do bebé para a sua mãe" (P9).

O conceito de identificação continha já em si os alicerces do conceito de identificação projectiva. Freud revela-nos a identificação como um processo activo e estruturante, e essencialmente inconsciente. Acerca de um caso de histeria, o caso Dora, podemos ler: "Freud escreveria: «O sintoma é o mesmo que o da pessoa amada (Dora imita a tosse do pai). Então podemos descrever a situação dizendo que a identificação tomou o lugar da vertente erótica, transformada deste modo, por regressão, numa identificação»" (P20). Posteriormente, Freud ampliou a noção de identificação, falando-nos de: um mecanismo de identificação arcaico de carácter oral (incorporação oral), da relação entre escolha de objecto narcísica e a identificação, da identificação primária (indistinção entre investimento do objecto e a identificação).

A identificação projectiva vemo-la, sem esse nome ainda, descrita em Freud, quando ele pega na peça de Hebeel, sobre Judite e Holofernes, para nos indicar a identificação dos soldados sob a forma de projecção ao seu chefe Holofernes (este decapitado representaria por isso mesmo a decapitação simbólica de todos os seus soldados).

Freud referiu-se à coexistência, no interior de um mesmo indivíduo, de várias identificações. Para Amaral Dias a identificação implicou/implica o reconhecimento de duas realidades (interna e externa) formando-se e deformando-se mutuamente, e, que as formas de comunicação entre as "pessoas psíquicas" e as pessoas reais se realizavam/realizam pela utilização de identificações (identificações projectivas (Melanie Klein)).

3) A identificação é um "conjunto de operações que determinam o processo de estruturação que ocorre dentro do self e que tem por base a selecção, inclusão e eliminação de elementos provenientes dos objectos externos, dos objectos internos e do self" (P26). As diferentes identificações (adesiva, projectiva e introjectiva) ligam-se aos processos de externalização e internalização que fundam a vida mental, as quais permitem quer, o reconhecimento do objecto exterior

(bidimensionalmente, primeiro, tridimensionalmente: continente e conteúdo do objecto, depois), quer, e em consequência deste reconhecimento, a construção do objecto interno num mundo psíquico e objectal tetradimensional.

A identificação adesiva reporta-se à carência, no sujeito, de um espaço interior bem constituído, assim como, de objectos que tenham espaço adequado para projecções estáveis. Deste modo, as projecções identificatórias ao não penetrarem dentro do objecto ficam à sua superfície, tornando-se assim uma parte do objecto. Este processo conduz o indivíduo a imitar a aparência e o comportamento externo do objecto.

No plano do desenvolvimento o bebé identifica-se adesivamente (coesivamente) ao objecto relacional primitivo (em complemento do movimento diferenciador, da consciência de separação pela utilização das competências do bebé), de modo que, a vivência do mundo interior e a relação ganham coesividade (também em Amaral Dias, 1995).

Na identificação projectiva o sujeito dissocia partes do self e projecta-as no interior dos objectos externos. Na psicopatologia são dissociados e projectados, também, os objectos internos. Estas partes clivadas da mente do indivíduo deixam de ter existência no aparelho psíquico do sujeito para passar a ter-a dentro do objecto externo.

As identificações introjectivas descrevem as internalizações que se dirigem ao núcleo do self e são por este assimiladas. São parte activa na constituição do Eu, e base da identidade do indivíduo ("A experiência de identidade constrói-se através de uma sequência contínua de identificações introjectivas [, que se iniciam com o seio da mãe,] que levam por isso a uma integração permanente dos diferentes aspectos da vida mental e consequente relação com os objectos" (P28)). Como Amaral Dias irá referir, bem lá mais para a frente neste livro, vai-se processar uma mudança relacional na mente do bebé: "O objecto que desinvestindo destrói tem de dar lugar ao objecto que, desaparecendo, permanece" (P150). Por outras palavras, como atrás foi referido, na evolução do sujeito, novos objectos, novos

laços, e vinculações devem surgir àquele, de modo tal, a permitir-lhe novos introjectos e novas separações. Deste modo, progressivamente, o indivíduo vai tendo condições de viver só, porque acompanhado dentro de si por objectos internos cuidadores dele próprio.

Amaral Dias diferencia, no seguimento de Grinberg, as introjecções das identificações introjectivas. daquelas resultam introjectos na órbita da periferia do self. São introjectos com alguma autonomia face aos componentes egóicos nucleares e com os quais mantêm uma relação do tipo objectal, o que naturalmente influencia a dinâmica da estrutura psíquica interna. Estes introjectos podem ser de novo projectados no mundo exterior ou assimilados ao núcleo do self. Estes introjectos podem resultar também de aspectos do núcleo do self que ao perderem essa condição passam a objectos orbitais do mesmo. "É tão somente nesta mobilidade identificatória (isto é, no jogo das externalizações e internalizações e dentro destas as diferentes modalidades internalizantes) que se pode compreender a verdadeira importância da identificação projectiva, nomeadamente na compreensão das relações de objecto" (P29). (M. Klein, em "Notas sobre os Mecanismos Esquizóides" (1947), define a identificação projectiva como consistindo na fantasia onipotente de que partes não desejadas da personalidade e dos objectos internos podem ser dissociadas, projectadas e controladas no objecto, no qual teriam sido projectadas. Quer isto dizer que o objecto não é vivido como separado do sujeito, mas como uma parte do self que foi dissociada e projectada).

Ainda segundo Klein, o uso intenso e maciço da identificação projectiva leva a um grande empobrecimento do Eu, já que partes consideráveis deste ficam como que contidas no objecto, "originando sentimentos de confusão mental ou ainda quadros clínicos do tipo da claustrofobia, da impotência, estes ligados à fantasia de ficar aprisionado no corpo da mãe. A possibilidade de o objecto, como represália, «obrigar» a violentas reintrojecções, faz com que frequentemente a identificação projectiva seja acompanhada de profundas ansiedades paranóides" (P30).

O funcionamento, normal e ligado ao desenvolvimento, da identificação projectiva participa na estruturação do vínculo empático, e posteriormente, no estabelecimento de boas relações objectais, assim como participa na formação de símbolos. As diferentes qualidades da relação recíproca do bebé com o seio (e a mãe) determinam a manutenção do funcionamento normal da identificação projectiva ou a passagem à utilização da identificação projectiva patológica (de natureza onipotente, e de finalidade predominantemente sádica e destrutiva).

Segundo Amaral Dias, Bion vem acentuar a importância da identificação projectiva como um dos factores principais na formação de símbolos e da comunicação humana (continente-conteúdo), e igualmente, como precursor da actividade de pensar e na formação do aparelho para pensar os pensamentos ( $\sigma \leftrightarrow \varphi$ ,  $Ps \leftrightarrow D$ , e capacidade de rêverie da mãe). Para este processo há que contar também com a capacidade de o bebé para tolerar a frustração, e com a reintrojecção, por parte dele, dos conteúdos das projecções, agora já metabolizados pela mãe. A intolerância à frustração por parte do bebé leva-o à evacuação de elementos  $\beta$  (impressões sensoriais e experiências emocionais não transformadas), ao invés da formação de elementos  $\alpha$  (função  $\alpha$ ).

Outro aspecto importante, descrito por Bion, da identificação projectiva, relaciona-se com o uso dela em vez do recalçamento. Os psicóticos ao atacarem com ódio as realidades (interna e externa) e o próprio aparelho perceptivo, fragmentando-os, vêem-se assim rodeados de "objectos bizarros", os quais são alvo de identificação projectiva patológica. Estes objectos bizarros são objectos sentidos como perigosos, porque teriam para o psicótico existência independente dele e seriam incontroláveis.

Amaral Dias refere que para Rosenfeld haveria seis modalidades diferentes de identificação projectiva: 1) A identificação projectiva como método de comunicação. 2) A identificação projectiva como negação da realidade psíquica. 3) Uso da identificação projectiva como controle onipotente do corpo e da mente do analista, "o analista é então percebido como se tivesse enlouquecido, ameaçando

por isso com a sua presença a reintrojecção das «partes loucas» do doente [psicótico]. A consequência é fundamentalmente um temor de desintegração. É óbvio que este tipo de identificação projectiva leva ao pensamento concreto, à confusão entre realidade e fantasia e à perda da capacidade simbólica" (P32/3). 4) O uso da identificação projectiva como defesa contra a inveja ("identificação projectiva defensiva" e "identificação projectiva total"). 5) Uso da identificação projectiva como relação objectal parasitária (mecanismo idêntico ao da "identificação projectiva total"). 6) O uso da identificação projectiva através de algumas formas de alucinação ou delírio ("formas de «viver» inteiramente dentro do objecto" (P33)).

Segundo Amaral Dias, Meltzer enumerou os vários motivos que conduzem à utilização da identificação projectiva maciça: "a intolerância à separação, o controlo onnipotente (utilizado quando a diferenciação entre o bom e o mau está pobremente definida), a inveja, os ciúmes delirantes e possessivos, a desconfiança do objecto e a excessiva angústia persecutória" (P33). E, Grotstein denominou "desidentificação" ao processo que leva a que aspectos clivados no sujeito e projectados no interior do objecto deixem de ser reconhecidos por ele como dele próprio (antónimo de identificação).

4) A "identificação projectiva aos objectos internos" refere-se à identificação projectiva que se desenrola na realidade interna, como no caso dos estados paranóicos em que há uma relação intrapsíquica entre o Eu e a parte clivada do Eu que contém o objecto odiado e persecutório introjectado, ou seja, na identificação projectiva aos objectos internos há uma relação que se estabelece entre o self e uma parte do self localizada a um nível mais periférico ("internalização orbital").

No psicótico maníaco as identificações projectivas realizam-se com um objecto idealizado e provido de onnipotência absoluta, quer dizer, o Eu do maníaco projecta-se dentro de, e identifica-se com, um objecto interno idealizado e onnipotente, donde resulta que o Eu tenha sentimentos de triunfo e de desprezo

para com o objecto exterior, sobre o qual são projectadas as partes más do self, as quais deixam de ser reconhecidas como pertença desse mesmo self (desidentificação, ou, segundo Amaral Dias "desidentificação projectiva" ou "projecção evacuatória").

O psicótico desconhece (ataca o princípio de realidade) e desconhece-se "para sobreviver ao ódio incurável, desintegrador e explosivo" (P66).

5) Amaral Dias, ao analisar o que autores recentes disseram do assunto sobre o espaço psíquico e o pensamento, escreve que, na unidimensionalidade psíquica os esquemas instintuais existentes (pela via genética e neurofisiológica) apenas são transformáveis através da função continente e da capacidade de rêverie da mãe. Na unidimensionalidade psíquica o mundo está centralizado no self, e não há verdadeira actividade mental, dado que há indisponibilidade de acontecimentos, quer através da memória, quer pelo pensamento. A construção da função continente no interior de uma área simbiótica leva à bidimensionalidade psíquica. Nesta dimensão, a significação dos objectos é inseparável das qualidades percebidas nas suas superfícies. Devido ao espaço mental bidimensional, está impossibilitada a estruturação da fantasia e do pensamento. Pelo modo relacional, nesta dimensão, não é possível, para o indivíduo, realizar a distinção entre um bom objecto ausente e o objecto ausente persecutório. O tempo é um tempo circular. Anteriormente, era um tempo fechado. "Esta estruturação espacial correspondente naturalmente à identificação adesiva, caracterizada ela mesma por um mimetismo colante e por uma dependência-colagem" (P82). Na tridimensionalidade psíquica existe a representação do self e dos objectos em espaços potenciais, a internalização da função continente. Por outro lado, há ainda reversibilidade na diferenciação entre o self e o objecto, e uma oscilação do tempo, que caminha para a relatividade temporal (efeitos da identificação projectiva, formadora da tridimensionalidade). A tetradimensionalidade psíquica "construtora de um verdadeiro espaço de vida e possibilitando o alargamento do pensamento e da fantasia, no dentro e no fora,

dentro do self e fora do self. O mundo a quatro (a n dimensões) estrutura-se pelo controlo exposto aos objectos do mundo interior e exterior, e o tempo ganha definitivamente o senso da realidade (a morte), coabitando com a marca da esperança e do futuro" (P83). Esta dimensão corresponde à identificação introjectiva.

É através da identificação que o mundo unidimensional (inicial, do recém-nascido) transforma-se na relação de objecto precoce. É através da identificação que se criam os "lugares da vida mental", e que as funções psíquicas se organizam. O próprio espaço psíquico está dependente do sucesso ou não do percurso identificatório ("o que está fora, *transformado*, figura-se no dentro" (P83)).

6) Para Amaral Dias o complexo de Édipo (também em Amaral Dias, 1995) reporta-se a um problema de relação com a realidade (acréscimo à progressiva diferenciação representacional dos objectos o valor do maternal e do paternal percebidos juntos e separados. Acrescendo-se, posteriormente, os valores do masculino e do feminino, fazendo com que a identidade de género seja consequente com as identificações introjectivas. O complexo de Édipo tem importância no desenvolvimento integrativo e na complexificação funcional da vida psíquica), na qual a relação triádica surge dominante no self (intervém nos processos de separação-individação, ao permitir a passagem de uma diferenciação rudimentar entre o sujeito e o objecto para relações a três, com todas as implicações que este terceiro (real e simbólico) vem introduzir nas dinâmicas afectivo-relacionais e mentais), evoluindo para relações de objecto mais flexíveis (entre objectos internos e externos). "Assim sendo, o complexo de Édipo instaura um nível de compreensão dos objectos, na sua possessão/despossessão, que lhe permite também uma outra forma de relação com esses mesmos objectos" (P113), quer dizer, concluímos nós, seguindo o trilho de Amaral Dias, não é só a evolução psíquica, a nível geral, que ajuda a criança a ir entendendo os aspectos da sexualidade, mas é também a evolução específica da sexualidade (não esquecendo

que ambas as evoluções estão interligadas) que contribui para o entendimento das realidades. "Ser como o pai, sem ser como o pai (pela integração da diferença dos sexos e da diferença de gerações). O que, ao fim e ao cabo, só pode abrir a via ao imaginário e instaurar o conhecimento" (P113).

O predomínio do vínculo L sobre o vínculo H possibilita o vínculo K. A possibilidade da criança questionar e entender a sua vida interior, passa pela aceitação e entendimento da sua relação com os pais e entre estes. "É conhecer para se reconhecer (identificar-se)" (P115). Como escreve o autor, o processo de crescimento normal é constituído de transformações e re-significações, onde o Édipo é o "conhecimento e a consciência de um conhecimento com limites"(P120).

7) Acerca do valor e natureza da interacção precoce, e da importância de a mãe ter espaço psíquico para conter o seu bebé numa relação assimétrica (maturidade-capacidade de compreensão/imaturidade — mãe/bebé, respectivamente), e do conseqüente desenvolvimento normal de um vínculo amoroso, diz Amaral Dias que o bebé "por muito que seja capaz de investir perceptivamente a mãe (ou o humano), de a pré-conceber [...], não pode existir a não ser que a mãe lhe confira existência através da sua capacidade de lhe dar significado" (P162). A mãe só pode sonhar (função rêverie) o filho quando capaz de lhe conferir valor na fantasia, ou seja, quando ela mesma foi o bebé real e imaginário da sua própria mãe (ou seu substituto). "Antes que o bebé pense, alguém pensou por ele"(P162).

No investimento e na escolha de objecto narcísico, onde os processos de separação e individuação não estão claramente determinados, o sujeito, refém de uma insegurança básica muito forte, procura objecto que lhe satisfaça necessidades básicas não satisfeitas, e não por um verdadeiro estado amoroso (o outro é mais uma função do próprio do que um outro separado dele). No investimento genital, o indivíduo, maduro, procura objecto também adulto (dois seres independentes) no reconhecimento do amor a esse mesmo objecto, descobrindo-o e conhecendo-o na

sua intimidade, enriquecendo-se com ele (amor, conhecimento, e enriquecimento mútuo).

Como diz Amaral Dias "para o bebé o prazer maior é o de ser entendido" (P166). Acrescentamos que, entendido porque também verdadeiramente amado.

Na psicose a identificação projectiva veicula um ataque constante ao self, fragmentando as actividades mentais, fragmentando a imagem corporal, perdendo-se a ligação das diferentes partes a um todo uno dinâmico. Predominando a inveja e a voracidade, constitui-se um mundo destituído de autonomia e de significado.

8) Em 1995, Amaral Dias, no seu livro (A) Re-Pensar, escreve a dado passo que a identificação projectiva nas psicoses esquizofrénicas tem essencialmente um carácter evacuativo e anticomunicante. As partes do self projectadas (evacuadas) no interior dos objectos e na realidade passam a constituir fonte de ameaça para o próprio psicótico. Ao conterem as partes odiadas do psicótico passam a ser odiados por este. "Evacuada a parte diferente, é a diferença que é atacada a todos os níveis" (P19) (:diferença entre o símbolo e o simbolizado, diferença dos sexos, e sobretudo das gerações, diferença entre a simetria e a assimetria do pensar). O outro (o objecto) como real e separado do psicótico não tem existência neste.

Mais adiante, pode-se ler: "A potencialidade do espaço interno, depende da potencialidade criadora do objecto-seio-interno, sendo pois a sua criação simultânea e interdependente. Daí evidentemente que a passagem de um espaço unilinear e [unilinear a] um espaço n linear, ou seja, a transformação de  $-\infty$  em  $+\infty$  interaja com o objecto em potência  $-\infty$  ou  $+\infty$ . O espaço para a *psyché* fabricar a sua cena (com os seus objectos e com as intrafaces e as interfaces dos objectos), numa *probabilidade expansiva e multiplicativa*, vai pois de 1 a n ( da equação simbólica /simétrica à função simbólica/simétrica/assimétrica)" (P54).

Do contínuo movimento de desintegração-integração no interior do indivíduo surgem duas vias: uma, a da criatividade, a do génio, a que permite a compreensão do que até aí não havia sido integrado, transformado, nomeado, sabido, o qual traz apaziguamento ao sujeito. A outra, a da loucura, devido ao contacto com o que nunca se devia saber, e da convicção delirante de onisciente. "É possível que o louco saiba tudo, porque encerrado num saber que prescinde do outro (ou porque o outro não esteve suficientemente). Então o pensamento, o grande arrasador de absolutos, é o pensamento do absoluto e logo o anti-pensamento. Ameaçado pela realidade, o louco nega-a e ataca-a (odeia-a) para preservar um saber máximo/mínimo" (P69).

Mais à frente, escreve o autor: "É a grosseira mentira da timidez aonde apenas a perseguição tem nome" (P132), quer dizer, que o psicótico projecta e faz conter no outro(s) as suas partes persecutórias que o ridicularizam e o humilham (desidentificação alienante). Foge, então, do outro(s) (continente do qual se isola, e inveja) fugindo de si próprio.

9) Amaral Dias, no seu livro *Tabela para uma Nebulosa. Desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion*, de 1997, pega na tabela de Bion e divide a categoria C (pensamentos oníricos, sonhos e mitos) em duas categorias separadas: C (pensamentos oníricos), e, D (pensamentos míticos). Em qualquer uma delas, Amaral Dias considera os mesmos elementos presentes em Bion, respectivamente, pensamentos de sonhos e os sonhos propriamente ditos, e, representações pessoais do sujeito, da sua história pessoal. Em consequência desta subdivisão, a tabela prolonga-se numa letra mais ( I ) do que a de Bion ( H ). Com esta subdivisão pretendeu-se discriminar a estrutura narrativa pessoal e o modo como o indivíduo se refere a ele próprio daquilo que são os elementos oníricos propriamente ditos.

O autor refere que podemos entrar no eixo vertical da tabela quer, pela realidade externa (elementos  $\beta$ : "os elementos sensoriais a que Bion chama «coisas

em si» ou elementos  $\beta$ . Estes elementos são susceptíveis de hipótese definitiva, são susceptíveis de serem «pensados» como enunciados falsos, ou podem ser vividos através de uma acção. Sobre estes elementos opera uma função [.../] Esta função que opera sobre os elementos sensoriais deve produzir elementos  $\alpha$ " (P12)), quer, pela realidade interna (pré-concepções: expectativas vazias constituídas por uma área saturada e por uma outra insaturada. As pré-concepções são susceptíveis de transformação apenas na área insaturada, através do contacto com os objectos). Estas duas realidades (interna (pré-concepção) e externa (elementos  $\beta$ )) são susceptíveis de transformação até criarem uma narrativa pessoal (elementos míticos) e conceitos sobre o mundo. "O pensamento humano destina-se a duas coisas; à capacidade de criar conceitos e, mais tarde, sistemas hipotético-dedutivos e cálculos algébricos a um nível muitíssimo superior de abstracção e também à construção de uma capacidade de leitura do sujeito da sua própria realidade, ou seja, da construção de uma função psicanalítica da personalidade, de uma capacidade de auto-observação, da introspecção, de todas estas coisas que se encontram na categoria D [pensamentos míticos]" (P15).

No eixo horizontal, Amaral Dias refere que a categoria 2 ( $\Psi$ , enunciados falsos) a par com a categoria 7 (acção) (de Amaral Dias, 6 de Bion, já que o autor inclui neste eixo uma nova categoria: Decisão (6), a qual resulta de processos de pensamento, e a qual dá origem a acontecimentos, acrescentaríamos nós, a «parte visível» da decisão, ainda que «visível» possa não ser para o outro) fazem parte das "«categorias -K» [ciclos não transformáveis] onde não há criação de conhecimento algum" (P16), por outras palavras, o conhecimento inserido nestas duas categorias leva a que os pensamentos e a própria estruturação dos pensamentos, que daí surjam, sejam pensamentos mentirosos e de decrescimento mental. A utilização destas categorias liga-se a dificuldades que o indivíduo tem de lidar com a sua dor mental (intolerância à verdade e ao conhecimento, intolerância à dor depressiva), o que o conduz à não utilização do aparelho de pensar. Pelo contrário as categorias K, onde o crescimento mental se realiza, são as categorias 3,

4, e 5 (respectivamente de, notação, atenção, e indagação ou investigação, as quais dependem da criação de "facto seleccionado"). Aqui, encontramos em exercício todo o sistema de pensar e o aparelho de pensar, incluindo a função psicanalítica da personalidade, com o objectivo de criar conhecimento.  $K \rightarrow O$  acontece em 5.

O reconhecimento da realidade (passagem da posição paranóide para a posição depressiva), passagem de 2 da tabela (-K) para 3, 4, 5, e 6 (Amaral Dias) (K), é trabalho que decorre ao longo de toda a vida. A realidade é o ancoradoiro que protege o indivíduo contra as vagas alterosas e destrutivas da posição esquizo-paranóide (clivagem, projecção, e identificação projectiva patológica) e das defesas maníacas, e é a que permite que o indivíduo possa aprender com a experiência, senão, toma lugar o enunciado falso (evitamento da "dor da consciência depressiva"): A2, vividos alucinatorios (aos quais está "acoplada uma alteração do contínuum espaço-tempo. [...] a alteração do espaço-tempo é distorcida a um nível essencial e faz coabitar no mesmo espaço-tempo dois contínuum espaço-tempo. O contínuum espaço-tempo onde se movem os sujeitos com o contínuum espaço-tempo onde uma outra percepção que não está aqui, está aqui onde o que aqui não está, também está. [...] a alucinação é o limite máximo de onipotência psicótica e do solipsismo psicótico" (P26/7). É na relação com o objecto (no encontro com o objecto cria-se uma concepção, e na "realização negativa" cria-se o conceito), que se cria um contínuum espaço-tempo. B2, ilusões patológicas ("as ilusões psicóticas são a utilização de percepções que não criam alterações da própria percepção [...] há uma interpretação da percepção, é um protopensamento [impressões sensoriais e experiências emocionais muito primitivas relacionadas com a experiência concreta de uma "coisa-em-si"] que está trabalhando em cima duma percepção, colocado num enunciado falso de uma percepção [...] para além da despersonalização e da desrealização [alterações sensoriais em que não é perdida a realidade do objecto, mas o nível onde se coloca esta realidade], penso que a relação com zonas corporais na perversão é, nitidamente, utilização de B2, ou seja, o sujeito utiliza uma relação com uma parte do corpo que é coisificada numa área excitatória, trabalhando contra

a realidade, negando a própria existência da realidade sexual, sem negar a realidade em si mesma. Talvez aí se inscreva a ideia de desmentido do Real (Freud), e talvez por aqui se deva abrir a perversão a uma diversão **neo-sexual**, para aquém/além da fixação" (P30/1)). C2 ( $\geq C$ , Tabela de Amaral Dias), sonho evacuativo ("Sonhos onde não há um processo de sonhar. Não há transformação mental. [/] O que o doente [psicótico] diz que sonhou é apenas uma coisa igual a uma coisa que ele poderia ter alucinado, ou a uma coisa que ele poderia ter eliminado [...] São sonhos que servem para evacuar uma dor psíquica ou um problema mental, não servem a verdade" (P32/3)). D2, é a categoria mítica pessoal sob forma de um enunciado falso. E2, aqui a pré-concepção liga-se à inveja primária e secundária ("já que o enunciado falso de uma expectativa pode ser satisfeito a um nível predeterminado por uma inveja primitiva [...] Não há necessidade alguma de transformação e não há lugar algum senão para a continuação de algo descritível como «inferno da voracidade e predação». [/] A inveja primária corresponde a uma consciência do objecto que é intolerável ao sujeito, só pelo facto de existir. É uma consequência de uma dependência cuja consciência é impossível [...] A contrapartida é o sujeito que se alimenta a si mesmo. Este alimentar-se a si próprio é um alimento frio, narcisista, é um alimento que não tem alimento algum" (P37)). Para o autor há uma interacção entre uma pré-concepção «falsa», dogmatismo, e fanatismo. F2, relações dogmáticas (dogma: qualquer coisa que tem de ser aceite, que não admite discussão). G2, fanatismo: uso fanático dos conceitos ("o fanatismo é a utilização de uma verdade ao serviço de uma mentira" (P42/3), impedindo tomar contacto com a "verdade mais essencial"). H2, ortodoxia.

Ainda a respeito da pré-concepção, em que a expectativa vazia não é a deste ou daquele objecto mas do objecto (não deste ou daquele determinado seio mas do seio), isso leva a que, por exemplo no caso do objecto de amor, não se possa falar de amor único, "mas de uma única forma de amar em função de uma expectativa" (P46).

10) No seu livro (e também de Manuela Fleming) *A Psicanálise em Tempo de Mudança. Contribuições teóricas a partir de Bion*, de 1998, Amaral Dias começa por abordar a relação continente-conteúdo ( $\varphi \sigma^{\uparrow}$ ) a partir de Bion. O continente é concebido como "retículo ( $\varphi$ ), aonde se suspendem os conteúdos ( $\sigma^{\uparrow}$ )" (P10), sem coesão aparente, e é da sua conjugação ( $\varphi \sigma^{\uparrow}$ ), penetrada pela emoção, permitindo que o retículo esteja vitalizado e pronto a ser preenchido, que se viabiliza o crescimento e a transformação. A relação continente-conteúdo está ligada à interacção  $Ps \leftrightarrow D$ . Esta última ( $Ps \leftrightarrow D$ ) é vista como a alternância dos processos de fragmentação e de integração necessários ao desenvolvimento do processo de pensar, enquanto que  $\varphi \sigma^{\uparrow}$  é visto como "expulsor-ingestor". Da adequada função  $Ps \leftrightarrow D$  surge o delineamento do objecto total, enquanto que o seu significado(s) depende de  $\varphi \sigma^{\uparrow}$ .  $\varphi \sigma^{\uparrow}$  participa na organização da mente e na formação do espaço para que a mente exista, através da introjecção do modelo relacional mãe-bebé, na qual a mãe tem a função continente ( $\varphi \sigma^{\uparrow}$  é parte importante da função  $\alpha$ ). " $\varphi \sigma^{\uparrow}$ , como modelo de transformação e «desintoxicação» das ansiedades mais primitivas, na mais primitiva das relações, propõe-se como metamodelo (e modelo ideal no sentido platónico) para a relação" (P24). A tolerância à dor mental é fundamental para que o indivíduo possa receber e conter em si, e transformar emoções e pensamentos. O processo de aprendizagem e o crescimento emocional derivam de um  $\varphi$  tolerante à dúvida e de um  $\sigma^{\uparrow}$  com tolerância ao sentido de infinito. " $\varphi$  e  $\sigma^{\uparrow}$  mantêm vínculos [estados emocionais que relacionam  $\varphi$  e  $\sigma^{\uparrow}$ ] que podem ser descritos como de natureza comensal, simbiótica ou parasitária [.../]

**Comensal** -  $\varphi$  e  $\sigma^{\uparrow}$  coexistem, mas praticamente não se influenciam [...], dois seres coexistem, mas não se encontram [.../]

**Simbiótico** - Quando  $\varphi$  e  $\sigma^{\uparrow}$  conseguem transmitir através do vínculo a influência recíproca. A mãe desenvolve a sua aptidão maternal em contacto com o seu bebé, e o bebé a sua aptidão em ser bebé em contacto com a sua mãe [...], o vínculo K corresponde a esta descrição [/]

**Parasitário** - Quando a relação entre  $\varphi$  e  $\sigma^{\uparrow}$  é mutuamente

danificante. «A mãe extrai da relação com o bebé uma fonte de dissabores e de «não mamãs» (Sor e Gazzano,1988). O bebé extrai um horror reforçado. Gera, quando o que está em jogo são as ansiedades básicas, o que Bion designa por «terror sem nome» ou «pânico psicótico»" (P25/6).

11) Na "mudança catastrófica" a ideia nova contém em si uma disrupção associada a três características fundamentais: violência, invariância e subversão do sistema. (Violência porque a vivência da transformação (mudança de sentido) ocorrida durante a mudança catastrófica implica desorganização e dor mental. Invariância porque a ideia nova surge da transformação de uma outra da qual mantém alguns traços reconhecíveis, o que facilita o processo de aprendizagem e crescimento mental, "em que o sujeito mais do que **saber acerca de**, se acerca a **ser de**, ou, como afirma Bion, «torna-se O»" (P29). "O" na psicose seria "Ser Deus", "O" na neurose seria "Ser Édipo". Subversão porque há verdadeira mudança, crescimento e insight). No caso de haver intolerância à intensidade emocional e à dor mental, inerentes à mudança catastrófica, esta pode conduzir o indivíduo à acção (o aparelho para pensar transforma-se em aparelho expulsivo), pelo ataque que o sujeito realiza ao continente ( $\phi$ ) e à sua função. "Na área do crescimento emocional e da aprendizagem, conhecer é de *per si* mudança catastrófica. Nesse sentido, o *insight*, tal como é concebido pela psicanálise, só é possível porque houve mudança catastrófica. Em  $\phi$   $\sigma$  naturalmente" (P37).

12) A experiência emocional "implica transformação vinculativa e emocional, impregnação visível ou invisível da e pela emoção subjacente. Portanto, um vínculo K é aquele que existe entre o sujeito que procura o conhecimento — (ou um conhecimento) sobre o (ou sobre um) objecto — e o objecto que se pode conhecer" (P39). O vínculo K é uma expectativa de saber algo, e portanto uma relação  $\phi$   $\sigma$  onde a dúvida é tolerada. K depende, assim, de  $\phi$   $\sigma$  ("representa a realização emocional relativa ao aprender"), nas várias fases da actividade mental e

do crescimento. A não tolerância à dor mental inerente ao processo de conhecimento conduz a -K (estado emocional característico da personalidade psicótica), donde resulta proliferação de mentiras face a uma mudança catastrófica, a qual fica inviabilizada de realização por não ser possível ao indivíduo tolerar a dor mental que ela acarreta. A mentira, geradora e disseminadora de outras mentiras, torna-se numa "potenciadora de um não-self, impiedoso e frio no esmagamento do self, do «sê quem és»" (P40).

O objecto em -K é um «super» ao Eu, é um objecto em ódio, que se opõe com ódio a qualquer desenvolvimento da personalidade e à aprendizagem com a experiência. É um objecto onde impera a «superioridade destrutiva» (donde estão excluídas as noções de Bem e de Mal), e a vontade de possuir (como modo de retirar ao possuído existência própria).

13) A posição esquizo-paranóide poderá ser vista como representando a "doença mental" (não-integração, dissociação, e desconhecimento) e a posição depressiva como representando a "saúde mental" (integração, tolerância, e aptidão a saber).

Os argumentos circulares da teoria da causalidade paranóide, pela intolerância a D, levam o paranóide a pôr os seus sentimentos de perseguição como perseguidores dele próprio, o que o conduz ao ódio à realidade ( $Ps \leftrightarrow Ps \leftrightarrow Ps \leftrightarrow$  ódio à realidade). É através de  $\varphi \sigma^{\uparrow}$  que se poderá processar uma desintoxicação transformadora de H, potencial gerador de K, podendo, então, viabilizar  $D \leftrightarrow Ps$ .

Quer em  $Ps \leftrightarrow Ps \leftrightarrow Ps \leftrightarrow$  ódio à realidade, quer em  $Ps \rightarrow D$  ("articulação narrativa causal", onde há  $Ps \rightarrow D$  mas intolerância a  $Ps \leftrightarrow D$ ), há resistência, pela intolerância à dor mental a novas significações em  $\varphi \sigma^{\uparrow}$ , pela impossibilidade de ocorrer  $Ps \leftrightarrow D$ . "«Podemos então conceber a *Psyche* como algo em movimento perpétuo, soltando ou integrando partes de si. Tal movimento pode ser enriquecedor ou empobrecedor do self. É enriquecedor quando o que é solto serve a curiosidade (pressuposto da ignorância). É empobrecedor quando alimenta a

paranóia (pressuposto do saber — não saber)» (...). «A criação apazigua porque transforma, porque nomeia" (P56).

14) Sentir o que se passa em nós próprios resulta de o pensarmos através do aparelho de pensar os pensamento. Quanto mais e melhor nos conhecermos menores serão as projecções que realizaremos sobre os outros. "O que permite o conhecimento é o método, e não o seu objecto" (P152).

"«Putá!» uivou Cornaboeux e, para se vingar, beliscou violentamente o cu de Mony. Este, tomado de raiva, mordeu terrivelmente o ombro de Mariette que descarregava soltando mugidos. Sob o efeito da dor, implantou os dentes na cona da ama que, histericamente, lhe apertou as coxas em torno do pescoço.[/] — Sufoco! — articulou dificilmente Mariette. [/] Mas não a escutaram. O abraço das coxas tornou-se mais forte. A face de Mariette ficou de cor violeta, a boca espumante mantinha-se fixa na cona da actriz. [/] Mony descarregava, uivando, numa cona inerte. Cornaboeux, com os olhos fora da cabeça, largava a sua esporra no cu de Mony declarando com uma voz lassa: [/] — Se não ficares grávido, não és um homem! [...]. Mony procurava retirar a sua peça da cona de Mariette. Mas não havia meio. O corpo da criadinha não mais se mexia."  
(Apollinaire, "Os Onze Mil Vergalhos")

## VI) Caso clínico

### 1ª Sessão 4/7/88

[M] - [Trata-se do caso de um púbere.]

«Ele diz que, anda receoso que alguém (alguém é toda a gente) toque nele, e até enrolou a camisola, que trazia vestida, de modo a que não lhe toquem na "pila", porque ele tem receio, que ela se ponha de pé, se lhe tocarem, e que ele fique mal-encarado.»

[C.A.D.] - «Temos um problema de um pénis, mas que não é um pénis, porque um pénis com pénis é a antítese disto que ele descreve, o que ele descreve é um automatismo do pénis, para além dele próprio (sujeito). Se alguém lhe toca, o pénis pode ficar erecto. Portanto, este pénis transforma-se imediatamente num gigantesco ponto de interrogação. Porquê? Porque é evidentemente um discurso paranóide.

Porque é que este discurso contém todo o sistema paranóide? Primeiro, contém um sujeito, não um sujeito com pénis, mas um sujeito mais um pénis. Portanto, este pénis está separado do sujeito. Depois, terceiro, que este sujeito mais o pénis é transformado num pénis contra o sujeito. Quarta coisa que ele diz, é que ele tem um mau pénis, tem que esconder para que o sujeito continue em questão, logo você isolou o mau objecto persecutório, mais, você isolou um objecto persecutório com consequências gigantescas.

Em esquema:

Pénis?

- 1) sujeito com pénis.
- 2) sujeito + 1 pénis.
- 3) sujeito + 1 pénis (transformado) pénis contra o sujeito.
- 4) mau pénis.

Há um problema central que imediatamente aparece aqui, que é a castidade do homem. Há aqui um problema do homem casto, este sujeito é casto, nunca teve relações sexuais. Um discurso destes só é possível num sujeito (independentemente da idade dele) com uma castidade imposta por uma perseguição.

»Não existe uma psicose da criança, uma psicose do adolescente, mas uma psicose na criança, uma psicose no adolescente, uma psicose no adulto. A psicose é uma entidade que se manifesta para alguém ou para além da época do seu desenvolvimento, a plasticidade da psicose é uma coisa, psicose é uma entidade. Quem compreende a psicose na criança, compreende no adolescente e no adulto.

»Finalmente há um mau pénis. O que é que um sujeito pode fazer com um mau pénis? Coisas extraordinárias. Uma das coisas que um sujeito pode fazer é cortar o pénis. O que é que pode acontecer quando um sujeito cortar o pénis? Pode cortar o pénis de várias maneiras. Uma delas é cortar o pénis, a outra é transformar-se, na

fantasia, num homossexual, ou pensar que é mulher. Há muitas coisas que podem acontecer automaticamente nesta mente.»

[M] - «Ele tem este receio de ficar mal-encarado (ficar com olheiras) , mas o que ele quer é que alguém lhe diga, que ele pode mexer na "pila", que não fica mal-encarado.»

[C.A.D.] - «Ele tem uma relação entre a face e o pénis, ou seja, isto não é um problema da vergonha, mas um problema de transparência, que é uma coisa completamente diferente. O que ele diz é que, quem mexe fica com olheiras. Se calhar eu até já ouvi dizer isso, o que não impede, que muita genta o mexa. Mas então, o que é que ele tem medo, é das olheiras, ou que pensem que ele mexe? Você repare como o discurso se complica, que é: não só ninguém lhe pode mexer, como ele não pode mexer. Este pénis fica cada vez mais um pénis ameaçador. Se eu lhe mexo, fico com olheiras, se os outros lhe mexem, ele fica erecto, então o que é que eu faço com isto? A coisa complica-se, porque uma coisa é não poder ser mexido pelo objecto, outra coisa é não poder ser manipulado pelo próprio. O rapaz está ali com o pénis caído entre as pernas, que ele não sabe o que lhe há-de fazer.»

Em esquema:

Face — pénis → ninguém pode mexer.

↳ ele não pode mexer.

[M] - «A mãe disse-lhe que ele ficava mal-encarado de tanto se masturbar. Ele diz que a mãe sabe que ele se masturba, porque deve ouvir os sons.»

[C.A.D.] - «Mas, apesar de tudo, ele masturba-se. Este facto parece contradizer completamente os outros, mas não contradiz absolutamente nada, porque ele não se masturba, despe-se mas não se masturba.»

[M] - «Ele não quer ficar mal-encarado, porque depois as raparigas não olham para ele. Ele tem um amigo de dez anos, e eles saem, e vão à procura de raparigas, e começam a dizer-lhes coisas (piropos sexuais), e que, quando vêem uma revista

com uma mulher nua, ele começa a pensar nas mamas e na vagina e a fazer amor, a ter relações sexuais (ele imagina a "pila" na vagina), e a darem-se beijinhos, e também ele a dar beijinhos nas mamas e na vagina. Ele dantes não pensava nestas partes da mulher feita, agora pensa. E ele olha para as mulheres de vinte e tal anos, dezoito anos, raparigas de corpo feito, e elas também olham para ele, e algumas dizem-lhe que ele é lindo, e ele então pensa, é pá! E pensa que, poderia ter relações com aquelas mulheres. Ele agora pensa nisso porque a "pila" já lhe cresce, dantes também, mas depois pensava como é que eu posso ter relações com elas.

» Dantes as miúdas olhavam para ele, é bom para um rapaz, que as miúdas olhem para ele, e começavam a falar dele, e a dizer que já tinham namorado, mas era só para fazer ciúmes. Há uns três anos, nas férias no Porto, andavam duas atrás dele, cada uma a chamá-lo de seu lado, para ele ir brincar com elas. Agora é que ele pensa que, até podia ter abusado das raparigas que gostavam dele, dar-lhes beijinhos, mas ele não pensava nas mulheres como agora, depois de Janeiro, mais ou menos, é que começou a estar maduro e a pensar nas partes boas das mulheres (mamas e vagina). Ele e alguns amigos vêem filmes pornográficos e revistas.

»A situação é que o psíquico não acompanhou o desenvolvimento sexual, e ao contrário dos outros miúdos ele passou por aquilo tudo (ter medo que a "pila" cresça, e fique mal-encarado), e olha para as mãos, para que não vão mexer na "pila". Ele está na idade do armário, na idade em que há sempre coisas para pôr, nunca está tudo arrumado.

»Num destes dias foi ao emprego da mãe, e estava.»

[C.A.D.] - «Repare numa coisa, o resto é folclore, foi a descrição que ele fez e tal, mas depois disse uma coisa sobre as mãos extraordinária. É que ele tem medo que as mãos façam a mesma coisa que o pénis, é como se este rapaz tivesse o medo que o corpo tivesse uma coisa automática.»

[M] - "Não fizesse parte dele como um todo, como uma unidade."

[C.A.D.] - «É evidente, a Gisela Pankov tem um livro publicado em português O Homem e a sua Psicose, onde ela formula as duas leis fundamentais da imagem do

corpo. Uma, é a lei que organiza, sedimenta e unifica a imagem do corpo. Faz com que, por exemplo, uma pessoa não tenha o medo que a mão mexa sozinha. E a outra, que é a lei da relação imaginária com o corpo, que é aquela que organiza o corpo libidinal. Quando está alterada a primeira, estamos no domínio de uma relação com o corpo psicótico (quando está alterada a segunda, estamos numa relação do domínio neurótico), que é quando você deixa de ter o sentimento que o corpo lhe pertence, lhe obedece, faz parte de si. Este miúdo está-lhe a formular uma perturbação da primeira lei da imagem do corpo, que é o cimento da organização da imagem do corpo, como se ele dissesse que tem medo que uma parte do corpo dele faça coisas que vão contra a vontade dele. Repare que isto tudo tem a ver com um comportamento impulsivo. Qual é a diferença entre isto e uma impulsão? É que um impulso diz respeito ao todo, ao self, e isto diz respeito a uma parte do sujeito, ao corpo. A minha mão mata mas eu não mato, é a minha mão sozinha. O sucesso que essas coisas têm nos filmes do Hitchcock! As mãos que aparecem sozinhas, as partes do corpo, porque correspondem ao imaginário da fragmentação da imagem do próprio. Se vocês querem um bom resumo dessa obra, nas Actas do I Congresso Português de Psiquiatria da Adolescência, de 1979, eu tenho um trabalho chamado Agata ou Corpo Fraccionado, onde explico isso tudo.»

[M] - «Foi ao emprego da mãe, e estava lá uma mulher de trinta e tal anos, ainda com aquelas coisas boas de que ele gosta, era engraçada. E ele olhava para ela, e ela para ele. Ele descia as escadas e ela a olhar para ele, e ele para ela. Uma colega dela perguntou-lhe se ele não estava cansado de andar a descer e a subir as escadas, e ele a olhar para ela e para a colega, disse que não, que não tinha mais nada para fazer, mas o que ele lhe queria dizer era dizer-lhe olá!»

[C.A.D.] - «O que ele esteve a fazer, enquanto subiu e desceu as escadas, foi a ter relações sexuais com elas. Esteve a substituir uma acção por outra acção, foi subindo, descendo, subindo, descendo, uma espécie de coisa que também está ligada ao sobe e desce da cena sexual. Esteve numa coisa excitatória, que a gente imagina que as mulheres devem ter estado a olhar para ele. O rapaz subiu e desceu,

subiu e desceu, e sempre a olhar para elas, deve ter sido um cerimonial bastante estranho.»

[M] - «Ele depois em casa despiu-se, não todo, as calças e as cuecas, e pegou na almofada, e fez com ela como os homens fazem quando estão a ter relações com as mulheres.»

[C.A.D.] - «O mais fundamental, que é uma coisa horrível, é esta coisa de ele ter descoberto o corpo e o pénis, que ele sente que o está a destruir, e que está a destruir a relação dele com a realidade. Que é uma excitação de tal maneira tremenda dentro dele, que ele não sabe o que há-de fazer com isso. Está a sentir que isso o está a desorganizar, a fazer-lhe mal.»

### **3ª Sessão 11/7/88**

[M] - «A mãe (que nesse dia acompanhou o filho até ao gabinete) disse-me, na presença dele, que o problema do filho com os pais continuava, e que estes não se podiam aproximar do filho.»

[C.A.D.] - «Este indivíduo perdeu uma coisa fundamental. Há regras sagradas, uma delas é assim: a neurose pode-se entender sempre como um fracasso do recalçamento, ou seja, o fracasso de uma dissociação, a dissociação entre a representação e o afecto não funcionou suficientemente, e por isso as representações novas são investidas pelos afectos ligados a objectos antigos, no sentido de objectos infantis. Na psicose é um fracasso da negação, este rapaz não consegue perceber que o pai e a mãe são pai e mãe, vê-os como pessoas. O que ele está a dizer com este comportamento de não se poder chegar aos pais, é o medo de violar ou ser violado sexualmente. Ele não consegue discriminar o pai e a mãe como figuras separadas do sujeito, ele não consegue investi-los como um casal, um objecto combinado, mas vê-os como pessoas, é a morte da mente. Essa coisa vem anunciada em Édipo, um sujeito que pensa isso ataca a coisa mais importante, que é o conceito de gerações. Como ele se põe a atacar as gerações, adeus pensamentos,

porque a compreensão do conceito de geração é aquilo que organiza o discurso do sujeito humano. Há uma continuidade entre gerações, e aqui não há geração alguma, este indivíduo olha para o pai e para a mãe como quem olha para outro ser humano. Ao mesmo tempo há uma parte lúcida da mente. Há uma parte do sujeito que é psicótica, que tem um funcionamento automático, pénis toca levanta, e uma parte não psicótica da personalidade defende-se, não se aproximando, tudo aquilo que preza o sintoma é a parte lúcida da mente que está a funcionar. O rapaz aproximava-se, aproximava-se da angústia catastrófica do Bion . A gente tem que falar com esta parte não psicótica, dizer que entendemos o terror dele dessa proximidade, como se isso destruísse todo o resto do valor emocional que ele ainda tem pelo pai e pela mãe. O medo dele é o medo de uma culpa tão gigantesca, que lhe vem da parte não psicótica da mente, por esta parte estar destruindo os bons pais internos que ele tem dentro dele. Então, este pénis automático já não é um mau pénis, é um mau pénis elevado a um n de vezes, ele pode destruir tudo: começou por destruir o objecto, depois destrói o sujeito, e agora destrói o pai e a mãe dentro dele. Esta parte da mente do paciente, que não quer entrar em contacto com os pais, tem que ser respeitada. Respeitada como? Formulando a interpretação (entra em contacto com a parte não psicótica da personalidade) que lhe diga como se entende bem que ele não queira aproximar-se dos pais, como se tivesse medo de destruir aquilo que ele ainda conserva de pais dentro dele.»

[M] - «Ele diz que é por causa da "pila", em relação ao que a mãe havia dito. A mãe diz que ele está esperançado de resolver isto hoje.»

[C.A.D.] - «Ele põe a mãe a falar por ele, ele põe uma parte dele no interior da mãe. E depois ele entra em diálogo com a mãe por causa do pénis, então, este diálogo é fundamental, a mãe está explicando uma parte da mente dele. O louco muitas vezes utiliza a mente dos outros para falar. Imagine este exemplo, que eu aliás dei Para uma Psicanálise da Relação: "Eu não estou louco, os meus pais é que me dizem que eu estou louco", eu estou dizendo com este exemplo que, eu ponho a parte sadia da minha mente dentro dos meus pais, de tal forma que alguém contenha a parte sadia

da minha mente, que dizem que eu estou louco. Não se pode entender isso como um conflito, mas como uma dissociação da mente.»

[M] - «Diz ele, o meu problema é isto da "pila", os meus pais não me podem tocar nas roupas que eu tenho medo de ficar mal-encarado, e eu já ando nisto há cinco meses, e não suporto mais.»

[C.A.D.] - «Ele diz uma coisa importantíssima, a dor mental do miúdo é enorme, este miúdo tem uma profunda dor mental. Eu ao pôr-me na pele dele, imagino-me um puto de onze anos que não posso tocar no meu pai nem na minha mãe, que tenho que usar uma roupa sob a braguilha para que ninguém me toque no pénis, que tenho um terror brutal disso, que se me masturbo sinto olheiras, ao mesmo tempo há uma excitação maligna na minha mente que me obriga quase a uma masturbação compulsiva, que foi aquilo que eu fui fazer, que olho para cima, vejo mulheres muito mais velhas, o rapaz de onze anos e as mulheres de trinta anos, há aqui uma quebra, um ataque às gerações, imagino a dor mental brutal em que este miúdo está, o terror, o horror mental de que ele está invadido. Há um horror na mente desse rapaz que precisa de paz, há uma pacificação que é necessária. Por isso eu estou angustiado por ele, que ele diz que anda assim, que não aguenta mais, que é insuportável.»

[M] - «Diz ele que, o problema dele é a "pila". Ele dantes não ligava a isto, ao sexo, mas agora vê revistas, e vê as mulheres, e começa logo a olhar para as partes boas da mulher, as mamas, o "cu", as pernas, mas olha para as mulheres já feitas, de dezasseis, dezoito e mais, mas não se interessa pelas da sua idade.»

[C.A.D.] - «O miúdo está a dizer o problema outra vez, ele explica uma conjunção, que é assim pai/mãe—adultos, ele não pode olhar para adultos. A formulação da interpretação aqui seria: "Como se olhares para o traseiro, e para as pernas das mulheres, estivesses a ver para o traseiro da tua própria mãe, e isso te fosse intolerável à tua mente". O doente está a formular uma questão horrível, que é assim: o meu problema é que eu só olho para a minha mãe. Agora a minha mãe pode ter muitas formas, tem n formas, mas estou sempre a olhar para a minha mãe. Ele diz que antes não lhe acontecia isto, há antes e depois, antes ele tinha mãe,

agora não tem. Agora tem mãe traseiro, mãe vagina, mãe pernas, mãe mamas, etc, mas não tem mais mãe alguma. Isto é um discurso que a mente não tolera. E onde é que ele tem a mãe traseiro? Nos traseiros das outras. E a vagina da mãe? E as pernas da mãe? E as mamas da mãe? Estão prolongadas nas outras mulheres todas. Então, onde é que ele está? Qual o seu lugar? Um autor francês do sec. XIX chamado Clarambeau, que tem um coisa chamada erotomania, onde fala bastante disto, que é esta fixação. Os homens feitos não olham para as mulheres assim, o traseiro, a vagina, ninguém olha assim, nós olhamos para uma pessoa e temos um procedimento global, repare como este olhar é um olhar que fracciona o objecto, parte o objecto, tal como ele faz ao próprio corpo dele, ele tem pénis, as mulheres têm vagina. Mas sobretudo, ele não tem mãe e nem tem pai, mas há uma coisa que ele tem, que é o pénis pai com a vagina da mãe. Quer dizer como hipótese definitiva de um dos problemas que é: ao colocar este elemento em A que é  $\beta$ , só pode ser colocado em hipótese definitiva, em  $\Psi$ , e em 6 (em acção). Depois temos B1, B2, B3, B4, B5, B6, e assim sucessivamente. Este pensamento é um pensamento mítico-onírico? É um elemento  $\alpha$ ? Ou é um elemento sensorial puro, que ele está permanentemente a reivindicar? E onde é que se colocará? Ele tem alguma hipótese definitiva sobre a questão? Ou coloca-a na categoria de acção? Coloca-a na categoria de acção, em A6. O que é que é preciso fazer? Tem que se agarrar nisto (A6), andar para uma hipótese definitiva, e transformar A6 em C1, através de uma formulação face a uma hipótese definitiva a nível do pensamento mítico. Ele não pode formular um pensamento onírico dos pais fazendo amor. Ele não tem objecto interno combinado, mas pode ter alguma formulação mítica, que é o pénis com a vagina, é o pai e a mãe. O que a gente pode pensar, é que para ele, em lugar da cena primitiva, há uma intensa relação sexual furiosa na mente. A conjunção constante vai-se articulando. Que pénis é que está na vagina da mãe? É o pénis do pai. A mãe é vagina o pai é pénis, não há cena primitiva alguma, não há objecto interno combinado algum. Existe é uma cena primitiva furiosa, que está na cabeça dele, que a cabeça dele é cama, onde o pénis do pai e a vagina da mãe se

encontram, ele não está habitado por um pai e por uma mãe, porque isso está a destruí-los. A única forma de ele manter algum pai e mãe é não se aproximar, por isso não me toquem, porque uma outra área da mente dele está ocupada por um coito ininterrupto, um intenso copulador, e uma copulação permanente, onde não há prazer algum, gozo algum, mas apenas uma espécie de deleite pelo encontro maligno entre partes do corpo.»

[M] - «Diz ele que se fosse para a cama com uma mulher, depois dizia-lhe: Então, como estás? Gostaste? Foi bom? No outro dia li numa revista, que as pessoas depois de fazerem amor, ou adormecem, ou fazem amor de novo, ou conversam, se calhar também adormecia.»

[C.A.D.] - «Eu ter-lhe-ia dito: Como se tu ainda tivesses uma esperança de fazer um sonho em lugar do comportamento, pudesse uma área de ti pensar que, pudesses estabelecer e sonhar isso em vez de o fazeres. Porque ele está obcecado com isto, está louco, é uma ideia patológica. Como é que se distingue uma ideia patológica de uma ideia obsessiva? Uma ideia obsessiva impõe-se ao self, impõe-se ao sujeito, mas implica de imediato uma contra ideia, ou uma acção que se faz contra a ideia, que deriva daquela parte da mente que se organiza para fazer face à ideia. E aqui o que você vê é que a consequência desta ideia é a destruição do real e do valor real dos objectos, situações, e significados do mesmo valor real. Uma ideia patológica tem essa característica, é sempre aparentável ao delírio. Uma ideia patológica está muito próxima de uma ideia delirante. Aliás, ele muitas vezes caíe na ideia delirante, ele começa a cirandar e está quase na ideia delirante, diz: e depois eu comecei a olhar para elas, elas olhavam para mim, eu subi e descí as escadas, elas olhavam para mim. Como quem diz, as mulheres já estavam com uma excitação louca por mim. E atrás, há três anos, tinha o miúdo oito anos, nas férias no Porto, andavam umas raparigas a persegui-lo sexualmente, isto é uma retroacção delirante, há aqui uma ideia delirante, ou seja, a ideia patológica está-se a transformar numa ideia delirante.»

[M] - «Ele diz que, gosta que as mulheres olhem para ele, e fica a pensar se elas se interessam por ele [Ψterapeuta: Não vá a tua mãe olhar muito para ti] . E ele responde dizendo que: "Não, a minha mãe é diferente das outras. A minha mãe é como se fosse um homem. A minha mãe é uma mulher diferente, eu gosto dela porque cuida de mim e por mais nada."»

[C.A.D.] - «Ele disse a verdade, quando diz que, a mãe dele não é uma mulher, mas é um homem. Os problemas da topologia deste imaginário colocam-se imediatamente aqui, assim como ele, se a mãe dele é um homem, ele é uma mulher. Ele sabe que a mãe é uma mulher, mas que ao mesmo tempo a mãe não é uma mulher, a ideia de que nós somos um é uma ideia inacreditável, o Amaral Dias por exemplo são milhões de Amaral Dias, a mente não é uma unidade, é um diálogo de seres, um que pensa assim outro que pensa assado, e nós estamos sempre a pensar assim, na nossa vida mental, se nós reflectimos, pensamos, elaboramos, criticamos, confrontamos. Nós somos muitos dentro de nós, e por exemplo, dentro de Freud há muitos Freud, e há um Freud que em 1897 nos manuscritos pré-psicanalíticos escreveu assim: A observação da vida psíquica obriga-nos a falar de pluralidade de pessoas psíquicas. Mais tarde nos estudos sobre a histeria, Breuer introduz pela primeira vez o conceito de clivagem, mas como o conceito de clivagem se opunha aí mesmo à questão freudiana, porque se tratava do problema do teatro da mente, Freud porque esse problema não lhe podia interessar, andava muito mais interessado pela sexualidade do que pelo problema da observação do teatro da mente. Laplanche, J. (num capítulo do livro *La Psychanalyse après Freud*) afirma que Freud se põe contra o teatro da mente, pela defesa do problema da sexualidade, sem compreender que uma coisa não é incompatível com a outra, porque o problema da dissociação ou da clivagem da mente se tivesse sido compreendido naquela altura, tínhamos poupado muito trabalhinho, tínhamos poupado toda a coisa da Klein, M. que andou para ali com a teoria da relação de objecto para cima e para baixo, para cima para baixo, até chegarmos ao fim de vários anos a um senhor chamado Bion, W. R. para a gente compreender um primo elementar, que é a clivagem de partes

psicóticas e não-psicóticas da personalidade do doente, quando a gente compreendeu isso foi um avanço epistemológico radical. É na clivagem que este problema se coloca, e há um outro problema, se partes do meu corpo não são minhas, partes do corpo do outro também não são dele. A diferença entre a neurose e a psicose, a nível de representação, é que na neurose o sujeito vive na representação orbitária, ou na representação psíquica do corpo, enquanto que na psicose vive realmente no interior do outro, porque a distância é abolida, e quando o rapaz diz a minha mãe é um homem, ele está literalmente a dizer, a minha mãe tem um homem dentro dela.»

[M] - "Daquilo que disse (C.A.D.), havia uma parte, que era o pénis, que representa o pai."

[C.A.D.] - «É a única forma que, uma parte maligna do self deste sujeito, que está como psicótico, está em contacto com uma imagem masculina. E a mãe também o lá tem dentro, e ele também tem a mulher lá dentro.»

[M] - Eu gosto dessas estrangeiras que agora vêm aí, essas loiras, mas há que ter cuidado por causa da sida. Há um amigo meu que também gosta de mulheres, metemo-nos com as mulheres.»

### **6ª Sessão 21/7/88**

[M] - «Ele começa por me dizer que já não ia para a colónia de férias, mas sim para casa de uns primos. E mudando de assunto diz que, em relação ao que lhe havia dito sobre se as mulheres gostariam dele ou não, ele está de acordo é que algumas olham para ele, mas outras olham para outros [...] .Novamente falamos de ele gostar de mulheres mais velhas, que possam cuidar dele, assim como a mãe. Ele responde que não, que a mãe não tem as coisas boas como as outras mulheres.»

[C.A.D.] - «Você está a forçar a parte da mente, ele está a procurar numa clivagem manter, o corpo e a mente deste miúdo são a mesma coisa para ele, ele diz a minha mãe não me pode tocar, porque se ela me toca, e você está a tentar forçar o resto da

mente do miúdo. Você tem que falar é para a parte não-psicótica do miúdo, dizendo que você entende agora muito bem porque é que ele não se pode aproximar da mãe, porque isso é a única forma de ele preservar a mãe, e a razão pela qual ele lhe disse incansavelmente, a minha mãe não é como as outras, embora numa parte da mente dele, essa mãe que é como as outras, porque as outras é que são feitas à imagem da mãe, são agidas dessa maneira, mas há uma parte da mente do miúdo que está desesperadamente agarrada ao desejo de que não seria esta, precisa absolutamente dela, e nós temos que entrar em contacto com essa parte. Há um trabalho do Carlos Paz, num livro que eu escrevi com ele, chamado Psicose, Feminidade e Estrutura Borderline, onde se explica como é que a gente entra em contacto com a parte não-psicótica da personalidade dos psicóticos. O truque é sempre trocar tudo, nos neuróticos entrar em contacto com a parte psicótica, nos psicóticos entrar em contacto com a parte neurótica.»

### Sessão 15/7/92

[M] - «[Esta sessão é a última antes das férias de verão]. (Quando o fui chamar, ele estava na casa de banho. É habitual ele pedir-me para ir primeiro à casa de banho antes de entrar para o gabinete. Acerca deste comportamento dele, eu pensei, mas não lhe disse, que ele se relacionaria com as suas angústias, com a necessidade de ele ir verificar qual o estado do seu pénis). Ele conta-me que vai de férias com a mãe e com um amigo dele, mas o pai irá ficar cá a trabalhar. »

[C.A.D.] - «Primeira hipótese, o rapaz vai confirmar o estado do pénis. Mais hipóteses.»

[M] - "Pode também pensar-se, se ele vai lá ver, se ainda lá está o pénis."

[C.A.D.] «Sim, segunda hipótese. Mais.»

[M] - "Bom, e acerca do estado, pode-se pensar, qual é o estado em que está."

[C.A.D.] - «Erecto ou não erecto.»

[M] - "Se está degradado, e daí também a implicação em termos da mente."

[C.A.D.] - «Temos várias hipóteses, e não sabemos qual, o material dava para tudo. Há uma formulação muito simples, que é a chamada formulação de estágio no plano da constatação, que é assim: É curioso que tu todas as vezes que vens, antes de entrares aqui, tens necessidade de ires à casa de banho, e isso é tanto mais curioso, quanto o problema que aqui te traz, está centrado sobre uma coisa, na qual tu mexes na casa de banho. Ponto final, e vamos a ver o que o rapaz diz.

» O psicótico não tem a ideia do dentro e do fora, como por exemplo dentro e fora da sessão. O espaço e o tempo são coisas que se podem confundir. Devem ser contidas, mas um psicótico não contém, isto tudo desapareceu, não tem mais, o espaço e tempo ficam completamente perdidos, não há um continente para conter o espaço-tempo. A partir do momento em que ele chega ali, e pelo simples facto de ele estar ali ao pé de si, ele já está em sessão, e mais a interpretação do acting out é fundamental para devolver o sujeito à linguagem. Então, tanto faz que seja fora como seja dentro. Conta que ele faz isso ali consigo, para si, em nome de si, portanto isso precisava de ser observado.»

[M] - «Ele conta-me que ontem, quando ia no autocarro, que ia da Praça do Chile para casa dele, onde ia ele, o pai e a mãe, e ele ia ao lado do pai, e de uma rapariga bonita, e mais à frente ia a mãe, e também uma outra senhora, e ia também uma rapariga loira, entraram três rapazes, que se via que eram do Bairro do Camboja (bairro degradado), tipos ordinários, e um deles de brinquinho. Vinham a falar de automóveis pesados, e um deles tinha chumbado na carta de condução. A mãe de X [substituto do nome do doente] olhou-os de baixo a alto, e também as outras raparigas e mulheres, e ele a pensar Então estes tipos assim é que as mulheres gostam, é que já os Metálicos, os de cabelo comprido, calças ajustadas e pulseiras de metal andam com raparigas boas, e ele de cabelo curto à homem não tem. E logo aquela loira que ele tanto gostava, ele já estava a imaginar que, ela lhes iria chupar o pénis, e que eles iriam "esporrar-lhe" em cima. Pensa que terá que ficar doente, porque só assim lhe dão atenção.»

[C.A.D.] - «Ele fica com excitação esquizofrénica, excitação paranóide. Ele faz uma falsa atribuição dos aspectos doentes do Camboja e dos Metálicos. É como se estes indivíduos tivessem um aspecto exibicionista, ele pensasse que, estas pessoas que andam com brincos e calças justas, mostrando o pénis, fazem exactamente o contrário dele, que põe não sei quantas coisas, camisolas para esconder o pénis. É como se ele pensasse que tem que ficar doente. Este doente utiliza alguns aspectos desta defesa, a roupa, etc., como protecção, como se a única forma da parte sadia da mente dele pudesse livrar-se da ansiedade e da angústia, que lhe colocam todas estas fantasias, e o medo do contacto e da proximidade em relação aos objectos parentais, ou a possibilidade de sequer ser roçado e o medo de uma erecção se isso lhe acontecesse. É portanto como se ele estivesse a dizer, que é como se ele projectasse nestas pessoas, os brinquinhos, e as calças justas, a parte dele que desejaria poder exhibir o sexo, o pénis, desejaria que lhe chupassem o pénis, pudesse exhibir, e portanto isso lhe provocasse de facto um estado confusional, no sentido que ele ficasse suspenso, entre a parte da personalidade dele que se defende da dor mental consequente à ideia de ter um pénis estragado, que deteriora a relação com a realidade, e o desejo da outra parte da mente dele que pensa que gostaria que isso acontecesse, então, é como se ele visse ali a resolução e a referência. A resolução que era exhibir a calça justa, o pénis, seria da doença, mas ao mesmo tempo a resolução que era ficar completamente doente, ou seja, que a parte lúcida da mente do rapaz, que faz o rapaz ter aquele tal terror, àquele contacto que a gente viu que estava próximo do incestuoso, o miúdo metia lá umas roupas, para que o pénis fique protegido. E depois há aqueles bandidos do Camboja e dos Metálicos que exibem o pénis sem dó nem piedade. Então aquilo que você lhe podia ter dito era: como se ele ora pensasse que você lhe pudesse reforçar a parte dele que quer proteger-se da destruição permanente, à condição de ter um pénis que ele não percebe como funciona, ora ele pensa assim, que a única forma de você o ajudar era transformá-lo no X Camboja, no X Metálico, embora aí ele reconhecesse que, se tal acontecesse, ele ficaria totalmente perdido. Como é que se chega a esta interpretação do ora ...»

ora ..., esta interpretação que respeita à clivagem, uma parte da mente quer, a outra não quer. Uma parte quer de uma maneira, a outra parte quer de outra. Então se você lhe interpreta no momento em que há um estado confusional, é necessário interpretar as duas, ora isto, ora aquilo, chama-se a esta interpretação o nível da lógica aristotélica, pelo respeito do princípio da contradição e da não contradição, ao mesmo tempo. Eu chamei a isto uma interpretação, que eu tenho dois tipos de interpretação, uma que é a introdução de uma lógica simétrica, que simetriza rapidamente o terapeuta e o objecto interno, que faz rapidamente que dois objectos fiquem juntos, pela conjugação da teoria dos nomes, pai terapeuta, mãe analista, etc., rapidamente juntos objecto interno com objecto externo, que colho na relação terapêutica, e o próprio sistema interpretativo já identifica para o paciente a natureza da projecção, que foi feita, eu chamo a isto, o nível simétrico da interpretação, simetriza o objecto imediatamente, faço uma simetria de objectos, ora utilizo o chamado nível aristotélico da interpretação, e muitas vezes utilizo mesmo o nível da lógica simétrica, que é remeter o processo à sua fonte originária. Por exemplo, vamos imaginar um doente que diz que está tão mal disposto que até parece que está com raiva de dentes, ou seja a raiva de dentes, falar da raiva dos dentes dos bebés que mordem no seio, levando a situação até à situação originária, faço uma reversão da função pensante até ao objecto originário.»

[M] - «Ele no início da sessão havia falado do problema que o atormenta ultimamente, o fazer muitas vezes xixi, e o beber muita água. Também me havia falado que, essa loira tinha umas mamas muito boas, que é a coisa que ele repara logo, e gosta nas mulheres.»

[C.A.D.] - «O rapaz bebe muita água para poder ainda ter o sentimento de um pénis, que também faz uma dupla função, ele ter o conhecimento apesar de tudo que o pénis fosse maior, mais real, e ao mesmo tempo é provável que ele possa utilizar isso, também como um impulso paramasturbatório, para poder estar em contacto com o seu próprio pénis, tenha uma perspectiva da realidade ligada à ideia do pénis, que apesar de tudo funciona nalgum nível. Quanto ao seio e ao traseiro, como já

vimos, isso corresponde à desmontagem do objecto. O que ele vê nas mamas são mamas, mamas puras, ele tem uma coisa chamada erotomania, no sentido de que fala Clarambeau.»

[M] - «Ele diz que, quando ia no autocarro, sentiu que não prestava, porque as mulheres não lhe ligavam, e que a certa altura, o do brinco, terá dito um segredo a um dos outros, e olharam para X, e este até não olhou para eles, porque eles o olharam provocatoriamente, e isso daria em porrada. E o pai ali ao lado dele e não deu por nada, isso é que o chateia, um homem já feito não é capaz de dar um estalo naqueles tipos. Quando chegou a casa, disse à mãe que se ela queria ir para a cama com o miúdo, que fosse. A mãe ficou chateada. Explica ele, que a mãe tinha olhado de baixo a cima os rapazes, e o pai a ver aquilo, e não fazia nada.»

[C.A.D.] - «A interpretação aqui teria de ser no primeiro nível, nível simétrico, que ele também colocou parte dele no interior da mãe, a coisa tem que ser posta sempre para o doente identificar a coisa projectada. Era necessário dizer-lhe que ele também fez conter no interior da mãe, aquela parte doente da mente dele, identificada aos miúdos Camboja, ao mesmo tempo que ele gostaria de, ter dentro dele um pai interno, homem feito que o pudesse afastar desses pensamentos, como se ele aspirasse a ter um pai sadio e uma mãe sadia no interior dele, mas sentisse que, por um lado ele às vezes sente uma criança Camboja, um bebé Camboja com um pénis monstruoso capaz de atacar e destruir sexualmente a imagem materna, e simultaneamente também um louco na imagem do pai, suficientemente louco para o poder afastar da mãe enquanto objecto sexual, mas o que ele sente no interior dele, é que não há nenhum pai ou mãe feitos, porque ele destruiu esse homem feito no interior dele, e do outro lado também, não tem uma mãe, que ele também destruiu através de um ataque sexual, através daquele pénis maligno, que está na cabeça dele, o pénis cambojano, o pénis exibicionista, o pénis nas calças apertadas, que de alguma forma projectaram no interior do aparelho psíquico materno, também revela, como ele dentro dele destruiu a capacidade de ter pais bons, pais fortes, pais sadios, pais vivos, pais que o protegessem de uma sexualidade doentia, como a dele, e

como ele gostaria de conseguir, que dentro dele houvesse um pai "negro", que lhe desse uma bofetada por ele ter estes pensamentos.»

[M]- «(Quando comecei a abordar as relações entre ele e os pais, ele teve necessidade de ir à casa de banho). [Ψterapeuta:"Pois é, isto provoca-te ansiedade"] Ele responde que é coincidência, e entretanto é o final da sessão, e ele diz-me, que vai então para férias, e que é capaz de sentir falta de mim.»

[C.A.D.] - «Você poderia ter dito abertamente, o terapeuta e a relação terapêutica pudessem desaparecer da mente dele. Ele ficasse completamente entregue a estes aspectos enlouquecedores da mente dele, e ele não sabe o que é que lhe pode acontecer, como se ele tivesse medo de na sua ausência fazer coisas temíveis, transformar-se num cambojano enlouquecido, capaz de violar todas as mulheres.»

### Sessão 12/11/93

[M] - «Ele diz que, o gravador está marado, que marcava uma hora, e que ele olhava para o despertador, e este marcava outra, também os pais só lhe compram coisas que não prestam. Dá-se conta que tem a braguilha aberta, e diz, "que porcaria só estás aberta quando não deves, quando é para saíres não sais".»

[C.A.D.] - «Você repare no discurso do doente. Primeiro, o pai e a mãe compraram-lhe um gravador que não presta, e ele também tem um pénis que não presta, logo ele tem um pénis gravador, dado pelos pais, ele tem um pénis gravador, porque é através do pénis, que este rapaz ouve e escuta e grava a realidade, é como se ele dissesse, que tem uma espécie de pénis gravador, que os pais lhe deram um pénis estragado, tivesse a fantasia, através da qual, ele escuta a realidade, e que esse pénis gravador, ele tem consciência que estraga a realidade, porque deve estar sempre errado, está sempre no lugar errado, destruindo e atacando o valor relacional e emocional das suas próprias relações interpessoais, é por aí que ele começou e começou muito bem. Quando nós não compreendemos, temos que ser capazes de articular experiências que o paciente nos está comunicando, o paciente está sempre

a falar dele, se um indivíduo se senta ao pé de mim e começa-me a falar de pinguins, ele está a falar de um aspecto pinguim da mente, e não dos pinguins que estão fora, é que factos não existem, existem factos mentais.»

[M] - «Ele diz que, foi ontem ao Hospital Júlio de Matos, porque ele ontem era para ter sido internado no Telhal, mas não foi. Ele e os pais procuraram então o psiquiatra dele, no consultório, sem estarem marcados, mas o psiquiatra mandou-os telefonar entre as dezanove e as vinte horas para casa dele, mas ninguém atendeu, nem em casa, nem no consultório, nem no hospital o conseguiram encontrar. Já desistiram desse psiquiatra, até porque eles não foram ao Telhal (não acataram as indicações do psiquiatra), e este não telefonou a saber o que se passava. Ele vai passar agora a ser seguido no H.J.M..

»Ontem ele foi às urgências, não por ser urgência, mas por medicação. Foi atendido por duas médicas e um médico, e elas eram muito boas, e ele perguntou ao pai, (ontem), e pergunta-me hoje também a mim, se elas teriam ficado a olhar para a braguilha dele, que estava aberta, para o "caralho" dele, e se por isso não teriam tomado atenção à medicação, que lhe estavam a dar. Foi só cá fora, depois da consulta, que ele se deu conta, que tinha a braguilha aberta. A resposta do pai à pergunta do filho foi que não. [Ψterapeuta: Tu pensavas tanto em ir para a cama com elas, que é como se o teu pensamento tivesse invadido a cabeça delas, e elas tivessem ficado também a pensar em ir para a cama contigo.] Ele, (ali na sessão e a seguir ao que o psicoterapeuta lhe disse), levantou-se algumas vezes para abrir e fechar a braguilha.»

[C.A.D.] - «Na sua cabeça ficou claro, que você ficou entrosado com a mente delas. Você interpretou-lhe assim: O rapaz entrou no hospital de braguilha aberta, isto teve como consequência na fantasia do doente, que elas ficaram na cabeça com a braguilha aberta dele. Ou seja, vem confirmar que o pénis do rapaz é um gravador, é aquilo que funciona como gravando as conversas, tudo se passa em função deste pénis, que grava conversas, claro que é um gravador estragado. Isto passou para o interior delas. Em resposta à sua interpretação, ele ao abrir e fechar a braguilha, ele

está-lhe a dizer, é como se ele também temesse, que as palavras-medicamentos que você lhe dá, fossem intoxicadas elas próprias pelo facto de ele abrir e fechar a braguilha diante de si, como se ele também sentisse que a mente estragada dele, o gravador estragado, pénis estragado, também estivesse invadindo a sua própria mente, e você não lhe pudesse dar a cura, o medicamento terapêutico que ele tanto precisa. [ Em esquema:  $H - BA \rightarrow BA \rightarrow A/Fgra$  ] O que é que é um acting out? O acting out é uma relação entre linguagem e acção. Ou uma linguagem é algo que leva à acção, por exemplo, eu dizer assim, Oh! Mário, estás porreiro, aperta-me o bacalhau. A linguagem levou à acção. Ou a acção pode ser qualquer coisa que não encontrou uma linguagem, então é uma acção que existe, porque não há uma linguagem, e então o terapeuta tem que ser uma linguagem para esta acção, que não tinha encontrado uma linguagem, para que acha uma acção que esteja ligada à linguagem, por isso a interpretação do acting out é extremamente crucial, para englobar o acting out, para devolver o acting out ao pensamento, senão o sujeito fica preso a uma acção, acção é uma evacuação de um pensamento que não foi capaz de chegar à linguagem, não cedeu aos mecanismos de linguagem, foi um pensamento não pensado, você tem que criar as condições, para que o sujeito pense o seu próprio pensamento. [ Em esquema:  $L \rightarrow A$  [/]  $A \rightarrow L \rightarrow A$  ] Nesta sequência da sessão o paciente está agindo sobre si de novo, qualquer coisa que ele agiu sobre as médicas, e que disse, se calhar elas não me deram bem o medicamento, porque elas só viram a minha braguilha, ou seja o pénis-gravador estragado que grava a comunicação está sempre deteriorando a comunicação, a comunicação está estragada. Mas este estragado está de tal modo estragado, que não só estraga dentro de mim, a minha relação comigo próprio, como ainda por projecção vai estragar a mente dos que me escutam, ou dos que me tratam. Quando o  $\Psi$ terapeuta interpreta sobre as psiquiatras, e ele responde com uma acção, então é como se ele estivesse dizendo, que não só estraga o lugar da mente das psiquiatras, que o medicam, como estraga e invade a sua mente terapêutica, impedindo que você lhe dê as boas palavras, as boas palavras que podem ficar gravadas no interior dele,

porque o gravador mau, pénis mau, está interferindo dentro do seu próprio pensamento, é isso que nós chamamos a desidentificação projectiva, ou identificação projectiva alienante, ou fazer conter no interior do continente um aspecto mau do self, e confundir o aspecto projectado com o self do outro, transformando o outro na parte do self que foi projectada no interior do objecto, foi por aí que Klein, M., começou a perceber tudo, alguma coisa importante, num artigo de 1946, chamado Notes on Some Schizoid Mechanisms, ela descreveu exactamente isto que eu acabei de descrever, e que você encontra aí descrito.»

[M] - «Ele diz que, aquelas calças dele não prestam, que as minhas são bonitas, e pergunta-me onde comprei, e se quero trocar. Ri-se, e como eu fiquei sério, ele pára de rir, e diz que, não tem graça.»

[C.A.D.] - «Ele diz exactamente a mesma coisa de novo, ele diz: fica com as minhas calças, fica com o meu pénis no interior, quero-me libertar desta parte de mim, em contrapartida eu gostaria invejosamente de me apossar daquela parte da tua mente calças boas, pénis bom, de maneira que eu pudesse ficar com o pénis bom, e evacuar dentro de ti o pénis mau, então este mecanismo corresponde à duplicidade do aparelho psicótico: captar por inveja os aspectos idealizados contidos no outro, e evacuar no interior do outro os aspectos insustentáveis da dor mental que eles representam, portanto isto nem dá para ficar sério, nem dá para ficar triste, porque eu acho que as psicoterapias não são feitas para isso, são feitas para pensar. Temos que pensar em K, porque quem tem K sempre escapa, porque a psicoterapia é para criar Ks, que é conhecimento, objectos de conhecimento mental. O rapazinho diz-lhe assim, dá cá o pénis bom, e fica lá com o pénis mau, tiro-te o pénis bom através do sistema invejoso, e ficas com o pénis mau no teu interior, o rapaz não é burro, porque o rapaz sabe perfeitamente, que o gravador que os pais lhe deram não presta, ele tem um pénis que não presta, este pénis que não presta é tão mau pénis gravador que interfere num contacto emocional, que ele está sempre a pôr na cabeça dos outros, e impedindo até que os outros lhe dêem bons objectos, bons medicamentos, ou boas palavras terapêuticas, então como isto não é resolvido, nem

clarificado, nem esclarecido, o rapaz tomou uma outra atitude, e diz assim: já que não me clarificas isso, dá-me o pénis bom, e fica lá com o pénis mau. O psicótico está perto de uma lucidez que lhe é impossível. Há uma intolerabilidade a uma dor mental, que está sempre subjacente como pano de fundo, que é como que uma coisa que está próximo de uma verdade, que é insuportável ao sujeito, está sempre assim o miúdo.»

[M] - «Ele pergunta-me, se os médicos quando vêem os doentes nus, se se perturbam ou não. [Ψterapeuta: Queres saber se eu ao ouvir estas conversas de sexo me perturbo ou não, se me entusiasmo, e pretendo ter relações contigo.] Ele diz, a sorrir, que não, e insiste na mesma pergunta, que me havia feito.»

[C.A.D.] - «Você tem aí um problema técnico interessante, que muitas vezes acontece, em que você faz uma interpretação, e o doente recusa a interpretação, voltando a repetir a questão. O que se poderia interpretar aqui seria: Tu tens tanto medo da nudez psicológica, a que eu te "forcei" com as minhas palavras, sentiste-te tão aflito, tão angustiado, perante o sentimento que a minha interpretação te pôs nu perante mim, os teus afectos, os teus sentimentos, os teus temores mais primitivos, que ao repetires a questão tentaste fugir à dor mental, ao sofrimento consequente às minhas próprias palavras. É o vértice psicanalítico. A resposta do paciente à sua interpretação é uma confirmação da verdade da sua interpretação e a necessidade que o doente tem de fugir à dor mental subsequente de ter compreendido uma das grandes verdades da sua interpretação, ao recusar as suas palavras, foi como se ele recusasse aquilo que as suas palavras continham de verdade, e como essa verdade ameaçava a integridade emocional do paciente, porque sentindo a parte psicótica da personalidade dele, o paciente sentindo-se apanhado no adesivo, pior do que repetir a pergunta o paciente tende a recusar não só a questão que lhe pôs, como as palavras subsequentes que você lhe deu, é como se ele negasse toda a capacidade introjectiva, que você lhe pudesse dar. Quando o doente nega tão activamente, o que o doente faz é uma denegação, um duplo mentido através da repetição, como se ele anulasse completamente toda a sua interpretação, ele nem sequer nega dizendo

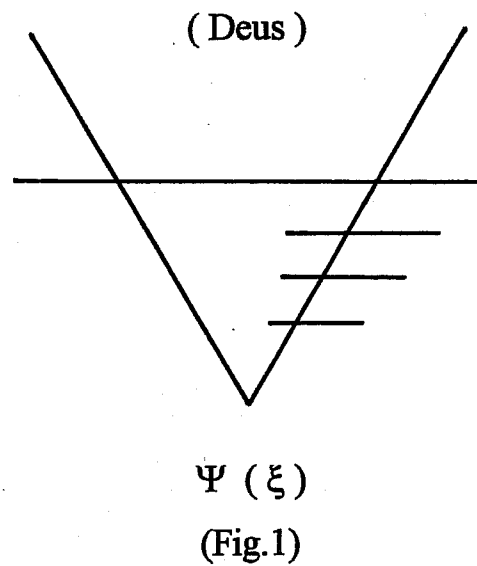
que não está de acordo, ele repete a questão para anular o impacto emocional das suas palavras.»

**Notas, após comentário às sessões, integradas no título da dissertação A Sexualidade na Psicose.**

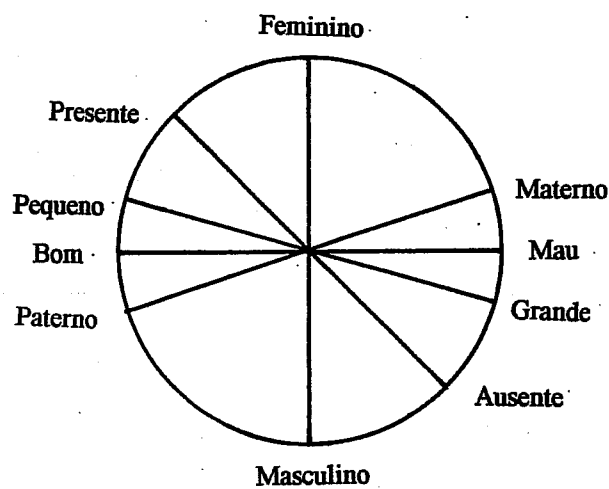
[C.A.D.] - «Em primeiro lugar, o que é que você tem que fazer? A primeira questão que tem que pôr, é que existe uma coisa chamada sexo, mas que no encontro dessa coisa, físico é obrigatório, o encontro mental é o mais difícil dos encontros, porque a vagina ou o pênis para o coito todos nós temos desde que nascemos, o problema é como é que nós o concebemos na nossa mente. Nunca se esqueça que a grande revolução começa com Klein, M., mas que Bion através do modelo continente-conteúdo, é que para compreendermos a significação de uma coisa, só podemos compreendê-la no primado de uma complexificação funcional, se você reparar poderá começar por conceber o presente e o ausente, o bom e o mau, o grande e o pequeno, o paternal e o maternal, o masculino e o feminino, a mente humana é copulativa, no sentido que ela faz sempre copular elementos disjuntivos para na antinomia destas disjunções encontrar significações que são progressivamente mais completas. Esta ideia é uma ideia que casa o sujeito histórico com o sujeito interno. O sujeito histórico é o sujeito cronológico, o sujeito estrutural, que é o objecto da psicologia. O sujeito interno que é o sujeito da pré-concepção. Nós temos pré-concepções como os pássaros, os macacos. Temos o destino biológico, mas o destino biológico do homem casa-se aí mesmo com a sujeitologia ali emanente, porque desde o princípio da vida que a nossa mente está aberta com a experiência emocional, e o nosso contacto com as nossas pré-concepções, como expectativas vazias não são satisfeitas apenas pelos objectos, mas pelos lados emocionais

ligados aos objectos, e vai daí que quando as coisas não são integradas, então um tipo chega ao pénis como quem chega ao pau, porque nunca chegou ao pénis. Porque para chegar ao pénis-pénis é preciso chegar ao masculino-feminino. Você já viu a complexidade que isso era, quer dizer, todo este jogo complexificado que eu lhe descrevi para lá chegar, uma sexualidade, como a deste menino que nós estamos aqui a ver é uma sexualidade que não tem nada a ver com o pénis, tem a ver com o problema do bom ou mau, tem a ver como um pénis na cabeça da criança, deste miúdo, é investido, o sexo e a sexualidade e tudo isso, como partes do self dele que atacam furiosamente o objecto, e a relação com o próprio objecto, e a natureza do próprio objecto, e o valor do objecto colocando desconhecimento, porque o que você encontra aqui é um vínculo H traz menos K, [ Em esquema:  $H \rightarrow \bar{K}$  ] se você desdobrar este vínculo H, este vínculo H está de alguma forma contido, travestido, sob a forma de mau pénis, o que leva para menos K, [ Em esquema:  $H(\text{mau pénis}) \rightarrow \bar{K}$  ] ou seja o elemento que destrói significados, não constrói significados. Há uma característica espantosa na mente deste miúdo, é que ele fala sempre do mesmo, ele não é capaz de abstracção alguma, a mente dele extraiu da sexualidade tudo aquilo que a sexualidade tem de belo: a ternura, a beleza, a bondade, a intimidade, a privacidade, o encontro amoroso, a conquista do objecto, o namoro, a aproximação, a fantasia, tudo isso é extraído da mente deste miúdo, porque ele utiliza o pénis como um puro extractor de significações, e não como um construtor de significações, não há pénis algum ali, no lugar do pénis há um mau gravador dado pelos pais, que é uma coisa destrutiva, que serve para atacar o vínculo. E noventa por cento das vezes a sexualidade na psicose obedece a este mecanismo, não pode deixar de obedecer, porque, você repare nós partimos do espaço unilinear que é uma pré-concepção, que tem que passar um espaço n linear, [ Em esquema:  $\Psi(\xi) \text{ — } n \text{ linear}$  ] para explicar a tendência da mente, o caminho das etapas necessárias e evolutivas ao máximo de transformações é um caminho que você pode, agora, faça um corte nisto e veja assim, que pode ser feito

desta forma, alargamento do espaço psíquico, o espaço psíquico é o espaço potencial (Fig.1).



Então você começa por cruzar um eixo representacional, que é o eixo presente-ausente, depois o eixo bom-mau, depois o eixo grande-pequeno, depois o eixo maternal-paternal, depois o eixo masculino-feminino, e de repente você tem um objecto que pode circular em todas estas representações mentais (fig.2).



(Fig.2)

Agora você tem isto um pênis, mas um pênis não é um pênis, parece mas não é, isto que ele tem é o bom-mau, presente-ausente, não tem mais nada, é aqui que este pênis é posto, e você pensa que ele está a falar do masculino, não, nunca por nunca. Uma coisa é o acesso que a realidade nos dá a elementos, outra coisa é a integração desses elementos no nosso psiquismo, são coisas completamente diferentes. Uma coisa é a gente chegar à adolescência ou à pré-adolescência, e começar a dizer tenho um matagal de pêlos, ou a mulher a dizer tenho umas mamas, outra coisa é ter mamas na cabeça, isto que eu disse é uma diferença abissal. Este pênis que ele fala não é pênis algum, porque um mau pênis neste sentido que estamos a falar aqui, é apenas um copo pênis, onde se verte um vinho que é o aspecto persecutório da mente, mais nada. E você perguntará, porque é que esta rapaziada se interessa tanto pelo pênis e pelo traseiro, ao que eu tenho uma resposta, porque todas as expectativas que estão geradas à volta das pré-concepções, há uma expectativa primária, que é a dos seios, depois temos outras, e depois quando esta coisa começa a borbulhar, há um estímulo, os estóicos compreenderam isso, até o Freud, a anatomia é um destino, é uma coisa que está ali a impor-se biologicamente, está lá, agora a maneira como a gente lida com o que lá está, não tem nada a ver com aquilo, portanto não há sexualidade alguma, a menos que você considere sexualidade, não há sexualidade alguma neste sentido, de que não há uma compreensão do que é que é um pênis. Compreender o que é que é um pênis, é muito mais difícil do que compreender o que é uma mãe e um pai. O masculino e o feminino são o fecho da abóbada do psiquismo, acochamos aí, articulamos e complexificamos o nosso mundo objectal nesse campo. Nós neuróticos muitas vezes não aguentamos o início da rebentação, porque confundimos o masculino com o paternal ou o feminino com o maternal, e as mulheres muitas vezes fazem exactamente o mesmo. Outras vezes nós homens, para escapar a esta questão, pomos a vagina de um lado e a intimidade do outro, para escapar à intimidade. É uma questão difícilíssima de resolver, mas há vários sujeitos que dizem, que amar é natural, é a coisa mais difícil que há, um sujeito deita-se cedo com uma mulher, ou

uma mulher conosco na esperança que isso seja possível, mas, as decepções que cada um arrasta quando se vira para o outro lado e dorme. Neste fim de século, fala-se sobre a sexualidade para atingir o ridículo, não há coisa mais conservadora sob a forma de uma aparente liberalidade, não há época mais conservadora que esta, a época em que uma mulher diz toma lá a vagina, vá tem relações sexuais comigo. Se uma mulher me dissesse isso, dizia-lhe assim vá bugiar, sua depravada, e vice-versa, porque o problema é que de facto, a sexualidade do psicótico levanta-nos um problema fundamental que é a relação entre a coisa e a sua representação, este sujeito veja na grelha (fig.3):

	HD	Ψ	N	A	I	A
Aβ	A1	A2				A6
Bα	B1	B2				
C	C1					
D						
E						
F						
G						
H						

(Fig.3)

Hipótese definitiva,  $\Psi$ , notação, atenção, investigação e acção. E depois A, B, C, D, E, F, G, H. Estamos perante um elemento  $\beta$  porque este elemento não é transformado, este pénis não é pénis algum, é um pénis em A6, você tem A1, A2 e A6, sobre uma coisa em si, você pode ter uma hipótese definitiva, pode ter um  $\Psi$ , neste sentido que fala o Bion, ou seja que é um corpo sem linguagem, ou linguagem para aquilo, e pode ter uma acção, não pode ter nem notação, nem atenção, nem investigação, sobre uma coisa em si você tem de assumir passar para baixo, fazer

uma hipótese definitiva esta coisa em si, mas ele não tem hipótese definitiva, esta coisa em si está em A6, é um pênis em A6, o pênis dele é um elemento  $\beta$  gerido sobre uma forma de uma acção, não há um pensamento algum aí. Você tem de lhe fazer assim: é preciso pensar em alguma coisa. Vamos lá a uma hipótese definitiva disto, isto não é pênis nenhum, é o veneno da tua perseguição contido num mau gravador, talvez desta forma tu possas andar para aqui. Nesta altura tu podes passar para um elemento  $\alpha$ , talvez ele possa ensaiar um protopensamento, talvez B1, B2, B3, B4, B5, B6, talvez no momento em que você lhe faça isso o doente tenha tendência a pôr a coisa aqui [A6] outra vez, a gente já viu, claro porque a dor mental já começa a aparecer, porque a função  $\alpha$  começa a funcionar, a função pensante, mas você tem que depois insistir, se é que você quer que este doente tenha um momento mítico-onírico, ou seja, primeiro você deve perceber que, este doente tem que trabalhar para já a nível de hipótese definitiva, só depois é que você o pode fazer caminhar na grelha, este doente tem de trabalhar nas hipóteses definitivas, é um doente que você tem de colocar sempre na categoria 1, A1, B1, C1, talvez a partir de C1 você o possa fazer caminhar noutro sentido, de resto sem isto você não pode fazer nada, porque o doente está sempre em A6, o doente não passou de A6, já o ouvi não sei quantas vezes e o doente está em A6, o rapaz tem ali um pênis, que nunca passou a ser uma coisa, é um elemento  $\beta$ , é um elemento objecto, é um A6.

"Pois vos formastes tal como quisestes,  
vigiai-vos de vós, não vos vejais.  
Fugi das fontes: lembre-vos Narciso"  
(Camões, Luís Vaz de, "Sonetos")

## VII) Tecedura

### 1) *Emalhamento de fios de teoria com fios de teoria.*

A) O nosso modo de pensar identifica-se com o de Carlos Amaral Dias. Este autor conseguiu ligar e transformar as ideias de Freud e as de Bion, o que equivale a dizer  $1+1=3$ .

Penso que, a citação introdutória que fizemos ao capítulo referente ao pensamento de Amaral Dias, deste próprio autor, contém em si a essência do pensamento de Freud e de Bion, quanto ao assunto que aqui tratamos, ou seja que, a sexualidade não é o sexual, e não é o facto mas o facto imaginário.

Que a sexualidade não é só, porque se for só não é, o coito do adulto, já Freud o havia referido quando falou da sexualidade infantil, assinalando-a a partir do nascimento do bebé, através das várias fases, que Freud descreveu do desenvolvimento libidinal. A sexualidade infantil ganha pleno significado através da sexualidade adulta, mas a sexualidade adulta é explicada pelo desenvolvimento da sexualidade infantil. E, que, a sexualidade não é só, porque se for só não é, a cópula do adulto, já Freud o havia escrito quando se referiu, por exemplo à importância da identificação sexual, da constituição do super-Eu e do ideal do Eu, ligados ao complexo de Édipo, para o desenvolvimento da sexualidade, ou quando Bion e Amaral Dias dizem que o complexo de Édipo acrescenta, à progressiva

diferenciação representacional dos objectos parentais, o valor maternal e paternal, percebidos juntos e separados, e, posteriormente, os valores masculino e feminino. E, também, quando Bion nos fala, por exemplo, da importância fundamental dos elementos da psicanálise (vínculos L, H, K; continente — conteúdo; Ps ↔ D; mudança catastrófica) para a vida mental do sujeito, e de todas as consequências, positivas ou negativas, que ela implica para o viver mental-sexual do indivíduo. Quer isto dizer que, se nascemos com um corpo sexuado, não nascemos com um corpo sexualizado. É através da relação do bebé, primeiro com a mãe, depois com o pai, e a seguir com o mundo, que se vai criando um funcionamento mental, patológico ou não, o qual caracterizará a relação do sujeito com ele próprio, e do sujeito com o mundo exterior. É desta evolução conjunta e em interligação do corpo sexuado e do funcionamento da mente que saberemos da sexualidade do indivíduo. Naturalmente que, a sexualidade tem um suporte físico (o corpo), o qual é olhado pelo próprio e pelos outros numa dinâmica de aproximação — afastamento, mas, estamos, apenas, a falar da parte animal do homem e da mulher, da parte que, através dos sentidos leva à aproximação ou afastamento dos corpos, mas isto é o sexual não é a sexualidade. Esta implica a intervenção do funcionamento da mente, a qual vai muito, muito além da parte animal do ser humano, começando pelo simples facto de transformar o "corpo real" em imagem corporal.

B) Pelo que acabamos de escrever, entender-se-á a razão pela qual incluímos neste nosso trabalho as ideias de Bion, sem que nelas surja, senão pontualmente, mencionada a sexualidade. Sendo a sexualidade função primeira do funcionamento mental, ganham toda a relevância as ideias de Bion. Se a relação mãe- (ou substituto) -bebé for gravemente perturbada, quer pela não contenção e transformação dos conteúdos (função rêverie), por parte da mãe, que nela o bebé depositou, quer pela excessiva intolerância do bebé à frustração, naturalmente que, o aparelho de pensar os pensamentos fica perturbado, fica perturbado todo o funcionamento mental. Ora no psicótico, onde esta perturbação é grave, isso

conduz-o, por exemplo, à utilização maciça da identificação projectiva patológica, a qual afasta o psicótico, quer da relação íntima com os outros indivíduos, quer da relação de algumas partes de si próprio. O outro e ele mesmo são conhecidos por ele através deste funcionamento mental. Dessa perturbação grave do funcionamento da mente, resulta para o psicótico a utilização da equação simbólica e da lógica simétrica, levando-o, no seu funcionamento interno, a atribuir significado funcional e relacional a uma determinada parte corporal, a qual deriva de outra zona corporal, por exemplo atribuindo ao pénis o valor de seio, ou, como refere Amaral Dias, atribuindo à vagina o valor de boca dentada.

O desejo, e a procura, de estar em relação com o outro, outro que no indivíduo normal é um outro complementar, traz ao psicótico várias dificuldades. No psicótico está abolida a distinção de sexos e de gerações, pelo que, o outro aparece ao psicótico ou como igual e confundido com ele mesmo, ou como diferente, e tão diferente que o irá destruir. No psicótico não é o amor objectal mas o amor narcísico que nele domina, onde o indivíduo apenas se tem a si próprio em conta e o outro serve só e apenas como local de satisfação para o indivíduo. Como diz Amaral Dias: a coisa sexual modela o psiquismo, mas principalmente é modelada por este.

C) Se em Freud a sexualidade (libido) estava ligada à pulsão sexual (fonte, alvo, objecto), em Bion e Amaral Dias ela está colocada numa relação de objecto.

Se nos abstrairmos do concreto, podemos ligar a frase de Freud "se a pulsão não se enlaçasse numa ideia nem se manifestasse como um estado afectivo, nada poderíamos saber dela", quer com a ideia de pré-concepção, em geral, e em particular com a que se refere ao elemento  $\alpha$  do mito edípico particular, quer com a ideia de sistema protomental, ambas de Bion. Vemos, também, em relação a esta última, ligação com a ideia de Id de Freud.

Outro ponto comum entre Freud e Bion é o de utilizarem o modelo relacional bebé-seio (mãe). Freud como ponto de partida da sexualidade infantil, e Bion para o funcionamento mental. Comparando-o à construção de um edifício, entende-se quanto importante e fundamental é o modo como são feitos os alicerces desse mesmo edifício. Os acabamentos podem ser até de luxo que, se as bases não forem em qualidade e quantidade adequadas, ao primeiro tremor de terra, ou pela sobrecarga, as ligações do edifício psíquico são destruídas, e este desmorona-se e fragmenta-se. É a psicose.

Freud fala-nos da incorporação (fase oral) e da introjecção (fase anal-sádica) como bases do processo de identificação, aspectos que Amaral Dias desenvolve nos seus trabalhos, ou seja, o processo de estruturação dentro do self. A identificação é de importância fundamental para o modo como o sujeito se sente a si próprio, e como se situa face aos outros.

Quando Freud se refere à descoberta do objecto externo pelo bebé (diferenciação entre Eu e não-Eu) na fase oral, pela constatação da falta presencial do objecto anaclítico, faz-nos pensar em Bion, quando este diz que o pensamento (conceito, em Amaral Dias) surge na falta (conjunção da pré-concepção com a realização negativa).

Freud, ao falar sobre a resposta que as crianças dão quanto à origem dos bebés, por exemplo, vemos aí, de novo, a relação, o entrelaçamento, entre o saber acerca do mundo (interno e externo), os interesses (fases libidinais), e os meios de que a criança dispõe para alcançar esse saber (aparelho para pensar os pensamentos), em cada uma das fases do desenvolvimento libidinal.

Freud aponta a fixação e a regressão a fases precoces do desenvolvimento psicosexual como fonte da psicose, na qual realiza-se a retirada do investimento da libido objectal e faz-se o desvio desta para o investimento libidinal no Eu. A fixação e regressão ao estado narcísico conduz ao núcleo conflitual da psicose que é o fantasma do desejo homossexual, e às defesas para se proteger desse mesmo desejo (delírio de ciúme, delírio de perseguição, erotomania,

negação total). Nestas defesas vemos o uso da projecção, assunto (identificação projectiva patológica) que se encontra extensamente descrito nos trabalhos de Bion, e de Amaral Dias.

No psicótico impera o princípio de prazer, onde predomina a acção e a tentativa de satisfazer de imediato os seus desejos. Na psicose não predomina o pensamento como contentor, transformador, e possibilitador do adiamento da acção. Sob o primado do pensamento, do princípio de realidade, o sujeito tenta modificar adequadamente a realidade. Na psicose, o indivíduo, intolerante à dor mental, desliga-se e alheia-se das realidades, vivendo sob o império do funcionamento psíquico do princípio de prazer. O psicótico, como diz Bion, nem pode sonhar, nem adormecer, nem acordar. O psicótico vê-se a si próprio e aos outros como objectos não vivos (não há percepção dos sentimentos, e não há capacidade para abstracção). Para o psicótico é-lhe intolerável o contacto com as realidades, o contacto com a verdade.

Se pudéssemos concentrar numa linha a contribuição chave de cada um dos autores (Freud, Bion, Amaral Dias) diríamos que, se Freud escreveu que há inter-relação entre os processos da libido e os do Eu (perturbações da libido interferem nos investimentos (interesses) do Eu, assim como, modificações anormais do Eu conduzem a perturbações nos processos libidinais), Bion escreveu que o tornar-se sexual é inerente à maturação física, mas o amor real não é função da pessoa amada, mas da que ama, e isto é inerente à maturação mental, e Amaral Dias escreveu que o que permite o conhecimento é o método e não o seu objecto.

## 2) *Entrelaçamento de fios do caso clínico com fios de teoria.*

Ao pegarmos na primeira página do caso clínico confrontamo-nos com a sexualidade na psicose. Começa, este pré-adolescente psicótico, por nos dizer que, o seu próprio pénis está autónomo (clivagem) e automático, e que através da identificação projectiva patológica, num sistema paranóide, esse mesmo pénis (e também, mais adiante, as suas próprias mãos) colocou-se contra o sujeito. Mais, vê-se a identificação projectiva no ficar mal encarado (vergonha), projectando nos outros as suas partes persecutórias que o ridicularizam e o humilham . (No final da 3ª sessão vemos, também, o uso da identificação projectiva, quando ele se faz colocar dentro da mãe, "a minha mãe é como se fosse um homem", abolindo aí mesmo a distância entre ambos). Seguidamente o paciente fala-nos da sua masturbação, que no dizer de Amaral Dias serve para preencher um vazio, mas não tem a ver com a sexualidade. E fala-nos da sua masturbação como local onde há uma proximidade excessiva entre o paciente e a sua mãe (na 3ª sessão o pai e a mãe, e na 6ª sessão, de novo, com a mãe), ou seja, onde falha o afastamento (pais-filho) e o recalçamento, que os sujeitos normais realizam em face dos desejos incestuosos. É como se, para a parte psicótica da personalidade, que nele domina, ele se tivesse autogerado (não tem pai, não tem mãe)), destruindo a diferença de gerações. Pai e mãe, individualmente e como casal combinado não existem internamente para ele ( a não ser na parte não-psicótica da personalidade), mas apenas simples pessoas, o que leva a que a relação dele com o pai e com a mãe sofra dos mesmos problemas que com as outras pessoas. Apesar de tudo, o modo que ele encontrou de preservar o pai e a mãe foi o de não se aproximar deles, não deixando que, com a aproximação, as partes fragmentadas e autónomas passem à acção, desligadas da realidade.

Como se pode ler, daquilo que o paciente diz, não é ele que se encontra com uma mulher numa relação amorosa, é o pénis dele (estragado) que se vai

encontrar com a vagina de uma mulher. E, por isso mesmo, espanta-se com a ideia de ter relações com aquelas mulheres, ou seja, o arcaboço psíquico não está preparado, longe disso, para a totalidade da relação, não está até, por vezes, para, apenas, partes fragmentadas dele próprio com partes do objecto. No sentido de que, esse objecto parcial serve para uso e usufruto de uma parte fragmentada do corpo do sujeito (parte desligada dele próprio e autónoma). (Também, na sessão do dia 15/7/92, quando ele descreve a cena do autocarro e diz "ele já estava a imaginar que, ela [rapariga loira] lhes iria chupar o pénis, e que eles iriam esporrar-lhe em cima", vemos, quer o uso da identificação projectiva que ele fez sobre os três rapazes que tinham entrado no autocarro, quer o uso do outro, como uma coisa, para satisfação do próprio). Ele fracciona o objecto tal como se fraccionou a ele mesmo.

No final da primeira sessão vemos o uso que o paciente faz da equação simbólica e lógica simétrica ao substituir a acção do sobe e desce do coito pela acção do sobe e desce das escadas.

A importância da relação mútua entre a coisa sexual e o psiquismo, e a importância das consequências, para ambas, dessa relação podemos vê-la no comentário que Amaral Dias faz, ao final da 1ª sessão: "Esta coisa de ele ter descoberto o corpo e o pénis, é uma coisa que ele sente, que o está a destruir, e que está a destruir a relação dele com a realidade. Que é uma excitação de tal maneira tremenda dentro dele, que ele não sabe o que há-de fazer com isso. Está a sentir, que isso o está a desorganizar, a fazer-lhe mal", ou seja, que o facto de o paciente não poder conter em si e pensar essa excitação mental, de não poder tolerar a enorme dor mental que ela lhe traz, leva-o a desorganizar-se e a romper os laços com a realidade, o que o conduz a uma masturbação compulsiva, onde não há prazer algum (o pensar, o sonhar são substituídos pela acção). Destrói-se, assim, os mundos, as suas significações, e as suas relações.

Na sessão do dia 15/7/92, acerca da cena do autocarro, em que o paciente diz à mãe "que se ela queria ir para a cama com o miúdo, que fosse [...].

Explica ele, que a mãe tinha olhado de baixo a cima os rapazes, e o pai a ver aquilo, e não fazia nada", estamos inteiramente de acordo com Amaral Dias quando ele comenta que, para além do uso da identificação projectiva, pondo a parte doente da mente do paciente dentro da mãe dele, ele gostaria de ter dentro dele um pai amadurecido que lhe interditasse os pensamentos incestuosos, e uma mãe sadia que lhe mostrasse que o homem dela é o pai do paciente, que ele pudesse ter dentro dele pais fortes e bons, sadios e vivos, que lhe pudessem conter e transformar esta parte psicótica da mente dele, protegendo-o assim desta sexualidade doentia, não o deixando só com esta mente dele louca que o poderá transformar numa besta demoníaca, num bebé louco possuidor de um pénis maligno (dentro da sua mente), que ataca e destrói sexualmente a imagem materna e a imagem paterna.

O início da sessão do dia 12/11/93 poderá ser emparelhado com um exemplo que Bion nos fornece sobre a identificação projectiva que o psicótico poderia fazer de um dos seus sentidos sobre um aparelho de TV, e que aqui o paciente, ao falar do gravador marado, faz a projecção da sua parte mental marada (consequência da falha da função de rêverie e, ou, da intolerância excessiva do bebé-paciente à frustração, à dor mental). Ao associar esta mente-gravador marada com a porcária da braguilha-pénis, ele diz-nos que é com este pénis-gravador estragado que ele regista a realidade, e por isso esta fica distorcida, errada, quer dizer, a relação com ele mesmo, e a relação com os outros está marada-errada.

Diz-nos o paciente através do uso que ele faz da identificação projectiva, de partes suas para dentro das duas médicas, que ele está em permanente atenção-vigilância ao seu próprio pénis, e por isso fica com deficiente atenção ao seu funcionamento mental, e à relação que estabelece com os outros (que interfere no contacto emocional, impedindo-o de receber dos outros bons objectos), ou, como diz Amaral Dias "tudo se passa em função deste pénis, que grava conversas, claro que é um gravador estragado".

Um outro aspecto, este relativo à inveja, poderá ser observado neste paciente, quando ele, como diz Amaral Dias, compára as calças (pénis) dele mesmo,

que não prestam, com as calças (pénis) do psicoterapeuta, que para o paciente são bonitas, e pergunta se o psicoterapeuta quer trocar com ele as calças. Quer isto dizer que o aparelho psíquico do psicótico pretende apossar-se, invejosamente, dos aspectos idealizados e contidos no outro, e ao mesmo tempo evacuar no interior deste os aspectos de si próprio intoleráveis à sua mente.

### VIII) Conclusão

Pensamos que ao longo desta dissertação ficou demonstrada a nossa hipótese: Que a sexualidade é função muito mais do estado psíquico do que do estado biológico; que a complexificação que, normalmente, um e outro (mente e biológico) vão sofrendo ao longo da sua evolução, conduz a que, sejam diferentes o estado sexual da mente da criança do estado sexual da mente do adulto; que a sexualidade no psicótico (e em todos os outros seres humanos) é o espelho do seu funcionamento mental.

Terminarei com uma citação de Amaral Dias: " A vagina ou o pénis para o coito todos nós temos desde que nascemos. O problema, é como é que nós o concebemos na nossa mente".

## Bibliografia

*Alvarez, Anne* "Falhas na Vinculação: Ataques ou Deficiências?", in *Bion em São Paulo: Ressonâncias* (cap. Sexualidade e Pensamento), Ed. Maria Olympia de A. F. França, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, 1997

*Amaral Dias, Carlos*

1988 — Para uma Psicanálise da Relação, Edições Afrontamento, Porto.

1995 — (A) Re-Pensar, Edições Afrontamento, Porto.

1997 — Tabela para uma Nebulosa, Ed. Fim de Século Edições Lda, Lisboa.

1998 — A Psicanálise em tempo de Mudança, Edições Afrontamento, Porto. (este livro tem também como autor Manuela Fleming).

*Apollinaire, Guillaume* Os Onze Mil Vergalhos, Editora Arcádia, Lisboa, 1975.

*Bion, Wilfred Ruprecht*

1950 O Gêmeo Imaginário in *Estudos Psicanalíticos Revisados* (Second Thoughts, 1967), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1994, 3ªed.

1953 Notas Sobre a Teoria da Esquizofrenia in *Estudos Psicanalíticos Revisados* (Second Thoughts, 1967), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1994, 3ªed.

A Linguagem e o Esquizofrénico in *Novas Tendências na Psicanálise*, Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1980, 2ªed.

1956 Desenvolvimento do Pensamento Esquizofrénico in *Estudos Psicanalíticos Revisados* (Second Thoughts, 1967), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1994, 3ªed.

- 1957** Sobre Arrogância in Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts, 1967), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1994, 3ªed.
- 1957(a)** Diferenciação Entre a Personalidade Psicótica e a Personalidade Não-Psicótica in Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts, 1967), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1994, 3ªed.
- 1958** Sobre Alucinação in Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts, 1967), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1994, 3ªed.
- 1959** Ataques à Ligação in Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts, 1967), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1994, 3ªed.
- 1961** Recherches Sur les Petits Groupes (Experiences in Groups and Other Papers, 1961), Presses Universitaires de France, Paris, 1987, 5ªed.
- 1962** Uma Teoria Sobre o Pensar in Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts, 1967), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1994, 3ªed.
- 1962(a)** O Aprender com a Experiência (Learning from Experience, 1962), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1991.
- 1963** Elementos em Psicanálise (Elements of Psychoanalysis, 1963), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1991.
- 1965** Transformations. Passage de l'Apprentissage à la Croissance (Transformations. Change from Learning to Growth, 1965), Presses Universitaires de France, Paris, 1982.
- 1967** Notas Sobre Memória e Desejo in Melanie Klein Hoje. Desenvolvimento da Teoria e da Técnica. Vol.2: Artigos Predominantemente Técnicos., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1990.
- 1970** A Atenção e Interpretação. O Acesso Científico à Intuição em Psicanálise e grupos (Attention and Interpretation. A Scientific Approach to Insight in Psycho-Analysis and Groups, 1970), Imago editora, Rio de Janeiro, 1991.
- 1974** Conferências Brasileiras 1, São Paulo/1973 (Bion's Brazilian Lectures 1 — São Paulo 1973, 1974), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1975.

- 1975** Uma Memória do Futuro I — O Sonho (A Memoir of the Future — The Dream, 1975), Martins Fontes Editora, São Paulo, 1989.
- 1978/1980** Conversando com Bion [Quatro Discussões com W. R. Bion (1978), Bion em Nova Iorque e em São Paulo (1980)] (Four discussions with W. R. Bion & Bion in New York and São Paulo, 1978 & 1980), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1992.
- 1991** Uma Memória do Futuro Vol.II: O Passado Apresentado (A Memoir of the Future 2: The Past Presented, 1991), Imago editora, Rio de Janeiro, 1996.
- 1991(a)** Uma Memória do Futuro Vol.III: A Aurora do Esquecimento (A Memoir of the Future 3: The Dawn of Oblivion, 1991), Imago Editora, Rio de Janeiro, 1996.
- Dante Alighieri* A Divina Comédia, Bertrand Editora, Lisboa, 1997, 3ªEd.
- Ferro, Antonino* "Sexualidade como Gênero Narrativo, ou Dialeto, na Sala de Análise", in Bion em São Paulo: Ressonâncias (cap. Sexualidade e Pensamento), Ed. Maria Olympia de A. F. França, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, 1997
- Freud, Sigmund*
- 1901[1905]** Fragment d'une Analyse d'Hystérie (Dora) in Cinq Psychanalyses, Presses Universitaires de France, Paris, 1979, 9ª ed..
- 1905** Três EnsaioS Sobre a Teoria da Sexualidade, Edições Livros do Brasil, Lisboa.
- 1908** Teorias Sexuales Infantiles in Obras Completas Tomo II, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..

- 1909                      Analisis de la Fobia de un Niño de Cinco Años (Caso «Juanito») P1366/7 nota 755 in Obras Completas Tomo II, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1910[1911]              Remarques Psychanalytiques sur l'Autobiographie d'un Cas de Paranoia (Dementia Paranoides) (Le Président Schreber) in Cinq Psychanalyses, Presses Universitaires de France, Paris, 1979, 9ª ed..
- 1910/1[1911]            Los Dos Principios del Funcionamiento Mental in Obras Completas Tomo II, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1914                      Introduccion al Narcisismo in Obras Completas Tomo II, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1915                      Los Instintos y Sus Destinos in Obras Completas Tomo II, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1915(a)                 La Represion in Obras Completas Tomo II, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1915(b)                 Lo Inconsciente in Obras Completas Tomo II, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1915[1917]             Adicion Metapsicologica a la Teoria de los Sueños in Obras Completas Tomo II, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1916/7[1917]         La Vie Sexuelle de l'Homme in Introduction à la Psychanalyse, Petite Bibliothèque Payot, Paris, 1976
- 1916/7[1917]         Développement de la Libido et Organisations Sexuelles in Introduction à la Psychanalyse, Petite Bibliothèque Payot, Paris, 1976.
- 1916/7[1917]         Points de Vue du Développement et de Régression. Étiologie in Introduction à la Psychanalyse , Petite Bibliothèque Payot, Paris, 1976.

- 1916/7[1917] La Théorie de la Libido et le «Narcissisme» in Introduction à la Psychanalyse, Petite Bibliothèque Payot, Paris, 1976.
- 1919 Pegan a un Niño. Aportacion al Conocimiento de la Genesis de las Perversiones Sexuales in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1919/20[1920] Au-Dela du Principe du Plaisir in Essais de Psychanalyse, Petite Bibliothèque Payot, Paris, 1979.
- 1920 Sobre la Psicogenesis de un Caso de Homosexualidad Femenina in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1920/1[1921] Psychologie Collective et Analyse du Moi in Essais de Psychanalyse, Petite Bibliothèque Payot, Paris, 1979.
- 1921[1922] Sobre Algunos Mecanismos Neuroticos en los Celos, la Paranoia y la Homosexualidad in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1922[1923] Psicoanálisis y Teoría de la Libido in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1923 La Organización Genital Infantil (Adición a la Teoría Sexual) in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1923(a) Le Moi et le Ça in Essais de Psychanalyse, Petite Bibliothèque Payot, Paris, 1979.
- 1923[1924] Neurosis y Psicosis in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1924 La Pérdida de la Realidad en la Neurosis y en la Psicosis in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1924(a) La Disolución del Complejo de Edipo in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..

- 1925 La Negacion in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1925(a) Algunas Consecuencias psicicas da la Diferencia Sexual Anatomica in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1927 Fetichismo in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1931 Sobre la Sexualidad Femenina in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1937 Analisis Terminable e Interminable in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1938[1940] Escision del «Yo» en el Proceso de Defesa in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- 1938[1940](a) Compendio del Psicoanálisis in Obras Completas Tomo III, Biblioteca Nueva, Madrid, 1981, 4ª ed..
- Grinberg, León, e Darío Sor, e ElizaBeth Tabak de Bianchedi, Introdução às Idéias de Bion, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1973.*
- Guin, Ursula Le* Os Túmulos de Atuan, Edição «Livros do Brasil» Lisboa.
- Klein, Melanie*
- 1930 A Importância da Formação de Símbolos no Desenvolvimento do Ego in Obras Completas de Melanie Klein Vol. I Amor Culpa e Reparação e Outros Trabalhos, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1996.
- 1946 Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides in Obras Completas de Melanie Klein Vol. III Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1991, 2ª ed.

- 1952 Algumas Conclusões Teóricas Relativas à Vida Emocional do Bebê in Obras Completas de Melanie Klein Vol. III Inveja e gratidão e Outros trabalhos, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1991, 2ª ed.
- 1955 Sobre a Identificação in Obras Completas de Melanie Klein Vol.III Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1991, 2ª ed.
- 1957 Inveja e Gratidão in Obras Completas de Melanie Klein Vol. III Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1991, 2ª ed.
- Laplanche, J., e, Pontalis, J.-B., Vocabulário de Psicanálise, Moraes Editores, Lisboa, 1976, 3ª ed..*
- Pankov, Gisela. O Homem e a sua Psicose, Assírio & Alvim, Lisboa, 1975.*
- Rezende, António Muniz de , Bion e o Futuro da Psicanálise, Papyrus Editora, Campinas, 1993.*
- Rycroft, Charles. Dictionnaire de la Psychanalyse, Marabout Université, Verviers, 1972.*
- Machado, José Pedro.*
- 1990 Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Livros Horizonte, Lisboa, 6ª ed..
- 1991 Grande Dicionário da Língua Portuguesa , Publicações Alfa, Lisboa.

*Menezes, Luís Carlos* "Sexualidade e Pensamento", in *Bion em São Paulo: Ressonâncias* (cap. Sexualidade e Pensamento), Ed. Maria Olympia de A. F. França, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, 1997

*Nosek, Leopold* "Pensamento e Sexualidade", in *Bion em São Paulo: Ressonâncias* (cap. Sexualidade e Pensamento), Ed. Maria Olympia de A. F. França, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, 1997

*Camões, Luís Vaz.* Sonetos, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1990

*Platão,* O Banquete, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1977.

*Platão,* Fedro, Guimarães Editores, Lisboa, 1994.

*Platão,* A República, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996, 8ª ed.

Sapienza, Antônio e Junqueira Filho, Luiz Carlos Uchôa "Eros Tecelão de Mitos — ΕΡΟΣΜΤΘΟΠΛΟΚΟΣ", in *Bion em São Paulo: Ressonâncias* (cap. Sexualidade e pensamento), Ed. Maria Olympia de A. F. França, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, 1997

*Shakespeare, William* Romeu e Julieta, Publicações Europa-América, 2ª ed.

*Sófocles* Édipo Rei, Editorial Inquérito, Lisboa, 1992, 7ª ed.